Retiro de encerramento da Quaresma de São Miguel dias 28, 29 e 30 de setembro.

Reze todos os dias com Padre Alex Nogueira pelo Canal do Youtube.

Quaresma de São MIGUEL 2021

DE 15 DE AGOSTO A 28 DE SETEMBRO

DEUS CARITAS EST

Quaresma de São MIGUEL

Do Gênesis ao Evangelho: A realização das promessas *de Deus*

Av. Ayrton Senna da Silva, 1055 - Guanabara, Londrina - PR, 86050-460

www.padrealexnogueira.com

Reservam-se os direitos desta edição à
PADRE ALEX NOGUEIRA

Todos os direitos reservados. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição, através de qualquer meio ou forma.

Diretor Geral:
Padre Alex Nogueira

Direção de Criação:
Daniel Ávila

Projeto Gráfico:
Danilo Augusto

Edição:
Ávila Comunicação

Diagramação:
Euller José

Revisão:
Felipe Ribeiro

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....8

15 DE AGOSTO: Gênesis - Deus quer fazer uma aliança conosco.....12

16 DE AGOSTO: Êxodo - Da terra da escravidão rumo à Terra Prometida.....18

17 DE AGOSTO: Levítico - Sede santos, como eu Sou santo.....27

18 DE AGOSTO: Números - No deserto, Deus caminha conosco.....34

19 DE AGOSTO: Deuteronômio - Escolhe, Pois, a Vida.....41

20 DE AGOSTO: Josué - A fé derruba muralhas.....48

21 DE AGOSTO: Juízes - Os Ciclos de Queda e de Misericórdia.....55

22 DE AGOSTO: Rute - Confiança, Providência e a Linhagem do Rei Davi.....63

23 DE AGOSTO: 1 Samuel - Deus vê o coração.....69

24 DE AGOSTO: 2 Samuel - Arrependimento e misericórdia.....75

25 DE AGOSTO: 1 Reis: A glória e a divisão de um Reino.....83

26 DE AGOSTO: 2 Reis - O Exílio e a Esperança.....90

27 DE AGOSTO: 1 Crônicas - O Chamado à Fidelidade e ao Culto Verdadeiro.....99

28 DE AGOSTO: 2 Crônicas - O templo, o coração e a esperança que não acaba.....107

29 DE AGOSTO: Esdras - A reconstrução do Templo e do povo de Deus.....115

30 DE AGOSTO: Neemias - A mão de Deus está comigo..... 122

31 DE SETEMBRO: Tobias - Santidade da Vida Familiar.....128

01 DE SETEMBRO: Judite - O Triunfo da fé e da humildade sobre o poder..... 134

02 DE SETEMBRO: Ester - Coragem e fidelidade ao Senhor.....140

03 DE SETEMBRO: 1 Macabeus - Resistência por amor e fidelidade a Deus.....147

04 DE SETEMBRO: 2 Macabeus - Antes morrer do que pecar..... 154

05 DE SETEMBRO: Jó - De onde vem os sofrimentos do justo?.....161

06 DE SETEMBRO: Salmos - Cantemos louvores a De us.....168

07 DE SETEMBRO: Provérbios - A vida virtuosa é ver- dadeira sabedoria.....175

08 DE SETEMBRO: Eclesiastes - Tudo é vaidade, exceto servir e amar a Deus.....181

09 DE SETEMBRO: Cântico dos Cânticos - A união esponsal entre Deus e a alma.....187

10 DE SETEMBRO: Sabedoria - Dom do Alto para nossa salvação.....193

11 DE SETEMBRO: Eclesiástico (Sirácida) - O livro de todas as virtudes.....199

12 DE SETEMBRO: Isaías - O Evangelista do Antigo Testamento.....205

13 DE SETEMBRO: Jeremias - O profeta das dores.....212

14 DE SETEMBRO: Lamentações - As ruínas da Cidade Santa.....220

15 DE SETEMBRO: Baruc - Penitência e conversão, um caminho para a sabedoria.....224

16 DE SETEMBRO: Ezequiel - Um novo espírito e um novo coração.....230

17 DE SETEMBRO: Daniel - O Reino de Deus é inabalável 237

18 DE SETEMBRO: Oseias - O matrimônio entre Deus e a humanidade.....243

19 DE SETEMBRO: Joel - Rasgai os vossos corações....249

20 DE SETEMBRO: Amós - A Religião que Agrada a Deus.....255

21 DE SETEMBRO: Abdias - Deus não suporta a injustiça.....261

22 DE SETEMBRO: Jonas - A fuga de Deus e o chamado à conversão 266

23 DE SETEMBRO: Miquéias - De Belém virá a Esperança.....272

24 DE SETEMBRO: Naum - Deus derruba os Poderosos.....280

25 DE SETEMBRO: Habacuc - O Justo viverá pela Fé...286

26 DE SETEMBRO: Sofonias - O "Pequeno Resto" dos humildes.....293

27 DE SETEMBRO: Ageu - O Tempo de Reconstruir.... 300

28 DE SETEMBRO: Zacarias - O Profeta da Esperança Messiânica.....306

29 DE SETEMBRO: Malaquias - O anúncio do precursor e do Messias 312

ORAÇÕES DIÁRIAS

1. PEQUENO EXORCISMO DE LEÃO XIII.....318

2. LADAINHA DE SÃO MIGUEL ARCANJO.....318

3. CONSAGRAÇÃO A SÃO MIGUEL ARCANJO.....322

4. ORAÇÃO FINAL.....323

INTRODUÇÃO

A Quaresma de São Miguel é um tempo de oração, penitência e renovação espiritual. A cada ano, somos chamados a entrar neste combate espiritual com mais seriedade, mas também com mais esperança. Não caminhamos sozinhos. Deus nos assiste com a sua graça, sustenta-nos em nossas fraquezas e envia-nos o auxílio dos seus santos anjos. Entre eles, São Miguel Arcanjo se levanta como sinal de proteção, fortaleza e fidelidade. Ele nos recorda que a vida cristã é uma batalha, mas uma batalha que já possui uma promessa de vitória para aqueles que permanecem unidos ao Senhor.

Neste ano de 2026, nossa Quaresma de São Miguel será iluminada pelo Antigo Testamento. Ao longo dos dias, conheceremos os livros da Antiga Aliança e meditaremos sobre a nossa própria vida à luz da Palavra de Deus.

Em cada página da História Sagrada, veremos um Deus que chama, corrige, conduz, perdoa e prepara o seu povo para a plenitude da salvação. O Antigo Testamento não é apenas memória do passado: é escola de fé, de perseverança, de temor de Deus, de esperança nas promessas divinas e de verdadeira sabedoria para o coração.

São Miguel nos acompanhará neste caminho como defensor nas lutas interiores e como auxílio contra tudo aquilo que deseja nos afastar de Deus. Muitas vezes, o maior combate não acontece fora de nós, mas dentro da alma: contra o pecado, a tibieza, o desânimo, o orgulho, a falta de confiança e as tentações que procuram enfraquecer nossa fidelidade. Por isso, pedir a intercessão de São Miguel é pedir a graça de permanecermos firmes, vigilantes e obedientes à voz do Senhor. Ele nos ajuda a recordar que a verdadeira sabedoria não está em viver segundo os

pensamentos do mundo, mas em deixar-se formar pela Palavra de Deus.

Que este livro de meditações seja, portanto, um caminho simples e profundo de conversão. A cada dia, ao contemplarmos um livro da Antiga Aliança, peçamos que Deus purifique nossa inteligência, fortaleça nossa vontade e inflame nosso coração. Que São Miguel Arcanjo nos defenda nos combates, conduza-nos à humildade, desperte em nós o amor pela Sagrada Escritura e nos ajude a perseverar até o fim. Com fé, iniciemos esta jornada confiando que o Senhor, que começou em nós a sua obra, também nos dará a graça de completá-la.

Sua oração alcança milhares de pessoas e existem milhares de pessoas rezando por você!

Graças a você e todas as pessoas que rezam diariamente com o Padre Alex, **conseguimos criar uma comunidade online onde milhares de pessoas se unem diariamente para rezar todos os dias,** de todos os lugares do mundo e em diversas redes sociais.

Permanecemos unidos e fortes nesta quaresma de São Miguel, **rezando por todas as suas intenções e pelas intenções de todos que rezam conosco diariamente.**

DEUS CARITAS EST

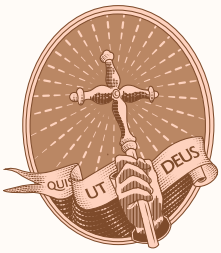
O SEU SIM PARA DEUS E PARA A VIDA ESPIRITUAL ATINGE OUTRAS MILHARES DE ALMAS!

Siga firme durante essa quaresma e saiba que o padre Alex e todas as pessoas que são alcançadas por este apostolado estão juntos com você!

15 de Agosto

GÊNESIS - DEUS QUER FAZER UMA ALIANÇA CONOSCO

Quaresma de São MIGUEL



A palavra hebraica que abre o primeiro livro da Sagrada Escritura é *Beresit* — "No princípio". Nele contemplamos o princípio do mundo, da humanidade, do pecado, da promessa e da esperança de redenção. Mas, para além de histórias do passado, o Gênesis revela em cada personagem e em cada história, também a trajetória da nossa vida espiritual, e o início de nossa comunhão com Deus: Ele deseja fazer uma aliança conosco.

Antes de tudo, é preciso saber que o livro do Gênesis não pretende ser um tratado científico sobre a criação do universo. Ele é, em primeiro lugar, uma proclamação de fé: *o mundo é bom, pois foi feito por um Deus bom; o homem*

é precioso, pois foi feito à imagem desse Deus. Portanto, o homem foi criado para viver em amizade com o Senhor, mas o pecado rompeu essa comunhão. O homem, dotado de liberdade, a utilizou para afastar-se de Deus. Adão e Eva, nossos primeiros pais, reconhecem, então, que longe de Deus só existe nudez, medo e exílio. Quantas vezes não reconhecemos, em nossa própria história pessoal, esse mesmo movimento? A liberdade recebida como dom que deveria ser usada para amar o Criador, devido ao nosso orgulho, abre uma chaga de pecado em nossa alma.

Após a queda de Adão, após o drama de Caim, após o dilúvio de Noé, após a dispersão de Babel — Deus volta a buscar o homem. Ele não espera ser procurado; Ele vai ao encontro, quer fazer aliança com os homens e restaurá-los.

O ponto de inflexão do Gênesis é a chamada de Abraão, ao qual Deus diz simplesmente:

"Sai da tua terra" (Gn 12,1), e Abraão obedece. Não porque compreendeu tudo. Não porque tinha garantias humanas. Sai porque Deus falou, e isso lhe foi suficiente. Nesse gesto simples e descomunal, Abraão torna-se o "pai da fé". Sua vida nos ensina que a santidade começa quando a alma aprende a confiar mais na Palavra de Deus do que em si mesma. A cada prova — a esterilidade de Sara, as longas esperas, o sacrifício de Isaac — Abraão é purificado para amar a Deus acima de tudo. Assim também acontece conosco: o Senhor permite desertos, demoras e cruzes para formar em nós uma fé madura e obediente.

Em Jacó, que luta durante toda a noite até receber a bênção divina, vemos a imagem da nossa vida interior. Toda alma que deseja sinceramente a Deus precisará lutar: lutar contra o pecado, contra as paixões desordenadas, contra o desânimo e até contra as aparentes ausências de Deus. A oração verdadeira é

combate perseverante. E aqueles que perseveram, ainda que feridos, recebem um novo nome e um novo coração.

Por fim, o livro termina com a história de José do Egito. Vendido pelos irmãos, humilhado e injustiçado, a história de José revela mais do que a trajetória de um homem, é uma catequese sobre a Providência Divina. O mal que os homens tramaram, Deus o reverteu em bem. O que parecia ruína, tornou-se salvação. Quantas vezes também nós não compreendemos os caminhos pelos quais o Senhor nos conduz? Mas devemos ter fé que Ele tem o controle de tudo em suas mãos.

Por fim, todo o livro aponta para Jesus Cristo. Isaac carregando a lenha do sacrifício, Melquisedeque oferecendo pão e vinho, Judá recebendo o cetro real: tudo anuncia o Salvador. Ainda que por figuras, o Gênesis nos revela: Deus não nos abandona jamais, Ele preparou um salvador para nós. Se você

está aqui neste primeiro dia da Quaresma de São Miguel, acredite, Ele te escolheu e quer transformar a sua vida durante esta jornada de oração.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

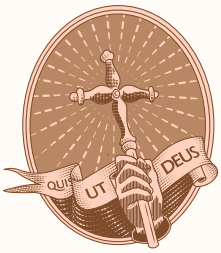
1. Como está a minha fé? Creio que Deus me chamou a viver uma vida na graça, em comunhão com Ele?

2. Qual situação desejo oferecer ao Senhor nesta Quaresma de São Miguel?

16 de Agosto

ÊXODO - DA TERRA DA ESCRAVIDÃO RUMO À TERRA PROMETIDA

Quaresma de São MIGUEL



O livro do Êxodo narra a impressionante história de um povo eleito resgatado da escravidão pelo poder de Deus. O povo de Israel geme sob o peso da escravidão no Egito, e esse gemido sobe até Deus, — e Deus o ouve. A opressão que o povo eleito vivia sob o poder do faraó nos revela que também em nossa vida espiritual o pecado promete segurança, prazer e autonomia, mas termina sempre por escravizar o coração. Mas Deus jamais permanece indiferente ao sofrimento humano. Ele vê as lágrimas do seu povo e desce para libertá-lo. Ele vem ao nosso encontro para nos resgatar.

É numa sarça que arde sem se consumir que Deus se revela a Moisés e lhe entrega o Seu nome eterno: *"Eu Sou Aquele que Sou"*. Deus é. Ele deu a tudo o que existe o seu Ser, portanto, Ele é o princípio e o fim de todas as coisas, inclusive da nossa existência. Os Padres da Igreja contemplaram nessa sarça ardente a figura da Igreja, perseguida pelos séculos mas jamais destruída; e também a imagem da Virgem Maria, que acolheu o Verbo Divino em seu seio sem perder sua integridade, preservando intacta a sua virgindade.

As dez pragas manifestam a soberania absoluta de Deus sobre a natureza e a história e nos revela que nenhum poder humano pode deter a Sua mão quando Ele decide libertar. O faraó endurece o coração porque o orgulho sempre se fecha à graça. Também nós, quando insistimos em nossos pecados, corremos o risco de nos tornarmos cegos espiritualmente. Contudo, Deus continua cha-

mando, corrigindo e oferecendo oportunidades de conversão.

No centro do Êxodo está a Páscoa. Um cordeiro sem defeito é imolado, o seu sangue é aspergido nas ombreiras das portas protegendo-os do anjo exterminador. O cordeiro é morto para que os primogênitos vivam. Esse cordeiro é figura de Jesus Cristo. Com o Seu sangue derramado na cruz, Ele aspergiu as ombreiras da nossa existência e nos livrou da morte eterna. A Páscoa judaica era uma promessa de que um dia o Cordeiro de Deus Se ofereceria a Si mesmo. Também os pães ázimos — sem fermento, feitos às pressas — prefiguram a Eucaristia e nos ensinam que a vida cristã exige prontidão. E a travessia do Mar Vermelho é, por sua vez, figura do Batismo: o homem velho é sepultado nas águas para que uma vida nova comece pela graça.

O deserto dura quarenta anos — não por incompetência de Deus, mas por pedagogia:

Deus precisava educar o Seu povo. A distância entre o Egito e Canaã poderia ser percorrida em quarenta dias; o que levou quarenta anos foi a transformação interior daquele povo. Diante de tantos prodígios, eles ainda suspiravam pelo Egito. Quantas vezes também nós, depois de experimentar a graça, desejamos voltar aos velhos pecados apenas porque o caminho da santidade exige perseverança? Mas o deserto espiritual é o lugar onde Deus purifica a alma.

As provações do deserto têm, cada uma, o seu ensinamento espiritual. As águas amargas de Mara — que Moisés adoça lançando um madeiro nas águas — ensinam que as amarguras da vida só se tornam suportáveis quando nelas é mergulhada a cruz de Cristo. O maná que cai diariamente e não pode ser acumulado para o dia seguinte é uma catequese sobre a confiança: *"o pão nosso de cada dia nos dai hoje"* (Mt 6,11), e uma figura da Eucaristia. A

água que brota da rocha no deserto é figura de Cristo, de cujo lado aberto pela lança jorrarão sangue e água. E os braços erguidos de Moisés durante a batalha nos ensinam que nenhuma vitória espiritual é alcançada sem oração.

No Monte Sinai, Deus entrega a Moisés os Dez Mandamentos. Eles são a garantia de verdadeira liberdade, porque o homem só é livre quando vive segundo a vontade de Deus. Fora dela permanece sempre escravo de si mesmo. Os mandamentos refletem a lei natural inscrita na consciência de todo ser humano. Mas foi necessário que Deus os revelasse, porque o pecado obscurece a razão e enfraquece a vontade. Com Jesus, esses mandamentos recebem a sua plenitude nas bem-aventuranças e nos conselhos evangélicos.

Enquanto Moisés ainda está no monte recebendo a Lei, o povo embaixo ergue um bezerro de ouro para adorar. Quarenta dias

apenas separam a teofania do Sinai desta idolatria vergonhosa. Quarenta dias! Devemos nos perguntar: quanto tempo levamos nós, após uma graça recebida, para nos voltarmos novamente aos nossos ídolos? Diante daquela rebelião, Deus ouve a intercessão de Moisés e não destrói o povo, embora os castiguem. Esta cena prefigura a mediação universal de Cristo. Assim, a misericórdia se revela como a fidelidade de Deus à Sua própria Aliança, mesmo quando nós a violamos.

O livro termina com a construção do Santuário e com a nuvem da presença divina, revelando que Deus não quer apenas libertar-nos do pecado; Ele deseja habitar em nós, conduzir-nos pelo deserto desta vida e fazer-nos chegar à verdadeira Terra Prometida, que é a eternidade.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Quais são as situações de pecado que preciso me libertar com o auxílio da graça de Deus?

2. Sigo os mandamentos com fidelidade? Quais são os ídolos que me afastam do Senhor?

DEUS CARITAS EST

Você conhece a obra da Igreja e Mosteiro do Preciosíssimo Sangue?

Há alguns anos iniciamos a construção da Igreja Mosteiro Preciosíssimo Sangue em Carlópolis, no Paraná.

Iniciar essa construção foi um grande passo de fé e abandono na Divina Providência e Graças a ajuda de milhares de pessoas, as obras estão progredindo.

Nos próximos anos esse será um local onde Missas serão celebradas, orações serão ofertadas, almas serão salvas. Uma obra que vai ficar para as próximas gerações.

AJUDE NA CONSTRUÇÃO FAZENDO UMA DOAÇÃO DE QUALQUER VALOR:

SICREDI
Razão social:
Mosteiro Preciosíssimo Sangue
CNPJ: 51.413.592/0001-04
Agência: 0720
Conta Corrente: 69839-2
PIX: 43 99148 5767 (celular)

Clique aqui

e veja o progresso da obra

Que Deus te abençoe!

17 de Agosto

LEVÍTICO - SEDE SANTOS, COMO EU SOU SANTO

Quaresma de São MIGUEL

O livro do Levítico talvez seja, para muitos, um dos textos mais difíceis da Sagrada Escritura. Repleto de normas, sacrifícios, ritos e prescrições, ele pode parecer distante da nossa realidade. Porém, em cada detalhe deste livro, existe uma verdade profundamente espiritual: Deus chama o homem à santidade. *"Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo."* (Lv 19,2). Aquele povo liberto da escravidão do Egito precisava aprender a viver como povo consagrado. A libertação exterior precisava transformar-se numa libertação interior. Assim também acontece conosco. Deus nos tira do pecado, mas deseja purificar nossos pensamentos, afetos, desejos e atitudes, até

que toda a nossa vida se torne um culto agradável a Ele. Assim, descobrimos que a santidade não é um privilégio de poucos, mas a vocação de todos os que pertencem a Deus.

O livro dedica vários capítulos para explicar como deveriam ser os sacrifícios oferecidos a Deus. Os **holocaustos**, nos quais a vítima era consumida inteiramente pelo fogo, expressavam a adoração total — o reconhecimento de que tudo pertence a Deus. Os animais oferecidos deviam ser sem defeito, íntegros, porque a oferta a Deus há de ser sempre o melhor que o homem possui. Esta exigência nos interroga: o que oferecemos a Deus na nossa vida — o que sobra, o desprezível, o que já não nos serve? Ou verdadeiramente o melhor de nós? Quantas vezes oferecemos ao mundo nosso entusiasmo e deixamos para Deus apenas o cansaço da alma?

Nos **sacrifícios de expiação** exige-se um gesto interior decisivo: a confissão do pecado.

Antes do sangue ser derramado sobre o altar, havia uma palavra pronunciada em humildade. Este gesto prefigura com clareza o Sacramento da Penitência e nos recorda que Deus não perdoa quem não reconhece que precisa de perdão. O arrependimento é necessário. Mas todos esses sacrifícios eram apenas uma figura. O único sacrifício capaz de expiar definitivamente o pecado da humanidade seria oferecido pelo próprio Filho de Deus. Cristo, o cordeiro sem defeito, consumado pelo fogo do amor divino.

Deus escolhe Aarão e seus filhos e os institui como sacerdotes. Eles são os mediadores entre Deus e os homens, separados do meio do povo para servir o Altíssimo em santidade. Assim, o óleo derramado sobre a cabeça do sumo sacerdote, escorrendo pela barba, significa a plenitude do sacerdócio; a unção da orelha, da mão e do pé com sangue prepara o sacerdote para escutar a Palavra, praticar o

bem e caminhar retamente. O sacerdócio da Antiga Aliança apontava para o Sumo e Eterno Sacerdote que, com uma única oblação de Si mesmo, purificou para sempre os que se santificam. Cristo se oferece a Si próprio e este sacrifício se torna presente, de maneira incruenta, em cada celebração da Santa Missa.

Pelas leis de pureza ritual, Deus buscava afastar seu povo da morte, da idolatria e da corrupção moral. A impureza ritual não era necessariamente pecado moral, mas era um sinal de que algo no homem ou ao seu redor não estava ordenado à santidade. A lepra, em particular, era figura do pecado. Mas Cristo, ao tocar o leproso, não ficou impuro: fez o impuro tornar-se puro. É exatamente o que Ele faz com cada pecador que Dele se aproxima.

Israel devia viver de tal modo que a sua moral fosse uma revelação da própria santidade de Deus aos olhos das nações. Proibições de

práticas idolátricas, de perversões sexuais, de magia e adivinhação, de desonra à família era uma proteção da dignidade humana contra a degradação a que o paganismo conduzia.

O livro culmina com as festas do calendário litúrgico judaico — o Sábado, a Páscoa, Pentecostes, o Yom Kippur, a Festa dos Tabernáculos — que marcavam o ano inteiro com a memória das obras de Deus. O tempo para Israel era sagrado, porque a história tem um Senhor. E cada festa era uma escola de memória e de esperança. Assim, o Levítico nos ensina que somente quando tudo em nós — pensamentos, palavras, desejos e ações — começa a pertencer verdadeiramente a Deus, a alma encontra a paz para a qual foi criada.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Tenho vivido em estado de santidade? Minha vida manifesta que pertenço inteiramente a Deus?

2. Busco a confissão com frequência e uma vida de oração fervorosa para me manter sempre unido a Deus?

18 de Agosto

NÚMEROS - NO DESERTO, DEUS CAMINHA CONOSCO

Quaresma de São MIGUEL

O livro de Números narra a travessia do povo de Israel desde o Monte Sinai até as planícies de Moab — uma jornada que, em condições normais, duraria semanas, mas que, por causa da infidelidade, se estendeu por quarenta anos. Todo homem que vive a sério a sua fé conhece o deserto, e à vezes ele pode ser muito longo, em virtude das nossas rebeldias. O caminho de Israel revela-se marcado por quedas, murmurações, rebeldias, castigos e misericórdias. Assim, esta jornada é também a imagem da caminhada da Igreja e da nossa própria jornada rumo ao Céu.

Antes de partir do Sinai, Deus ordena que o acampamento seja organizado segundo uma disposição precisa: o Tabernáculo — a tenda

da presença divina — no centro; ao seu redor, os sacerdotes e levitas; e ao redor destes, as outras tribos. A presença de Deus deve ser o centro de toda a existência do povo. Para nós, cristãos, o Tabernáculo encontrou o seu cumprimento perfeito no Sacrário, onde repousa a Presença Real de Cristo sob as espécies consagradas. Mas também se revela como o íntimo de cada alma batizada. São João nos diz que o Verbo *"se fez carne e habitou entre nós"* (Jo 1,14) — e o verbo grego original significa literalmente "acampar". Deus fez morada na nossa humanidade. Isso nos leva a seguinte pergunta: Deus ocupa realmente o centro da nossa vida interior?

A bênção de Aarão — uma das mais antigas da Escritura, e que a Igreja conserva viva na sua liturgia – revela o desígnio de Deus de fazer de nós um povo depositário de suas graças. *"O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor te mostre a sua face e conceda-te a sua*

graça! O Senhor volva o seu rosto para ti e te dê a paz!" (Nm 6,24-26).

Pouco depois de partir do Sinai, o povo começa a murmurar. Reclamam da comida, da água, da liderança de Moisés, do caminho. A murmuração é, no Antigo Testamento, um pecado recorrente e grave porque revela uma desconfiança profunda na bondade de Deus. A murmuração endurece o coração porque nasce da incapacidade de reconhecer a Providência divina. A crise de murmuração contra o Senhor se acentua quando dez dos doze espiões enviados à Canaã regressam com um relatório de derrota antecipada: os habitantes da terra são poderosos demais, as cidades têm muralhas inabaláveis, nós somos como gafanhotos diante deles. Apenas Josué e Caleb discordam — não porque sejam mais fortes, mas porque têm a fé que os outros perderam: *"Se o Senhor se agradar de nós, ele nos dará esta terra."* (Nm 14,8). O homem sem fé

enxerga apenas o tamanho dos seus inimigos; o homem de Deus contempla a grandeza das promessas divinas. Quem somos nós diante das provações da vida? Não é triste quando a voz dos nossos limites fala mais alto do que a voz de Deus? Quando deixamos de acreditar na promessa? O deserto dos israelitas foi prolongado pela sua incredulidade.

Deus deu, então, o castigo e a cura. O povo é mordido por serpentes venenosas e muitos morrem. Mas Deus ordena que Moisés faça uma serpente de bronze, assim todos que olhassem para ela ficariam curados. Um ato de fé simples – erguer os olhos para contemplar o que Deus faz – O próprio Jesus reconheceu neste episódio uma prefiguração da Sua crucifixão: *"Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, assim é preciso que o Filho do Homem seja elevado."* (Jo 3,14). Cristo, elevado na cruz, torna-Se o antídoto universal contra o veneno do pecado. Este é o remédio para a

incredulidade: contemplar o Crucificado com uma fé viva.

O aspecto mais consolador do livro de Números é a fidelidade de Deus. Quando Balaão, o feiticeiro contratado para amaldiçoar Israel, abre a boca, saem bênçãos. Três vezes tenta, três vezes abençoa. Porque Deus havia prometido a Abraão que abençoaria os seus descendentes. O livro conclui-se com uma nova geração de israelitas nas planícies de Moab, em frente à Terra Prometida. Deus renova aquele povo e a promessa feita aos pais se cumprirá nos filhos. Assim, o livro de Números nos ajuda a entender que mesmo quando caímos, murmuramos ou nos revoltamos, o Senhor continua conduzindo a história da nossa salvação com paciência e misericórdia.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

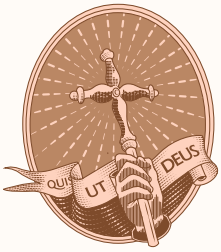
1. Deus está no centro da minha vida? A vida de oração, por exemplo, é uma prioridade dentre as tarefas do meu cotidiano?

2. Tenho o hábito da murmuração? Reconheço que este gesto me afasta da bondade de Deus e me leva à desconfiança do Senhor?

19 de Agosto

DEUTERONÔMIO - ESCOLHE, POIS, A VIDA

Quaresma de São MIGUEL



O livro do Deuteronômio é o último do Pentateuco e o grande testamento espiritual de Moisés. O grande profeta do Antigo Testamento está nas planícies de Moabe junto com seu povo, diante da Terra Prometida, e então ele abre a boca pela última vez para reavivar a Lei de Deus naqueles corações antes da tomada de posse da terra. Mais do que uma simples repetição da Lei, o Deuteronômio é um apelo ardente ao amor, à memória e à fidelidade.

A geração que está diante de Moisés não estava presente nos acontecimentos que ele narra. São filhos daqueles que saíram do Egito

— nascidos no deserto, formados por histórias ouvidas, não por experiências vividas. Moisés sabe que um povo que esquece a sua história está condenado a repetir os seus erros. Então o profeta os convida a olhar para trás e reconhecer que sua história é, antes de tudo, a história da fidelidade divina. Isso nos leva a refletir: quantas vezes percebemos, ao contemplar nossa própria vida, que Deus foi mais fiel a nós do que nós fomos a Ele? O que Moisés quer nos ensinar é que a alma que perde a memória das obras de Deus começa lentamente a afastar-se d'Ele.

Moisés leva aquele povo a compreender que Deus foi um pai amoroso que os guiou com uma pedagogia ímpar. *"O Senhor, vosso Deus, vos carregou, como quem carrega seu filho, por todo o caminho que fizestes até chegar aqui"* (Dt 1,31). Esse Pai merece ser amado e obedecido, pois deseja apenas o bem de seus filhos. Assim, no coração do livro encontra-

mos o Shemá, uma fórmula que se tornou a principal oração dos judeus: *"Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças."* (Dt 6,4-5). A palavra inicial — *Shemá*, "ouve" — tem, em hebraico, um sentido que vai além da percepção auditiva. Significa obedecer, acolher, deixar-se penetrar. Moisés está chamando o povo a gravar a Lei de Deus no coração, para que jamais se esqueçam do Deus que os libertou da escravidão.

Os israelitas gravavam a fórmula do Shemá em pequenas caixinhas que eram atadas ao braço e à testa — as filactérias —, e o inscreviam nas ombreiras das suas portas — a mezuzah —, para que em todo o movimento do corpo e em todo o limiar do lar, a memória de Deus estivesse presente. Assim, a Lei apresentada por Moisés não deve ser entendida como um conjunto frio de regras. Ela é uma

pedagogia divina, um caminho de vida e liberdade interior.

O extenso Código Deuteronômico que se segue ao Shemá, é a tradução concreta de um amor que se expressa em gestos concretos. Leis sobre o santuário único, os dízimos, o cuidado com os pobres, a justiça nos tribunais, a conduta dos reis e a missão dos profetas — tudo isso forma um sistema de vida em que a adoração a Deus e o serviço ao próximo são inseparáveis.

No capítulo 18, Moisés anuncia uma das mais extraordinárias profecias messiânicas do Antigo Testamento: *"O Senhor, teu Deus, te suscitará dentre os teus irmãos um profeta como eu: é a ele que devereis ouvir."* (Dt 18,15). Ou seja, um mediador entre Deus e o povo, libertador, legislador, intercessor. O próprio Jesus confirmou que era dEle que Moisés escrevia (Jo 5,46). Cristo é o novo e definitivo Moisés que liberta a humanidade da escravidão do

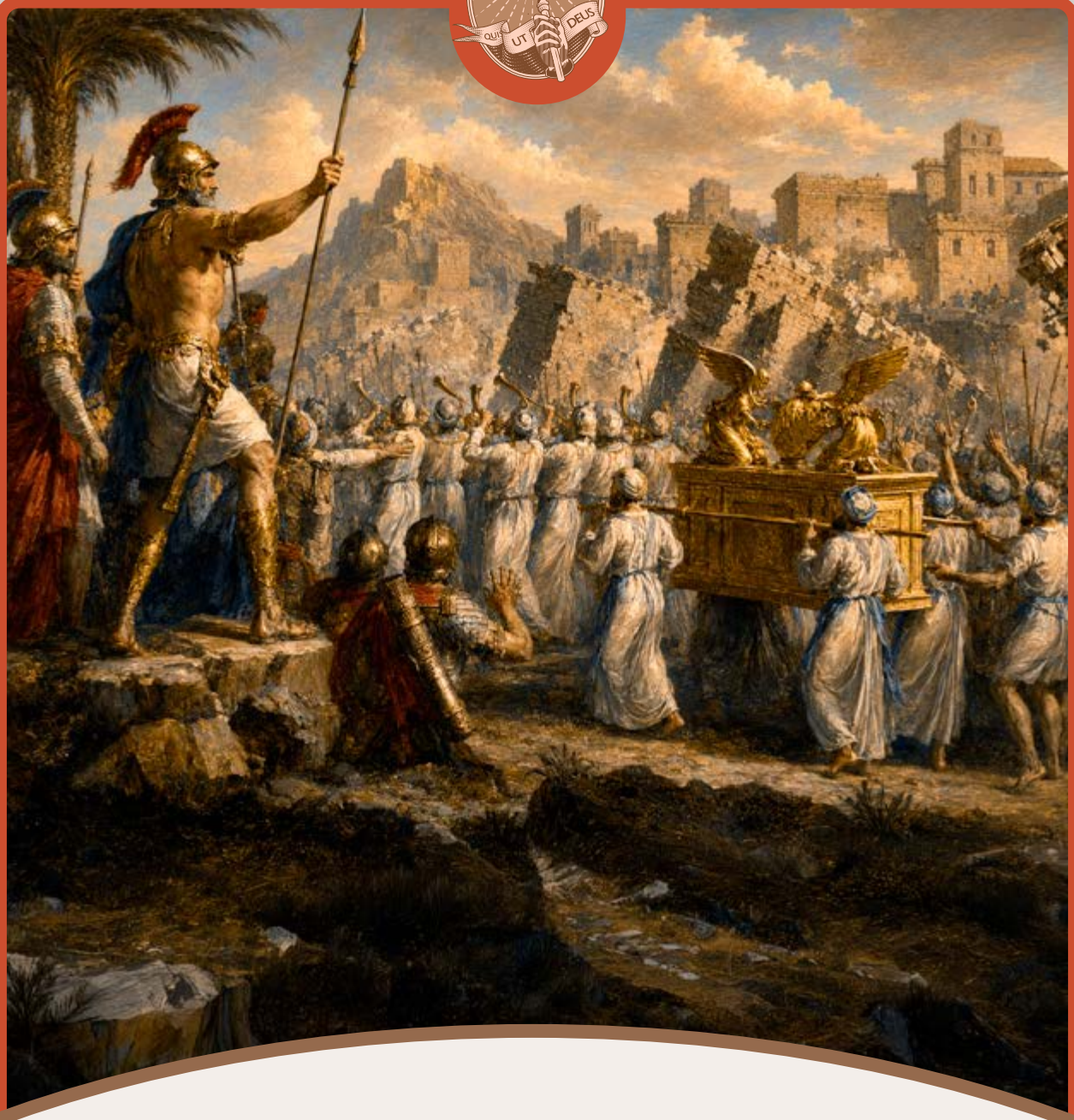
pecado e a introduz na vida eterna.

Quase ao fim do livro, Moisés pronuncia as palavras que colocam diante do povo a responsabilidade pela escolha: *"Tomo hoje por testemunhas o céu e a terra contra vós: ponho diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe, pois, a vida."* (Dt 30,19). Essa decisão se renova diariamente em nossa vida. Cada decisão que tomamos nos aproxima ou nos afasta de Deus. Cada fidelidade fortalece a aliança; cada pecado a fere. Por fim, Moisés sobe ao Monte Nebo e contempla a terra. Sua missão foi preparar o caminho. Quem introduzirá o povo na Terra Prometida será Josué, cujo nome significa "Deus salva", figura daquele que conduz os homens à verdadeira promessa: Cristo.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Guardo a memória das obras de Deus em meu coração? Sou fiel a Deus como Ele é fiel às promessas que nos faz?

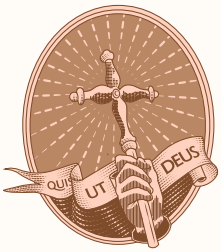
2. Vivo os mandamentos de Deus com determinação e coragem?



20 de Agosto

JOSUÉ - A FÉ DERRUBA MURALHAS

Quaresma de São MIGUEL



Depois da morte de Moisés, a missão de introduzir o povo na Terra Prometida é confiada a Josué. É uma tarefa difícil, por isso o Senhor lhe diz: *"Sê forte e corajoso"* (Js 1,7). Esta palavra também é dirigida a nós, pois a vida espiritual exige coragem. Coragem para perseverar quando a fé é provada, para renunciar ao pecado, para enfrentar as batalhas interiores e para permanecer fiel quando tudo parece difícil.

Josué é uma figura célebre, seu nome, em hebraico, ***Yehoshu'a***, significa "o Senhor salva" e aponta para Jesus Cristo. Assim como Josué introduziu Israel na Terra Prometida, Cristo

conduz seu povo à verdadeira herança, a vida eterna. Moisés havia conduzido o povo até os limites da promessa; Josué o faz entrar nela. Da mesma forma, a antiga Lei preparava o caminho, mas somente Jesus pode introduzir o homem na plenitude da salvação. Por isso, Orígenes ensina: *"Este livro não nos indica tanto as gestas de Josué, filho de Nun, como nos desenha os mistérios de meu Senhor Jesus".*

A travessia do rio Jordão constitui um dos momentos mais belos do livro. A Arca da Aliança abre passagem para o povo, assim como outrora o Mar Vermelho se abrira diante de Moisés. A tradição cristã sempre viu nesse acontecimento uma figura do Batismo. Atravessar o Jordão significa abandonar a antiga vida para ingressar numa existência nova, sustentada pela graça de Deus. A conquista da Terra Prometida tem Deus por protagonista e não a força de guerreiros. Portanto, a Terra Prometida não é conquistada pelos israelitas:

ela é *dada* por Deus, *"foi pela fé que desabaram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias"* (Hb 11,30).

A história de Raab, uma prostituta de Jericó e estrangeira nos oferece uma bela lição. Ela é acolhida entre o povo de Deus porque acreditou na sua misericórdia. O cordão vermelho que ela pendurou na janela de sua casa tornou-se sinal de salvação, pois ela tinha acolhido ali os espiões que foram avistar a terra antes da tomada de Jericó. Este cordão prefigura o Sangue de Cristo, pelo qual todos os homens podem encontrar refúgio e redenção. Raab nos recorda que ninguém está excluído da graça quando responde com fé e conversão. Raab foi justificada — como ensina São Tiago — pela fé que se traduz em obras concretas de acolhimento e misericórdia (Tg 2,24-25).

Em contrapartida, enquanto Jericó cai pela fé de todo o povo, um único homem, Acã, em

segredo, subtrai para si o que havia sido consagrado ao Senhor. E por causa desse homem, toda a comunidade sofre a derrota diante de Hai (Js 7). Isso nos revela que o pecado nunca é apenas individual. Ele tem consequências comunitárias, eclesiais e históricas. Esta cena também nos ensina que a maior batalha não era contra os cananeus, mas contra a tentação da infidelidade. Assim entendemos que nossos maiores inimigos não estão fora de nós, mas dentro: o orgulho, a tibieza, a autossuficiência e a idolatria disfarçada que coloca as criaturas acima do Criador.

Na batalha contra os amorreus, Josué eleva sua oração ao Senhor e o sol para. O dia se estende e a vitória se completa. *"O Senhor disse-lhe: 'Não os temas, porque os entreguei em tuas mãos; nenhum deles te poderá resistir.'"* (Js 10,8). Deus combate por seu povo. Nós nunca estamos sozinhos em nossas batalhas. Por isso saiba que a sua batalha é travada por

Deus, que o convida a participar da vitória que Ele já conquistou por você.

No final do livro, em Siquém, diante de todo o povo reunido, Josué proclama: *"Escolhei hoje a quem quereis servir... porque, quanto a mim, eu e minha casa serviremos ao Senhor."* (Js 24,15). É um chamado a renovar a aliança com Deus. Assim, também nós todos os dias somos chamados a decidir entre a fidelidade e a infidelidade, entre a confiança e a rebelião, entre Deus e os ídolos do mundo. Qual será a nossa resposta?

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Tenho lutado com determinação contra os inimigos interiores que me afastam de Deus?
2. Como Raab, tenho feito obras de caridade e misericórdia que comprovam a minha fé?

"CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ" (JO 8, 32)

Qual a verdade defendida pela Igreja Católica sobre as Sagradas Escrituras?

Em meio a diversos erros e mentiras espalhados pela internet, o Padre Alex Nogueira vai fazer uma formação gratuita sobre as Sagradas Escrituras no **"Retiro de encerramento da Quaresma de São Miguel"**:

Quaresma de São MIGUEL

Dias 28, 29 e 30 de setembro

Faça sua inscrição e chame mais pessoas para **conhecer toda a verdade sobre a Bíblia!**

APERTE AQUI

e faça sua inscrição gratuita

21 de Agosto

JUÍZES - OS CICLOS DE QUEDA E DE MISERICÓRDIA

Quaresma de São MIGUEL

O livro de Juízes apresenta à primeira vista um conteúdo perturbador, nele vemos violência, idolatria, traição, fraqueza moral, guerra fratricida.. Os juízes governaram o povo de Israel por volta de 1200 a 1050 a.c, em torno de 200 anos, desde a morte de Josué até o surgimento do primeiro rei de Israel.

A estrutura teológica do Livro de Juízes pode ser resumida em quatro movimentos que se repetem com regularidade: pecado → opressão → arrependimento → libertação. O povo cai na idolatria, Deus permite a opressão como consequência, o povo clama em sua angústia, e Deus suscita um liberta-

dor. E então, passado o perigo, o ciclo recomeça. Alguns versículos deixam isso evidente: *"Os israelitas fizeram então o mal aos olhos do Senhor."* (Jz 2,11) *"A cólera do Senhor inflamou-se contra Israel."* (Jz 2,14) *"Os filhos de Israel, em grande angústia, clamaram ao Senhor."* (Jz 2,15) "O Senhor suscitava-lhes juízes que os livravam das mãos dos opressores." (Jz 2,16). Há algo nessa sequência que reconheço em minha própria história espiritual? Quantas vezes experimentamos a misericórdia divina e, pouco depois, permitimos que o coração se afeiçoe novamente às mesmas desordens que nos afastaram do Senhor?

O livro destaca a fidelidade de Deus e os juízes são instrumentos imperfeitos de uma misericórdia perfeita. Entre os juízes aparecem duas mulheres: Débora e Jael. Débora era profetisa, juíza e líder. Quando o inimigo oprimia o povo, foi ela quem convocou Barac para a batalha; foi ela quem discerniu a hora

e o modo da intervenção divina. Jael venceu Sísara, chefe do exército inimigo, martelando um prego em sua cabeça. Ela recebe no Cântico de Débora uma saudação que ecoa, séculos depois, nas palavras de Isabel a Maria: "*Bendita és tu entre as mulheres*" (Lc 1,42). A tradição cristã viu nessas mulheres uma prefiguração da Virgem Santíssima.

Quando Gedeão reúne um exército de vinte mil homens para a batalha, Deus o reduz a trezentos — para que ninguém possa atribuir a vitória ao poder humano (Jz 7,2). Além disso, no velo de Gedeão — sobre o qual cai o orvalho enquanto a terra ao redor permanece seca — foi contemplado pelos Padres da Igreja como figura da concepção virginal de Maria. Sobre ela, a mais humilde das criaturas, desceu o orvalho do Espírito Santo.

Jefté, filho de uma prostituta e rejeitado por seus irmãos, é escolhido por Deus para libertar seu povo. Santo Agostinho viu nele

uma prefiguração de Cristo: rejeitado pelos seus, mas buscado depois. como Salvador por aqueles que o desprezaram. Jefté comete um erro gravíssimo: antes da batalha, faz um voto imprudente a Deus, prometendo em holocausto aquele que primeiro sair ao seu encontro ao retornar vitorioso. E é sua filha única quem lhe vem ao encontro. A tragédia que se segue não é apresentada pela Escritura como um ato agradável a Deus — o sacrifício humano era condenado pela Lei —, mas como consequência amarga de uma promessa feita sem discernimento. Aqui há um grande ensinamento, os votos são sagrados e devem ser feitos com seriedade e prudência. Mas se um voto, depois de feito, revela ser contrário à Lei de Deus, cumpri-lo não é fidelidade — é sacrilégio.

Sansão era um nazireu, consagrado a Deus desde o ventre materno. O cabelo comprido era apenas um sinal visível de sua con-

sagração. Enquanto esse sinal era preservado, a força de Deus habitava nele. Quando o sinal foi cortado — pela sedução e pela imprudência —, a força se foi. Sansão foi vencido gradualmente. Casou-se com uma estrangeira seduzido apenas pela beleza. Tocou um cadáver transgredindo sua consagração. Cedeu à pressão de sua mulher para revelar o enigma. E, por fim, diante de Dalila, entreteve-se com a tentação em vez de rejeitá-la. Em nossa vida também são pequenas transgressões que nos conduzem a um grande pecado.

O Livro de Juízes termina de forma sombria. Após as guerras, as infidelidades e as tragédias, uma frase é repetida quatro vezes: *"Naquele tempo, não havia rei em Israel e cada um fazia o que lhe parecia melhor"* (Jz 17,6). Isso tudo prepara a história do surgimento da monarquia em Israel, com a unção do primeiro rei, Saul, pelo último dos juízes, Samuel.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Percebo que recaio frequentemente nos mesmos pecados por esquecer a misericórdia de Deus e confiar em mim mesmo?

2. Tenho Jesus como rei que governa o meu coração ou simplesmente faço tudo o que quero?

Você já é inscrito em nosso canal do YouTube?

Faça sua inscrição e ative o sininho para receber todos os conteúdos do Padre Alex Nogueira!

YouTube

Também ajude o canal do apostolado a crescer! **Compartilhe com mais pessoas as orações diárias, novenas e programas.** Quanto mais pessoas forem alcançadas, maior será a nossa corrente de oração!

Unidos, seremos mais fortes.

APERTE AQUI

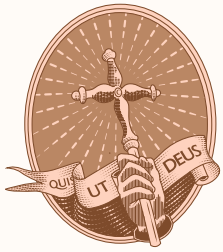
para ser direcionado ao **canal do YouTube**

DEUS CARITAS EST

22 de Agosto

RUTE - CONFIANÇA, PROVIDÊNCIA E A LINHAGEM DO REI DAVI

Quaresma de São MIGUEL



Em contraste com o cenário turbulento do livro dos Juízes, marcado por guerras, infidelidades e desordens, Rute nos conduz ao ambiente simples de uma família, onde Deus realiza seus desígnios não por meio de prodígios extraordinários, mas através da fidelidade cotidiana, da caridade e da confiança. A história começa com uma família que deixa Belém por causa da fome e vai buscar sustento na terra estrangeira de Moab. A fome obriga a família de Noemi a abandonar sua terra, e pouco depois a morte leva seu marido e seus filhos. Sua própria dor a leva a pedir para ser chamada de Mara, que significa “amargura”: “Não me chameis Noemi — ‘a agraciada’ —

mas Mara — 'a amarga' — porque o Todo-Poderoso me encheu de amargura" (Rt 1,20).

Noemi decide voltar para Belém e deixa livre suas noras. Orfa — cujo nome significa "a que vira as costas" — aceita a dispensa e retorna. Mas Rute, cuja nome significa "a que conforta", recusa com uma firmeza que só pode brotar de um amor que já operou, em silêncio, uma conversão profunda: "Não insistas comigo para que eu te deixe e me vá longe de ti. Aonde fores, eu irei; onde habitares, eu habitarei. O teu povo é meu povo e o teu Deus, meu Deus. Na terra em que morreres, quero também eu morrer e aí ser sepultada." (Rt 1,16-17). A figura de Rute resplandece pela sua extraordinária fidelidade. Os Padres da Igreja viram nela uma figura de todos os povos chamados à salvação em Cristo. Diz Santo Ambrósio: "Nela encontramos uma figura da incorporação à Igreja de todos nós, que fomos recolhidos de todos os povos."

Quando Rute vai aos campos recolher espigas — exercendo o direito que a Lei de Moisés garantia aos pobres —, não é por acaso que ela vai parar exatamente no campo de Booz. É a Providência divina que a conduz, mas ela o faz por meios humanos, ordinários, quase imperceptíveis. Booz é uma figura extraordinária de virtude. Homem de fé viva, diligente, misericordioso, respeitado. E quando ele vê Rute, não a trata como intrusa ou como ameaça, mas como alguém que merece proteção e honra.

O Livro de Rute recorda uma instituição jurídica chamada lei do levirato, pela qual o parente mais próximo de um homem falecido deveria assumir a responsabilidade pela viúva, para garantir-lhe sustento e descendência. Booz não era o parente mais próximo — havia outro com direito anterior. Mas ao apaixonar-se por Rute, a quem reconheceu como "mulher virtuosa" (Rt 3,11), ele toma a iniciati-

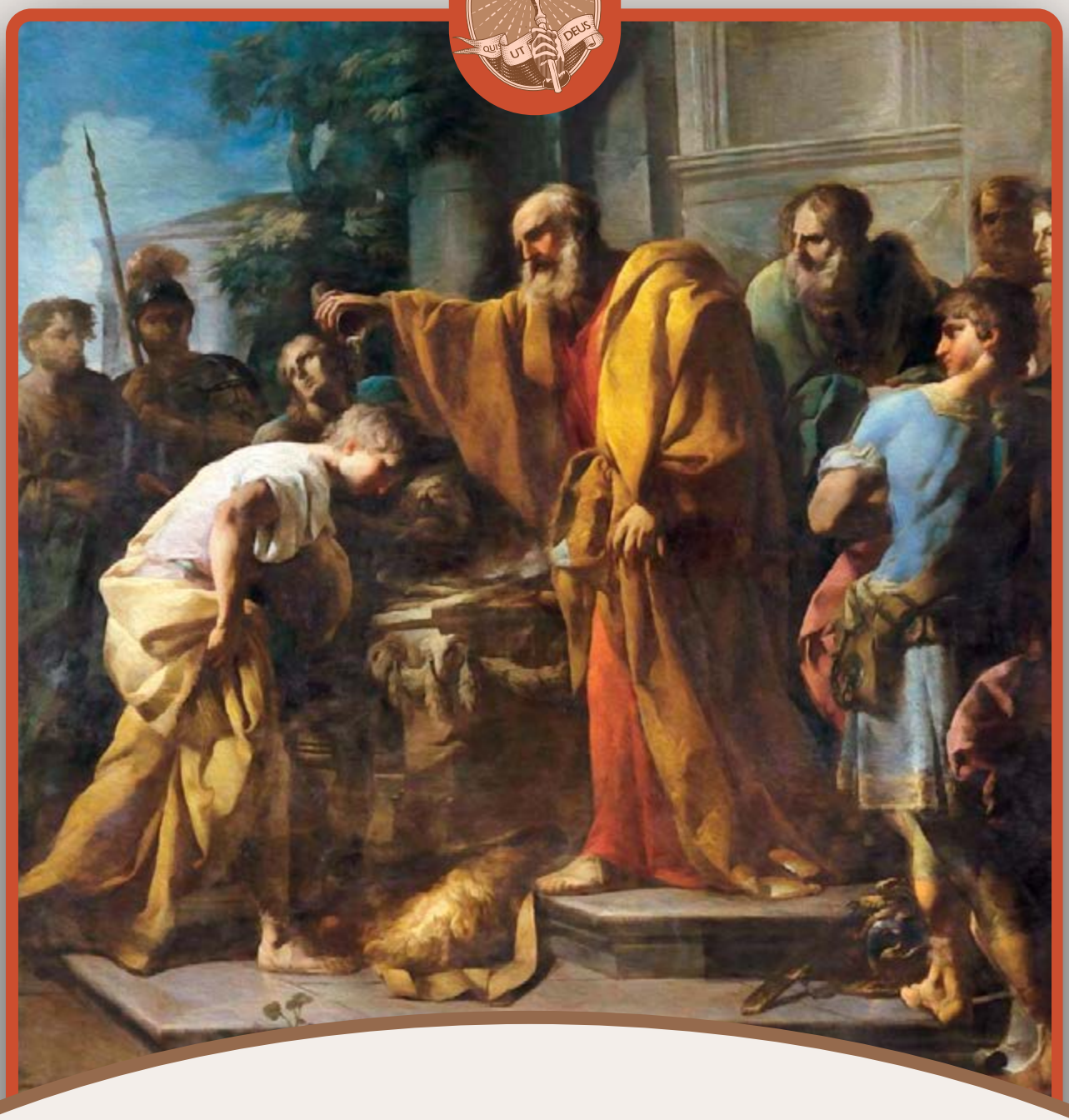
va de garantir o resgate, caso o outro renunciasse. A figura de Booz também possui profundo significado espiritual. Como resgatador da família de Noemi, ele prefigura Cristo, que assumiu sobre si a nossa pobreza para nos restituir a herança perdida pelo pecado.

O Livro de Rute termina com um nascimento e uma genealogia. Rute e Booz têm um filho chamado Obed. Obed será pai de Jessé. Jessé será pai de Davi. E de Davi descenderá, segundo a carne, Aquele que é a razão de ser de toda esta história, Nosso Senhor Jesus Cristo. O Evangelho de São Mateus, ao traçar a genealogia de Jesus, menciona explicitamente Rute (Mt 1,5). Uma moabita, estrangeira, que foi instrumento da misericórdia e providência de Deus.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Vejo a ação de Deus na minha vida, mesmo nas coisas mais simples? Como reconheço a Divina Providência no meu cotidiano?

2. Sou fiel a Deus mesmo nos momentos de dores e perdas?



23 de Agosto

1 SAMUEL - DEUS VÊ O CORAÇÃO

Quaresma de São MIGUEL

O Primeiro Livro de Samuel marca a transição dos juízes para a monarquia. Toda a história começa com Ana, uma mulher estéril e que sofria muito com isso. Seu marido Elcana a amava muito — mas não podia dar-lhe aquilo que ela mais desejava. Ana foi ao Templo e entre lágrimas orava a Deus, mas o sacerdote Heli interpretou erroneamente sua oração íntima como embriaguez. São Cipriano, contemplando esta cena, via em Ana uma figura de Maria. Das lágrimas de Ana nasce Samuel, profeta e último juíz de Israel.

O profeta Samuel cresceu no Templo de Silo desde a mais tenra infância, consagrado ao Senhor pelo voto de sua mãe. Certa

noite ouviu uma voz. Na terceira vez em que é chamado por Deus, o sacerdote Heli compreendeu o que estava acontecendo e instruiu o menino: *"Se te chamar outra vez, dirás: 'Falai, Senhor, que vosso servo escuta!'"* (1 Sm 3,10). Nesta cena está condensada toda a teologia da vocação. Deus chama a cada um pelo nome. Reflita: quando foi a última vez que você verdadeiramente silenciou intimamente para deixar Deus falar?

O povo de Israel queria ser como os outros povos e, então pediram um rei. Samuel unge Saul. Ele era, exteriormente, tudo o que um rei deveria ser: belo, alto, forte, imponente. Ungido, ele recebeu o Espírito e tinha todos os elementos para ser um grande rei, mas sua ambição e infidelidade, materializadas em desobediência a Deus o levaram à ruína. Saul ofereceu um sacrifício antes da chegada de Samuel — por impaciência. Ele preservou a vida do rei dos amalecitas e guardou parte dos

despojos — por presunção. Samuel, então, pronunciou sobre ele uma sentença: *"Acaso o Senhor se compraz tanto nos holocaustos e sacrifícios como na obediência à sua voz? A obediência é melhor que o sacrifício... a desobediência é como o pecado de idolatria."* (1 Sm 15,22-23).

Deus rejeitou Saul e mandou Samuel ungir um novo rei, a escolha recaiu em Davi. Aos olhos humanos, ele era o menos provável dos escolhidos: um simples pastor, o menor entre seus irmãos. Mas Deus declara uma verdade que atravessa toda a Escritura: *"O que o homem vê não é o que importa: o homem vê a aparência, mas o Senhor olha o coração."* (1 Sm 16,7). Quando Davi enfrentou Golias, ele não negou a desproporção das forças. Ele simplesmente não a considerou determinante, porque a batalha não era sua: *"Tu vens contra mim com espada, lança e escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do Senhor dos exércitos... não é com a espada nem com a lança que o Senhor triunfa,*

pois a batalha é do Senhor!" (1 Sm 17,45.47). Santo Agostinho ensina: *"Quem luta com suas próprias forças, antes de começar a batalha, é derrotado".*

Também a amizade entre Davi e Jônatas oferece uma das mais belas imagens da caridade fraterna. Jônatas era o herdeiro natural do trono. Davi era o ungido de Deus para aquele mesmo trono. Qualquer lógica humana tornaria os dois rivais mortais. No entanto, a Escritura diz que Jônatas *"amava Davi de toda a sua alma"* (1 Sm 20,17).

O Primeiro Livro de Samuel termina de forma trágica: Saul, desesperado diante dos filisteus e enfrentando o silêncio de Deus, recorre a uma necromante. Este gesto revela sua falta de confiança no Senhor. Ferido em batalha, ele se lança sobre sua própria espada e morre. Assim, aprendemos que a nossa autossuficiência não tem outro destino senão o afastamento de Deus e a morte espiritual.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

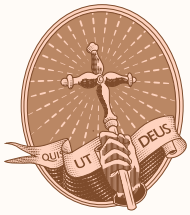
1. Como o Profeta Samuel, tenho ouvido a voz de Deus, especialmente quando ela fala em minha consciência?

2. Meu coração se parece mais com o de Saul, prepotente e desobediente, ou com o de Davi, humilde e confiante em Deus?

24 de Agosto

2 SAMUEL - ARREPENDIMENTO E MISERICÓRDIA

Quaresma de São MIGUEL



O segundo livro de Samuel começa com a ascensão gradual de Davi ao trono de todo Israel. Seu reinado traz unidade ao povo, estabelece Jerusalém como cidade santa e inaugura um período de estabilidade e prosperidade. Mesmo rodeado de adversários, de disputas internas, de inimigos que tentam reafirmar a dinastia caída de Saul, Davi busca incansavelmente a concórdia. Ele prefigura Jesus Cristo, o verdadeiro Rei que reunirá todos os povos em um único reino espiritual. O Catecismo da Igreja sintetiza com precisão admirável o que este rei representa para a espiritualidade cristã: *"Davi é, por excelência, o rei 'segundo o coração de Deus', o pastor que ora pelo seu povo e em nome dele, aquele cuja submissão à*

vontade de Deus, cujo louvor e cujo arrependimento serão o modelo da oração do povo." (CIC 2579).

Davi transfere a Arca da Aliança para Jerusalém. O translado da Arca é figura da Visitação — Maria, que carregava no seio o próprio Verbo encarnado, visitando sua parente Isabel. E a dança de Davi diante da Arca prefigura o salto de alegria de João Batista no ventre de sua mãe. São Máximo de Turim contemplando esta cena em que Davi dança diante da Arca, ensina: *"O profeta Davi dançou diante da arca; mas que é a arca, se não falarmos de Santa Maria? Pois a arca encerrava as tábuas do testamento, Maria gestava o herdeiro do testamento; a arca levava a Lei, Maria o Evangelho; a arca levava a voz de Deus, Maria ao Verbo; a arca brilhava por dentro e por fora com o resplendor do ouro, Maria brilhava por dentro e por fora com o esplendor da virgindade."*

Diante da estabilidade de que goza o seu

reino, Davi deseja construir uma casa para Deus, mas é Deus quem vai construir "a casa de Davi": *"O Senhor anuncia-te que quer fazer-te uma casa."* (2 Sm 7,11). O Templo que Salomão ergueria seria belo — mas seria feito de pedras. A casa que Deus constrói para Davi é uma dinastia eterna, cujo último filho será aquele de quem o próprio Deus dirá: *"Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho."* (2 Sm 7,14). É o Filho eterno feito homem, Nosso Senhor Jesus Cristo.

O capítulo 11 do Segundo Livro de Samuel narra a dramática queda de Davi. Ele vê Betsabéia do alto de seu terraço. Manda buscá-la. Deita-se com ela. Tenta encobrir a gravidez. E quando o encobrimento falha, fria e calculadamente, manda que Urias — o marido, o soldado fiel, o homem justo — seja colocado na frente da batalha e abandonado à morte. O pecado nasce da falta de vigilância, da ociosidade e da confiança excessiva em si mesmo.

Com isto aprendemos que ninguém é forte o bastante para brincar com as ocasiões de pecado, é preciso vigiar sempre.

o profeta Natã é enviado por Deus para levar Davi ao arrependimento. Ele conta uma história, a história de um homem rico que, tendo inúmeras ovelhas, tomou a única ovelha do pobre para servir a um hóspede. E Davi, ouvindo, arde de indignação: o homem merece a morte, diz ele, sem perceber que sua sentença é pronunciada sobre si mesmo. *"Tu és esse homem."* (2Sm 12,7), diz o profeta Natã. A atitude de Davi nos faz reconhecer que muitas vezes, somos capazes de reconhecer com clareza o pecado nos outros enquanto permanecemos cegos para a mesma realidade em nós mesmos.

Davi, com humildade, reconhece: *"Pequei contra o Senhor"* (2 Sm 12,13). Seu arrependimento permanece eternizado no Salmo 50 (51), uma das mais belas orações penitenciais

da Escritura. Davi nos ensina que nunca é tarde para voltar a Deus com um coração contrito. O que determina o alcance da misericórdia é a profundidade do arrependimento. Mas o pecado de Davi trouxe consequências gravíssimas — o filho nascido do adultério morreu, a espada não se afastaria de sua casa, seus próprios filhos trilhariam caminhos de violência e traição. A misericórdia de Deus não elimina as consequências do pecado.

A revolta de Absalão é o ponto mais dramático destas consequências. Contudo, mesmo perseguido pelo próprio filho, Davi suporta as humilhações com resignação. Quando seu filho morre pendurado num carvalho e alvejado por dardos, Davi chora sua perda: *"Meu filho Absalão! Meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera ter morrido em teu lugar!"* (2 Sm 18,33). Esta dor e este choro de pai é figura do coração de Cristo que, segundo São Lucas, chora sobre Jerusalém (Lc 19,41-44).

O livro termina com um último pecado de Davi — o censo do povo — e com um último ato de arrependimento. Ordenar um censo significava, naquele contexto, tratar o povo como propriedade do rei. Era um ato de soberba que esquecia que Israel pertencia exclusivamente a Deus. Uma peste veio sobre o povo. E Davi, vendo o anjo do Senhor prestes a destruir Jerusalém, intercedeu: *"Fui eu que pequei, fui eu que cometi a iniquidade. Mas estas ovelhas, que fizeram elas? Que a tua mão caia sobre mim e sobre a casa de meu pai."* (2 Sm 24,17). Davi comprou então a eira de Areúna e construiu ali um altar, onde depois Salomão ergueria o Templo do Senhor.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Tomo cuidado com as ocasiões de pecado e fujo delas?

2. Quando cometo um erro ou pecado, deixo-me corrigir por Deus e busco a reconciliação?

25 de Agosto

1 REIS - A GLÓRIA E A DIVISÃO DE UM REINO

Quaresma de São MIGUEL

O Primeiro Livro de Reis começa com a morte do rei Davi. Já velho, ele chama Salomão e lhe deixa o seu testamento: *"Sê corajoso e comporta-te como homem! Guarda os preceitos do Senhor, teu Deus; anda em seus caminhos, observa suas leis, seus mandamentos, seus preceitos e seus ensinamentos. Desse modo, serás bem-sucedido em tudo o que fizeres e em tudo o que empreenderes."* (1 Rs 2,2-3). Diante da responsabilidade de governar o povo de Deus, Salomão não pede riqueza nem glória: *"Dai, pois, ao vosso servo um coração sábio, capaz de julgar o vosso povo e discernir entre o bem e o mal."* (1 Rs 3,9). Nós, muitas vezes, esquecemos de pedir aquilo que verdadeiramente transforma a vida: a sabedoria que vem de Deus.

A construção do Templo de Jerusalém é, sem dúvida, o grande acontecimento do reinado de Salomão. Ali Deus estabelece sua morada no meio do povo, tornando-se o centro da vida

religiosa de Israel. O Templo era belíssimo e imponente. Os Padres da Igreja reconheceram nele uma figura da Igreja e do próprio Cristo, o verdadeiro Templo onde Deus habita entre os homens. Salomão significa "pacífico", mas é Cristo o verdadeiro príncipe da paz. No capítulo 10 relata-se a visita da Rainha de Sabá. Ela vem de uma terra distante, com uma comitiva numerosa e presentes preciosos. Ela precisava verificar por si mesma a sabedoria de Salomão (1 Rs 10,1.3). Jesus Cristo relembrou esta mulher com palavras de admiração — e de condenação implícita para os que, tendo o próprio Filho de Deus diante de si, não quiseram escutá-Lo: *"A rainha do Sul se levantará no dia do juízo com esta geração e a condenará, porque ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão; e eis que aqui está algo maior que Salomão."* (Mt 12,42).

Embora um rei sábio no princípio de seu reinado, Salomão permitiu que seu coração se

corrompesse por causa das alianças políticas e por suas numerosas esposas estrangeiras: *"Teve setecentas esposas de classe principesca e trezentas concubinas. E suas mulheres perverteram-lhe o coração."* (1 Rs 11,3). O rei permitiu altares aos falsos deuses Camos, Moloc e Astarte. O profeta Aías rasgou seu manto em doze pedaços (1 Rs 11,29-39), uma profecia da separação dos reinos que estava por vir. São Cipriano viu nesse manto rasgado um sinal de contraste com a túnica de Jesus que os soldados não quiseram rasgar, preferindo lançar sortes: a unidade da Igreja, ao contrário do reino de Salomão, não pode ser dividida.

A segunda parte do Livro de Reis começa com a separação dos reinos. O reino do norte denominou-se "Israel" e começou seu governo com Jeroboão. O reino do sul se chamava "Judá" e deu continuidade à dinastia davídica, governado por Roboão, filho de Salomão. O autor sagrado faz uma avaliação moral dos

reis. Para ser considerado bom era preciso conservar a adoração somente ao Deus de Israel; livrar o reino da idolatria; e serem fiéis à aliança. Todos os dezenove reis que reinaram no Norte (Israel) foram maus. Porém, o reino do Sul (Judá) teve vinte reis, dos quais oito foram bons e doze foram maus Os reis bons foram: Asa (911-870), Josafá (870-848), Joás (835-796), Amazias (796-767), Azarias (Ozias) (767-739), Joatão (739-733), Ezequias (727-698), e Josias (640-609).

Durante o reinado de Acab, um dos piores reis de Israel (norte), casado com a terrível Jezabel, que introduziu o culto a Baal e matou os profetas do Senhor, Deus suscitou Elias. O profeta Elias anuncia a seca (1 Rs 17,1), alimenta-se junto à torrente, é sustentado por corvos enviados por Deus (1 Rs 17,6), recebe pão e água de uma pobre viúva de Sarepta cuja farinha e cujo óleo não se esgotam (1 Rs 17,16) e ressuscita o filho desta mesma viúva (1 Rs

17,21-23). A cena mais impactante, porém, se deu no Monte Carmelo. Quatrocentos e cinquenta profetas de Baal se colocaram de um lado. Elias ficou sozinho do outro. O desafio era simples e radical: que o fogo descesse do céu sobre o sacrifício daquele cujo Deus é verdadeiro. Os profetas de Baal clamaram, dançaram, se flagelaram, mas a resposta foi o silêncio. Elias orou, e o fogo de Deus desceu e consumiu tudo (1 Rs 18, 20-40). O Catecismo da Igreja vê neste fogo uma figura do Espírito Santo: *"O profeta Elias, pela sua oração faz descer o fogo do céu sobre o sacrifício do monte Carmelo, figura do fogo do Espírito Santo, que transforma aquilo em que toca."* (CIC 696).

A figura de Nabot no capítulo 21 é emblemática. Um homem simples, agricultor, filho de uma longa linhagem que cultivou aquela vinha com as próprias mãos, recusa-se a vendê-la ao rei por fidelidade à lei de Deus, que proibia a alienação das heranças recebidas.

Mas Jezabel, perversa, forja testemunhos falsos, condena-o por blasfêmia e o manda lapidar. Assim, Nabot entra para a história como uma figura de Cristo — condenado à morte com falsos testemunhos, crucificado fora da cidade como blasfemo, sendo Ele o verdadeiro Filho de Deus, o Senhor da vinha que é Israel.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

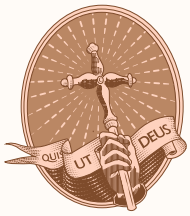
1. Na minha oração, peço a Deus sabedoria para viver corretamente ou peço apenas bens materiais?

2. Minha oração é confiante como a do profeta Elias? Me abro ao Espírito Santo e permito que Ele transforme minha vida?

26 de Agosto

2 REIS - O EXÍLIO E A ESPERANÇA

Quaresma de São MIGUEL



O Segundo Livro de Reis dá continuidade à história dos reinos de Israel e Judá, mostrando a ação dos profetas, a infidelidade dos reis e as consequências do afastamento da Aliança. No início, ainda aparecem dois episódios ligados ao profeta Elias: o fogo que desce do céu contra os emissários de Ocozias (2 Rs 1) e seu arrebatamento num carro de fogo (2 Rs 2), sinal da glória divina e da recompensa dada ao profeta fiel.

Depois disso, o protagonismo passa a Eliseu, sucessor de Elias. Ele pede a Elias: *"Seja-*

me concedida uma porção dobrada do teu espírito" (2 Rs 2,9), e ao receber o manto do profeta, recebe também a autoridade e a missão profética (2 Rs 2,9-14). Seus milagres manifestam a compaixão de Deus para com os aflitos: ele abre o Jordão, purifica as águas de Jericó, socorre uma viúva endividada, concede um filho à sunamita e depois o ressuscita, tira a morte de uma panela envenenada, multiplica pães, cura Naamã da lepra e faz flutuar o ferro de um machado (2 Rs 2–6).

Esses milagres possuem importantes prefigurações cristológicas. A ressurreição do filho da sunamita prefigura a humilhação redentora de Cristo, que se inclina sobre a humanidade morta pelo pecado para levantá-la à vida (2 Rs 4,19-35). A multiplicação dos pães realizada por Eliseu recorda a multiplicação feita por Jesus e aponta para o mistério da Eucaristia (2 Rs 4,42-44; Mt 14,15-21). A cura de Naamã no Jordão prefigura o Batismo, pois a purifica-

ção não vem simplesmente da água, mas do dom de Deus (2 Rs 5,14). Também o machado que flutua, pela madeira lançada nas águas, foi entendido pelos Padres como imagem da Cruz de Cristo, pela qual o homem, pesado pelo pecado, é erguido nas águas batismais (2 Rs 6,6-7).

Entre esses sinais, destaca-se a cura de Naamã, general sírio e pagão. Ao obedecer à palavra do profeta e banhar-se sete vezes no Jordão, ele é curado e chega à verdadeira confissão de fé: *"Reconheço que não há outro Deus em toda a terra, senão o de Israel."* (2 Rs 5,15). Esse episódio manifesta o alcance universal da salvação e será recordado pelo próprio Senhor Jesus (Lc 4,27). Em contraste, Giezi, servo de Eliseu, movido pela cobiça, tenta lucrar com a graça concedida a Naamã e é punido com a lepra (2 Rs 5,27).

O livro também mostra a decadência espiritual de Israel. Durante a fome em Samaria,

o povo, afastado de Deus, chega a extremos terríveis, inclusive à antropofagia (2 Rs 6,28-29). Em seguida, Jéu é ungido rei para executar o castigo anunciado contra a casa de Acab (2 Rs 9,6-7). Ele elimina Jorão, Ocozias, Jezabel, a família real de Israel e os profetas de Baal, erradicando esse culto idolátrico. Contudo, por manter os bezerros de ouro em Dã e Betel, permanece sendo considerado um rei mau.

Em Judá, Atalia tenta destruir a descendência real, mas Deus preserva Joás, garantindo a continuidade da linhagem de Davi (2 Rs 11). Joás restaura o Templo e combate o culto a Baal, embora não elimine completamente os lugares altos (2 Rs 12). Após a morte de Eliseu, ainda ocorre seu último milagre: um morto volta à vida ao tocar os ossos do profeta, sinal da força de Deus que continua agindo por meio de seus servos (2 Rs 13,21).

Depois do ciclo de Eliseu, o autor retoma a sucessão dos reis de Israel e Judá até a queda

da Samaria. O reino do Norte, marcado pela idolatria, chega ao fim em 721 a.C., quando os assírios invadem Samaria e deportam parte da população (2 Rs 17). A mistura dos israelitas remanescentes com povos estrangeiros dá origem aos samaritanos (2 Rs 17,24). O autor sagrado interpreta essa ruína como fruto da infidelidade: Israel abandonou os mandamentos do Senhor, adorou ídolos, prestou culto a Baal e se entregou a práticas abomináveis (2 Rs 17,16-17). Isso nos faz refletir: Seremos poupados da ruína se não mudarmos de vida?

A última parte do livro trata dos reis de Judá até o exílio da Babilônia. Ezequias é apresentado como um dos melhores reis: destrói os lugares altos, combate a idolatria e confia no Senhor (2 Rs 18,3-5). Durante seu reinado, Jerusalém é ameaçada pelos assírios, mas Deus a liberta milagrosamente pela intervenção de um anjo, em resposta à oração do rei e à palavra do profeta Isaías (2 Rs 19). Ezequias

também é curado de uma grave enfermidade, recebendo como sinal o recuo da sombra no relógio solar (2 Rs 20,9-11), sinal que a tradição litúrgica relacionou ao mistério do Verbo Encarnado.

Depois dele, Manassés se torna um dos piores reis de Judá. Ele restaura a idolatria, profana o Templo, oferece seu filho pelo fogo e chegou a serrar o profeta Isaías ao meio (2 Rs 21,6.16). Após Amon, também mau, surge Josias, rei justo que promove uma profunda reforma religiosa. Ao encontrar o Livro da Lei no Templo, manda lê-lo ao povo, renova a Aliança, combate a idolatria, elimina práticas pagãs e celebra uma Páscoa memorável (2 Rs 22–23; 2 Rs 23,22).

Apesar dessa reforma, os últimos reis de Judá voltam à infidelidade. Joacaz, Joaquim, Joaquin e Sedecias reinam mal. Por fim, Nabucodonosor invade Jerusalém, incendeia o Templo, destrói a cidade e deporta o povo para

a Babilônia (2 Rs 25,9-11). Assim se consuma a queda de Judá, consequência de uma longa história de pecado.

Contudo, o livro não termina sem esperança. Joaquin, descendente de Davi, é libertado na Babilônia e passa a comer à mesa do rei (2 Rs 25,27-30). Mesmo no exílio, a linhagem davídica permanece. Desse modo, o Segundo Livro de Reis ensina que a infidelidade conduz à ruína, mas Deus conserva suas promessas. A esperança de Israel aponta para o Messias, Filho de Davi, Jesus Cristo, o Servo sofredor anunciado por Isaías e o novo Templo da presença de Deus entre os homens (Is 52,13–53,12; Jo 2,19).

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Deixo que o Senhor vença meu orgulho e obedeço à sua Palavra, tal como fez Naamã ao ouvir o profeta Eliseu?

2. Vivo na fidelidade que garante a segurança da vida eterna ou no pecado que leva ao exílio e ao afastamento eterno de Deus?

27 de Agosto

1 CRÔNICAS - O CHAMADO À FIDELIDADE E AO CULTO VERDADEIRO

Quaresma de São MIGUEL

O Primeiro Livro de Crônicas foi originalmente parte de uma única obra, unida ao Segundo Livro de Crônicas, e pertence ao conjunto conhecido como “história do cronista”, ao lado de Esdras e Neemias. Escrito após o retorno do Exílio da Babilônia, seu objetivo é recordar ao povo eleito a sua identidade, mostrar a continuidade das promessas divinas e reafirmar que a verdadeira prosperidade de Israel depende da fidelidade à Lei de Moisés e da obediência ao Senhor. Por isso, o livro busca despertar no povo uma profunda aversão à idolatria e uma fé viva no Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

A primeira parte apresenta longas genealogias, desde Adão até os habitantes de Jerusalém (1 Cr 1,1–9,44). Essas listas não são meras repetições de nomes, mas têm uma finalidade espiritual e teológica: mostrar que o povo que voltou do exílio continua sendo herdeiro da história santa e depositário das promessas de salvação. Entre as tribos, recebem destaque especial Judá e Levi. Judá é importante porque dela vem Davi, o rei escolhido por Deus e portador da promessa messiânica; Levi, porque dela procedem os sacerdotes e levitas ligados ao culto do Templo. Assim, essas genealogias apontam para Cristo, que realiza em si a realeza e o sacerdócio: Ele é o verdadeiro Rei e o verdadeiro Sacerdote.

A segunda grande parte do livro trata do reinado de Davi (1 Cr 10,1–29,30). O relato começa com a morte de Saul, apresentada como consequência de sua infidelidade ao Senhor (1 Cr 10,13-14). A realeza é então trans-

ferida para Davi, filho de Jessé, escolhido por Deus para reunir o povo. O cronista omite os aspectos mais negativos da vida de Davi, como sua perseguição por Saul e seu pecado com Betsabéia, pois deseja apresentar sobretudo a grandeza de sua missão na história da salvação.

Três acontecimentos marcam o reinado de Davi em Crônicas: sua subida ao trono, a transferência da Arca da Aliança para Jerusalém e os preparativos para a construção do Templo. Ao ser reconhecido por todo Israel, Davi aparece como o rei que une o povo em torno de si (1 Cr 11,1). Essa unidade prefigura Cristo, que atrai todos os homens para si (Jo 12,32). Depois de ungido, Davi conquista Jerusalém e a transforma no centro político e religioso do reino.

A transferência da Arca para Jerusalém é um dos momentos mais importantes do livro, pois a Arca representava a presença de Deus

no meio de Israel (1 Cr 15,12). A tradição litúrgica da Igreja aplica este episódio à Virgem Maria, especialmente na Missa da Vigília da Assunção, pois Maria é a verdadeira Arca da Aliança: nela habitou o Verbo Encarnado, a presença definitiva de Deus entre os homens. Davi também organiza os levitas para o serviço litúrgico, o louvor e o canto diante da Arca (1 Cr 16,4), mostrando a centralidade do culto na vida do povo de Deus.

No capítulo 17, aparece a grande profecia de Natã. Deus promete a Davi uma casa e anuncia que um de seus descendentes terá seu trono firmado para sempre (1 Cr 17,10-14). Essa promessa se refere, em primeiro plano, a Salomão, mas alcança seu pleno cumprimento em Jesus Cristo, o Filho de Davi, cujo Reino não terá fim. A partir daí, Davi dedica-se aos preparativos do Templo, ainda que não seja ele quem o construirá. Suas vitórias militares fornecem os recursos para essa obra, e,

segundo a leitura espiritual apresentada no texto, as vitórias de Davi prefiguram a vitória de Cristo sobre Satanás e os demônios (1 Cr 18,13). O livro também relata o pecado de Davi no recenseamento (1 Cr 21,1), mas o episódio serve para destacar seu arrependimento e sua piedade. Após o castigo, Davi prepara o lugar onde será erguido o Templo, manifestando novamente que sua grande missão é encaminhar Israel para o culto verdadeiro.

Nos capítulos finais, Davi organiza cuidadosamente os levitas, sacerdotes, cantores, porteiros, militares e administradores do reino (1 Cr 23–27). Essa estrutura manifesta a importância que o Templo e o culto teriam especialmente depois do Exílio. Em seguida, Davi pronuncia um grande discurso diante do povo, destacando três verdades fundamentais: a unidade do reino, a eleição divina de Salomão e a centralidade do Templo na vida de Israel (1 Cr 28). Salomão, por ser “homem

de paz", é figura de Cristo, o verdadeiro Príncipe da Paz (1 Cr 22,9).

O Primeiro Livro de Crônicas termina com as ofertas generosas de Davi, dos chefes e de todo o povo para a construção do Templo (1 Cr 29,9). Davi eleva então uma bela oração de ação de graças, reconhecendo que tudo vem de Deus. Por fim, Salomão é ungido rei em seu lugar, e o livro se encerra com a morte de Davi. Assim, Crônicas apresenta Davi como o grande rei escolhido por Deus, organizador do culto e preparador do Templo, apontando para Cristo, o Filho de Davi, em quem a realeza, o sacerdócio e a presença de Deus encontram sua plenitude.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

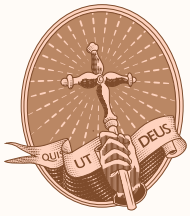
1. Creio que minha história está inserida na história da salvação e que Deus jamais nos abandona?

2. Me esforço para oferecer a Deus o melhor, assim como Davi ao fazer ofertas generosas para a construção do Templo?

28 de Agosto

2 CRÔNICAS - O TEMPLO, O CORAÇÃO E A ESPERANÇA QUE NÃO ACABA

Quaresma de São MIGUEL



O Segundo Livro de Crônicas dá continuidade à história iniciada no Primeiro Livro, concentrando-se no reinado de Salomão e, depois, nos reis de Judá até o Exílio da Babilônia. Diferentemente dos Livros dos Reis, o cronista quase não trata do Reino do Norte, pois deseja destacar a linhagem davídica, Jerusalém, o Templo e a fidelidade ao culto verdadeiro.

O livro começa apresentando Salomão como o rei escolhido por Deus para construir o Templo (2 Cr 1,1–9,31). Seu reinado é descrito de modo idealizado, ressaltando sua piedade,

sabedoria e riqueza. Depois de oferecer mil vítimas em holocausto, Salomão recebe de Deus a sabedoria necessária para governar o povo e também riquezas para realizar a grande obra do Templo. A construção acontece no Monte Moriá, lugar ligado ao sacrifício de Isaac (Gn 22,2), mostrando que o Templo está profundamente unido à história da Aliança. A dedicação do Templo é acompanhada pela transladação da Arca, pela oração de Salomão e pela súplica para que Deus habite no meio de seu povo (2 Cr 5–7). Contudo, já aparece uma advertência: se o rei e o povo forem fiéis, o Templo será sinal da proteção divina; se forem infiéis, sua destruição manifestará o castigo. Essa centralidade do Templo encontrará sua realização plena em Cristo, que falará de sua morte e ressurreição como destruição e reconstrução do verdadeiro Templo (Jo 2,19-21).

Após Salomão, o cronista passa a narrar os reis de Judá (2 Cr 10,1–35,27). Roboão, filho de

Salomão, mantém pesados encargos sobre o povo, e o reino se divide. Para o cronista, essa divisão acontece por disposição divina (2 Cr 10,15), mas Judá permanece como o verdadeiro Israel, sobretudo porque conserva Jerusalém, o Templo, os sacerdotes e os levitas. Mesmo tendo praticado o mal, Roboão se humilha, e Deus ainda encontra "coisas boas" em Judá (2 Cr 12,12.14).

Abias sucede Roboão e defende a legitimidade de Judá contra o Reino do Norte, afirmando que ali permanecem o culto verdadeiro e o sacerdócio legítimo. Depois dele, Asa realiza uma reforma religiosa, combate a idolatria e é considerado bom, embora no fim da vida deixe de confiar plenamente no Senhor. Josafá também é apresentado como rei fiel, pois combate a idolatria e busca a Deus, ainda que sua aliança com Acab seja reprovada. Sua vitória contra os inimigos manifesta uma grande lição espiritual: a guerra perten-

ce a Deus, e a salvação vem da confiança no Senhor (2 Cr 20,15). Será que confiamos plenamente que Deus combate em nosso favor?

Em seguida, o livro apresenta reis marcados por graves infidelidades. Jorão e Ocozias promovem a idolatria e se aproximam da casa de Acab. Atalia tenta destruir a descendência de Davi, mas Deus preserva Joás por meio de Josaba e do sacerdote Joiada, garantindo a continuidade da promessa davídica. Joás reina bem enquanto é orientado por Joiada e restaura o Templo (2 Cr 24,4), mas depois cai na idolatria e manda matar Zacarias, filho do sacerdote, crime recordado por Nosso Senhor (Mt 23,35). Amasias, Ozias e Joatão têm aspectos positivos, mas também mostram a necessidade de fidelidade plena: Amasias não serve a Deus com coração inteiro, e Ozias é castigado com lepra por querer usurpar funções sacerdotais. Acaz, por sua vez, é descrito como profundamente ímpio, entregando-se à idola-

tria, profanando o Templo e pondo em risco a própria identidade do povo de Deus (2 Cr 28,1-3).

Entre os reis justos, destaca-se Ezequias, fiel imitador de Davi (2 Cr 29,2). Ele reabre e purifica o Templo, restabelece o culto, convoca o povo para uma grande celebração da Páscoa, destrói sinais de idolatria e reorganiza os ministros sagrados (2 Cr 29–31). Sua reforma mostra que, para o cronista, a unidade do povo depende do retorno ao Senhor e ao culto verdadeiro. Também em seu reinado, Deus liberta Judá do ataque de Senaqueribe, rei da Assíria, enviando um anjo contra o exército inimigo (2 Cr 32,7-8.21).

Depois de Ezequias, Manassés comete pecados gravíssimos: promove idolatria, magia, necromancia, sacrifício de filhos e profanação do Templo (2 Cr 33,3-9). Contudo, ao ser castigado, humilha-se diante de Deus e recebe perdão, tornando-se exemplo da mi-

sericórdia divina concedida ao pecador arrependido. Seu filho Amon, porém, não se humilha e morre na impiedade. Josias surge então como um dos melhores reis de Judá: encontra o Livro da Lei no Templo, renova a Aliança, promove uma grande reforma religiosa e celebra uma Páscoa memorável (2 Cr 34,14; 35,18).

Apesar das reformas, os últimos reis — Joacaz, Joaquim, Joaquin e Sedecias — voltam à infidelidade. Nabucodonosor invade Jerusalém, deporta o povo, leva os objetos sagrados e, por fim, em 587 a.C., incendeia o Templo e leva a cidade à ruína. O cronista interpreta essa tragédia como cumprimento da palavra do profeta Jeremias e como consequência dos pecados de Judá (2 Cr 36,21; Jr 25,11-12).

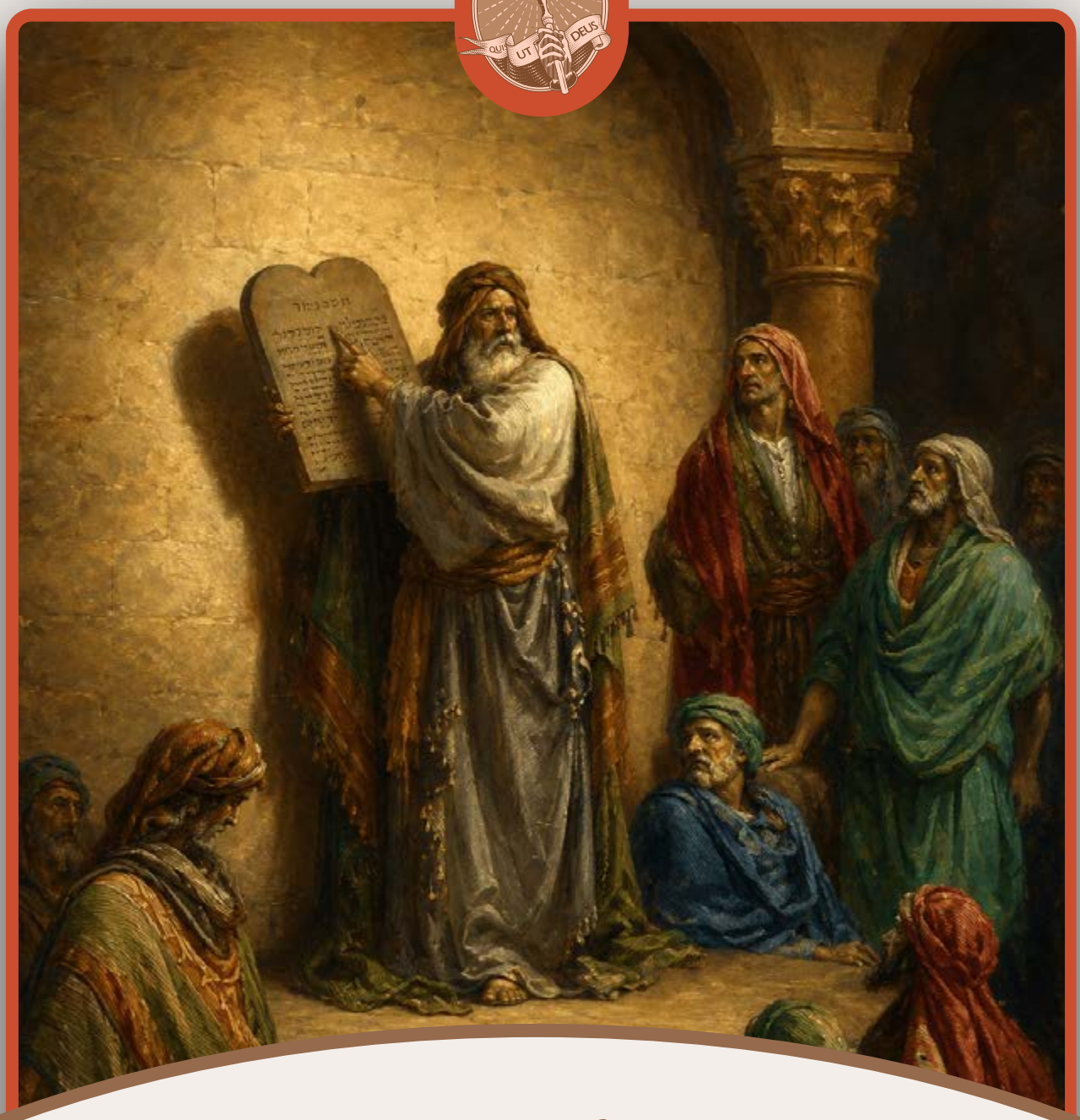
O livro termina, porém, com esperança. O edito de Ciro, rei da Pérsia, permite que os judeus retornem a Jerusalém e reconstruam o Templo (2 Cr 36,23). Assim, o Exílio não

é apresentado como o fim da história, mas como um tempo de purificação. Deus permanece fiel às suas promessas e prepara a restauração definitiva, que encontrará sua plenitude no Messias, Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Davi e verdadeiro Templo da presença de Deus entre os homens.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Diante das minhas infidelidades, suplico com humildade a misericórdia do Senhor?

2. Consigo reconhecer que minhas provações são um tempo de purificação da minha fé e confiança no Senhor?



29 de Agosto

ESDRAS - A RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO E DO POVO DE DEUS

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Esdras está profundamente ligado ao Livro de Neemias. No antigo cânon hebraico, ambos formavam um só volume e pertencem ao conjunto chamado “obra do cronista”. Seu tema central é o retorno do povo judeu do Exílio da Babilônia para a Terra Santa e a reconstrução religiosa e civil de Judá sob o domínio persa. Nesse período, Israel já não era governado por um rei da linhagem de Davi, mas sua vida interna passou a girar em torno do sumo sacerdote, da Lei e, progressivamente, da sinagoga.

A primeira parte do livro trata da reconstrução do Templo (Esd 1,1–6,22). A narrativa

começa retomando o final do Segundo Livro de Crônicas: Ciro, rei da Pérsia, autoriza os judeus exilados a regressarem a Jerusalém (Esd 1,1-3). Embora Ciro fosse um rei pagão, o texto mostra que Deus se serviu dele como instrumento de sua Providência, cumprindo a profecia de Jeremias sobre o fim do cativeiro (Jr 25,11-12). Assim, o retorno dos exilados não é apenas um acontecimento político, mas uma intervenção salvífica de Deus, que conserva um "resto" fiel para recomeçar a história do seu povo.

Sasabassar e Zorobabel, provavelmente ligados à linhagem de Davi, conduzem essa primeira etapa do retorno. O capítulo 2 apresenta a lista dos repatriados, indicando que o povo que volta à Terra Santa é o novo Israel que Deus reúne depois da purificação do Exílio. Ao chegarem a Jerusalém, os judeus oferecem donativos para a reconstrução do Templo, sinal de piedade e de desejo de res-

taurar o culto verdadeiro.

Nos capítulos seguintes, vemos que a primeira necessidade dos repatriados era restabelecer o altar e os sacrifícios prescritos pela Lei, especialmente por ocasião da Festa dos Tabernáculos (Esd 3,3-4). A reconstrução do Templo, iniciada por volta de 536 a.C., durou cerca de vinte anos, sendo concluída e dedicada em 515 a.C. Esse processo foi marcado por sentimentos contrastantes: os jovens alegravam-se com a nova construção, enquanto os mais velhos choravam ao recordar a glória do primeiro Templo (Esd 3,12).

A obra enfrentou forte oposição, principalmente dos samaritanos. Eles inicialmente quiseram participar da reconstrução, mas, por praticarem uma religiosidade sincretista, foram recusados pelos judeus. A partir disso, começaram a atrapalhar os trabalhos e conseguiram paralisá-los por certo tempo. Nesse contexto, os profetas Ageu e Zacarias tiveram

papel decisivo, encorajando o povo a retomar a obra. Pela Providência divina, o rei Dario confirmou a legalidade da reconstrução e favoreceu sua conclusão (Esd 6,14). Com o Templo terminado, os judeus celebraram novamente a Páscoa, sinal da restauração do culto e da identidade religiosa do povo (Esd 6,22).

A segunda parte do livro apresenta a missão de Esdras e a instauração da Lei (Esd 7,1–10,44). Esdras aparece como sacerdote, escriba e grande doutor da Lei, enviado por Artaxerxes a Jerusalém para ensinar e fazer cumprir os mandamentos de Deus. Ele é descrito como alguém que se aplicou de todo o coração a estudar, praticar e ensinar a Lei do Senhor (Esd 7,10). Nesse sentido, Esdras pode ser visto como figura de Cristo: assim como ele instruiu Israel na Lei de Moisés, Jesus ensinou a Lei e a levou à sua plenitude (Mt 5,17).

Ao chegar a Jerusalém, Esdras encontra uma grave situação de relaxamento espiritu-

al, especialmente por causa dos casamentos com mulheres estrangeiras, proibidos pela Lei por colocarem em risco a fidelidade religiosa do povo (Dt 7,3-4). Diante disso, ele se humilha diante de Deus e entoa uma oração penitencial, reconhecendo que os pecados do povo haviam chegado até o céu (Esd 9,6.11.15). Sua oração manifesta a dor de um verdadeiro pastor, que não se separa do pecado de seu povo, mas o apresenta diante do Senhor com vergonha, arrependimento e confiança.

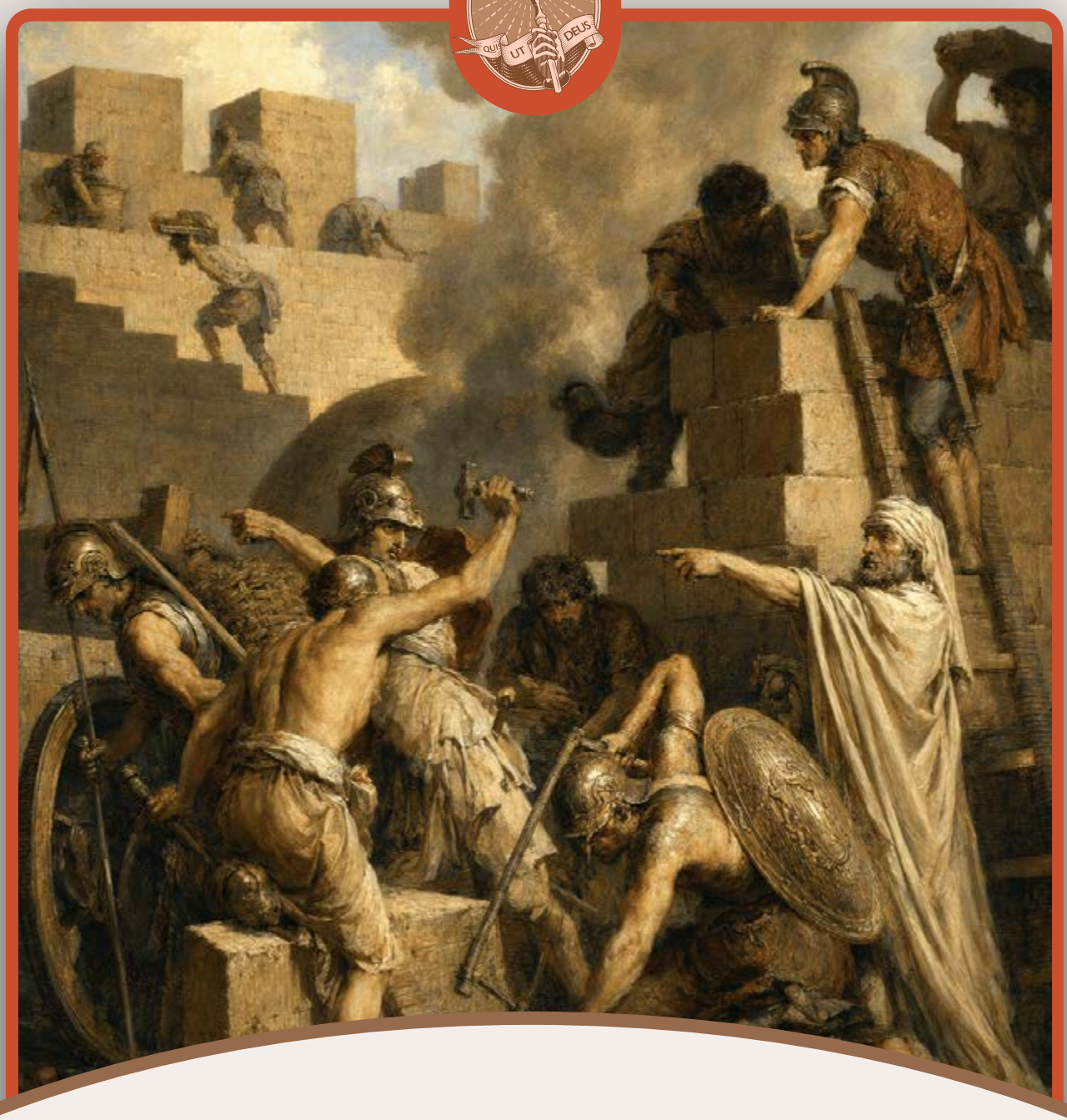
A resposta do povo à oração de Esdras foi uma decisão firme de reorganizar a comunidade judaica e reafirmar sua identidade religiosa. Muitos homens despediram suas mulheres estrangeiras e os filhos nascidos dessas uniões (Esd 10,44). O texto ressalta que essa medida, embora dura, tinha como finalidade preservar a fé de Israel e impedir que a idolatria voltasse a corromper o povo, como havia acontecido antes do Exílio da Babilônia.

O Livro de Esdras, portanto, mostra que o retorno à Terra Santa exigia também um retorno espiritual ao Senhor. A reconstrução do Templo e a restauração da Lei caminham juntas: o povo precisava reconstruir as pedras da casa de Deus, mas também reconstruir a fidelidade da própria alma. Desse modo, Esdras apresenta o despertar moral e religioso do "resto de Israel", os pobres de Deus, chamados a viver com humildade, obediência e confiança naquele que jamais abandona suas promessas.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Quando cometo algum pecado grave, busco imediatamente reconstruir o meu Templo interior através da confissão?

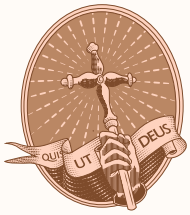
2. Diante do apelo de Deus, tenho a coragem de abandonar as situações que me levam ao pecado e, assim, mudar de vida?



30 de Agosto

NEEMIAS - A MÃO DE DEUS ESTÁ COMIGO

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Neemias está intimamente ligado ao de Esdras e dá continuidade ao processo de restauração do povo judeu depois do Exílio. A narrativa se concentra na reconstrução e no repovoamento de Jerusalém, especialmente por meio da missão de Neemias, oficial da corte do rei persa Artaxerxes. Ao tomar conhecimento da situação de ruína da Cidade Santa, Neemias se entristece profundamente, jejua e reza diante de Deus (Ne 1,4), compreendendo que aquela desolação era consequência das infidelidades do povo. Sua dor, porém, não o paralisa: ele pede autorização ao rei para retornar a Jerusalém e reconstruí-la, confiando que *"a mão favorável"* de Deus estava com ele (Ne 2,8).

Desde o início, Neemias enfrenta forte oposição, sobretudo dos samaritanos, de Sanabalat e de Tobias. Mesmo assim, age com prudência, coragem e fé: *"o próprio Deus do céu é quem nos fará triunfar. Nós somos seus servos e vamos reconstruir."* (Ne 2,20). A reconstrução dos muros torna-se, assim, sinal visível da restauração espiritual de Judá. Os inimigos cercavam e ameaçavam os trabalhadores, de modo que os judeus precisavam construir com uma mão e segurar a arma com a outra (Ne 4,11-12). Em sentido espiritual, esses construtores prefiguram o cristão que deve edificar o Reino de Deus com obras de caridade e, ao mesmo tempo, combater as ciladas do inimigo por meio da vigilância e da luta ascética (Ef 6,10-20).

Neemias também pode ser visto como figura de Cristo, pois, assim como Nosso Senhor, foi acusado injustamente, ameaçado e pressionado a abandonar a missão. Contudo,

perseverou até ver a obra concluída. Depois da reconstrução, o livro apresenta uma lista dos repatriados, semelhante à de Esdras, para confirmar quem pertencia verdadeiramente ao povo da Aliança (Ne 7). Essa preocupação tinha por finalidade salvaguardar a identidade religiosa de Israel, preservando a pureza da fé até a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O centro espiritual do livro está na proclamação da Lei feita por Esdras e na confissão dos pecados do povo (Ne 8–10). Diante da leitura solene da Lei, homens, mulheres e crianças capazes de compreender escutam atentamente desde a manhã até o meio-dia (Ne 8,3). O povo chora ao perceber suas infidelidades, mas Esdras e os levitas ensinam que aquele era um dia santo, um verdadeiro recomeço diante de Deus. A comunidade então se compromete a observar fielmente a Lei, e os chefes, sacerdotes e levitas assinam uma aliança de obediência. Assim, a restau-

ração de Jerusalém não se limita aos muros de pedra, mas alcança o coração do povo, chamado novamente à fidelidade.

Após a conclusão das obras, realiza-se a solene dedicação das muralhas, com cortejos, cânticos e sacrifícios no Templo, imagem da alegria do povo restaurado. São Beda vê nessa celebração uma figura da entrada triunfal da Igreja na glória, quando se completar o número dos eleitos. Contudo, depois de alguns anos, Neemias retorna a Jerusalém e encontra novamente abusos: o Templo abandonado, o sábado profanado, casamentos mistos e perda da identidade religiosa. Sua reação severa revela o zelo pela Aliança, e o livro termina como uma súplica: *"Levai-o em conta, ó meu Deus, para o meu bem!"* (Ne 13,31). Em síntese, Neemias ensina que a infidelidade destrói o povo de Deus, mas o retorno sincero ao Senhor é caminho de restauração, esperança e salvação.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

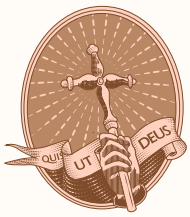
1. Diante das dificuldades que a vida me impõe, continuo fiel aos mandamentos de Deus?

2. Recomeço constantemente a minha vida espiritual, mesmo depois de prometer fidelidade absoluta a Deus? O que me falta para ser mais perseverante?

31 de Agosto

TOBIAS - SANTIDADE DA VIDA FAMILIAR

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Tobias, embora esteja entre os livros históricos, pertence a um gênero literário de caráter edificante e moralizante, semelhante a Judite e Ester. Trata-se de um livro deuterocanônico, reconhecido pela Igreja Católica como inspirado por Deus. Sua finalidade principal é louvar a Providência Divina, mostrando que o Senhor jamais abandona os seus servos fiéis, ainda que permita provações temporárias para purificá-los e conduzi-los a um bem maior. Por isso, Tobias é também chamado de "Livro dos Noivos", pois apresenta uma bela catequese sobre a santidade da vida familiar e conjugal.

A primeira parte do livro apresenta Tobit, israelita justo da tribo de Neftali, deportado para Nínive após a invasão assíria. Mesmo no exílio, ele permanece fiel à Lei, evita os costumes pagãos, pratica obras de misericórdia, alimenta os famintos, veste os nus e sepulta os mortos (Tb 1,12.19-20). Contudo, apesar de sua piedade, Deus permite que Tobit fique cego. Ele não murmura contra o Senhor, mas persevera no temor de Deus e na gratidão (Tb 2,13-14). Ao mesmo tempo, Sara, sua parenta, sofre em Ecbátana, pois sete maridos seus haviam morrido por ação do demônio Asmodeu. Tobit e Sara, ambos mergulhados na dor, elevam a Deus suas orações, e o Senhor envia o arcanjo Rafael para socorrê-los (Tb 3,25).

A segunda parte narra a viagem do jovem Tobias à Média, enviado por seu pai para recuperar uma quantia confiada a Gabael. Antes de partir, Tobit aconselha o filho a viver no temor de Deus, evitar o pecado e confiar na

verdadeira riqueza que vem da vida honesta diante do Senhor (Tb 4,23). A Providência já havia preparado o caminho: Tobias encontra o arcanjo Rafael, que se apresenta como companheiro de viagem sem revelar sua natureza. Esse episódio mostra que Deus conduz os seus servos por meio dos anjos, muitas vezes de modo discreto, mas eficaz, como ensina a tradição da Igreja sobre a proteção angélica concedida aos fiéis.

Durante a viagem, Tobias é atacado por um peixe e, obedecendo ao arcanjo Rafael, guarda o coração, o fígado e o fel, que servirão mais tarde como remédio contra o demônio e contra a cegueira de Tobit. Ao chegar a Ecbátana, o arcanjo Rafael propõe o casamento de Tobias com Sara. Embora Tobias tema morrer como os antigos maridos dela, o anjo ensina que o demônio tem poder sobre aqueles que excluem Deus do matrimônio e se entregam à paixão desordenada (Tb 6,17). Tobias e Sara,

ao contrário, iniciam sua união com oração, castidade e temor do Senhor, vencendo assim o demônio e recebendo a bênção prometida à descendência de Abraão (Tb 6,18-22).

A terceira parte mostra o retorno de Tobias e Sara a Nínive. Instruído pelo arcanjo Rafael, Tobias aplica o fel do peixe nos olhos de seu pai, e Tobit recupera a visão (Tb 11,13-15). A cura física manifesta também a ação espiritual de Deus, que transforma a dor dos justos em ocasião de graça. O arcanjo então revela a grande lição do livro: a oração unida ao jejum e à esmola é agradável a Deus, e a esmola livra da morte, apaga os pecados e alcança misericórdia (Tb 12,8-9). Em seguida, revela sua identidade: é Rafael, um dos sete anjos que assistem diante do Senhor (Tb 12,15).

O livro termina com o hino de ação de graças de Tobit e com seu testamento espiritual a Tobias. Sua vida é apresentada como exemplo de fidelidade, misericórdia, paciên-

cia nas provações e louvor constante a Deus. Assim, Tobias ensina que os justos sofrem não porque Deus os abandona, mas porque deseja purificá-los e torná-los ainda mais santos. A Providência Divina conduz todos os acontecimentos: a cegueira de Tobit, a angústia de Sara, a viagem de Tobias, a presença do arcanjo Rafael, o matrimônio santo e a cura final. Tudo converge para mostrar que Deus protege os que O temem, recompensa a caridade e transforma as lágrimas dos fiéis em bênçãos de salvação.

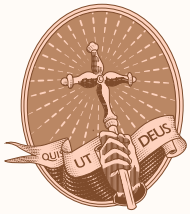
PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Recorro ao meu anjo da guarda todos os dias, especialmente nos momentos de tentação?
2. Procuro viver com fidelidade a santidade no seio familiar? Tenho consagrado minha família a Deus?

01 de Setembro

JUDITE - O TRIUNFO DA FÉ E DA HUMILDADE SOBRE O PODER

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Judite, assim como Tobias e Ester, é deuterocanônico e pertence ao gênero do *midraxe* ou *hagadá*, isto é, uma narração de caráter edificante e moralizante, destinada à formação espiritual dos fiéis. Embora esteja entre os livros históricos, sua finalidade principal não é apenas registrar acontecimentos, mas proclamar a Providência de Deus, que jamais abandona o seu povo quando este permanece fiel na provação. Escrito provavelmente no fim do século II a.C., em contexto semelhante ao tempo dos Macabeus, o livro desejava fortalecer os judeus na defesa de sua fé, de suas tradições e de sua identidade religiosa.

A primeira parte apresenta a ameaça de um poderoso inimigo contra Israel (Jt 1,1–7,32). Nabucodonosor, rei assírio, movido pelo orgulho e pelo desejo de vingança, envia seu general Holofernes para submeter os povos que não o haviam auxiliado. Após conquistar várias regiões, o exército inimigo chega diante de Betúlia, pequena cidade israelita de importância estratégica, pois sua queda abriria caminho para Jerusalém e para a profanação do Templo. Diante do perigo, o sacerdote Joaquim exorta o povo à resistência, à oração e à penitência.

Nesse contexto, destaca-se Aquior, príncipe pagão, que adverte Holofernes sobre a força espiritual de Israel: *"se esse povo não está manchado de nenhuma ofensa para com o seu Deus, não o poderemos enfrentar, porque o seu Deus o defenderá e seremos o opróbrio de toda a terra."* (Jt 5,25). Holofernes, cheio de soberba, despreza essa advertência e cerca

Betúlia, cortando o acesso à água para enfraquecer seus habitantes. O povo, tomado pelo medo, começa a perder a esperança e pede a rendição. Ozias, governador da cidade, ainda consegue adiar a decisão por cinco dias, esperando que Deus manifeste sua misericórdia (Jt 7,23-25).

A segunda parte mostra como Deus confunde os inimigos por meio de Judite (Jt 8,1–16,25). Viúva piedosa, casta, penitente e temente a Deus, Judite repreende a falta de confiança dos chefes da cidade, pois não se deve impor prazos ao Senhor, mas suplicar com fé e humildade. Depois de rezar e se preparar, ela parte para o acampamento inimigo com a bênção dos anciãos (Jt 10,8). Sua beleza, aumentada por Deus, torna-se instrumento providencial, não por vaidade ou paixão, mas por virtude e missão. Holofernes a recebe em sua tenda, seduzido pela aparência daquela mulher que, na verdade, vinha revestida da força do Altíssimo.

No quarto dia, Holofernes, embriagado e dominado por seus desejos, fica sozinho com Judite. Ela, depois de invocar a força de Deus, toma a espada do próprio inimigo e o decapita (Jt 13,10). Em seguida, retorna a Betúlia levando a cabeça de Holofernes como sinal da vitória divina. O povo louva o Senhor, Aquior crê no Deus de Israel e incorpora-se à casa de Israel. No dia seguinte, os israelitas atacam os inimigos, que, ao descobrirem a morte de seu chefe, fogem em pânico. Assim, o exército orgulhoso e aparentemente invencível é derrotado não pela força humana, mas pela mão de Deus agindo por meio de uma mulher humilde e fiel.

O Livro de Judite ensina que não se deve render-se às dificuldades nem impor condições a Deus, mas confiar em sua Providência. Judite aparece como modelo de coragem, castidade, mortificação, oração e confiança no Senhor. Para a tradição cristã, ela prefigura a

Santíssima Virgem Maria: assim como Judite esmagou o orgulho do inimigo de Israel, Maria, pelos méritos de Cristo, participa da vitória definitiva sobre o inimigo do gênero humano. Por isso, a Liturgia aplica à Virgem louvores dirigidos a Judite, como *"bendita entre as mulheres"* e *"glória de Jerusalém"* (Jt 13,18-19; Jt 15,10). O livro proclama, enfim, a lógica de Deus: Ele derruba os poderosos e exalta os humildes, manifestando sua salvação por meios pequenos aos olhos do mundo, mas grandes pela fé (Lc 1,52).

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Diante das tribulações permaneço fiel como Judite ou entro em desespero como o povo de Betúlia?

2. Quais são os inimigos espirituais que preciso vencer, cortando o mal pela raiz?

02 de Setembro

ESTER - CORAGEM E FIDELIDADE AO SENHOR

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Ester, embora esteja entre os livros históricos, pertence ao gênero edificante do *midraxe* ou *hagadá*, como Tobias e Judite. Parte dele pertence ao cânon hebraico, enquanto os acréscimos gregos são deuterocanônicos e reconhecidos pela Igreja Católica como inspirados. O livro narra como Deus, mesmo sem ser nomeado explicitamente em grande parte do texto hebraico, conduz providencialmente os acontecimentos para salvar seu povo da destruição. Ester, mulher judia da tribo de Benjamim, torna-se instrumento da libertação de Israel e, por sua castidade, coragem e intercessão diante do rei, é vista

pela tradição cristã como figura da Virgem Maria, aquela que encontrou graça diante de Deus (Lc 1,30).

A primeira parte apresenta a ascensão de Ester à dignidade real (Est 1–2,18). Assuero, rei da Pérsia, após repudiar a rainha Vasti, procura uma nova esposa entre as jovens do império. Entre elas está Ester, órfã criada por seu tio Mardoqueu, que lhe recomenda não revelar sua origem judaica. Pela beleza e pela graça que alcança diante do rei, Ester é escolhida e coroada rainha no lugar de Vasti (Est 2,17). Ao mesmo tempo, Mardoqueu descobre uma conspiração contra o rei e a denuncia por meio de Ester; embora o fato seja registrado nos anais do reino, ele não recebe imediatamente recompensa alguma (Est 2,19-23).

A segunda parte mostra o ódio de Amã contra Mardoqueu e contra todo o povo judeu (Est 3). Elevado a uma posição de grande honra, Amã exige que todos se prostrem diante dele.

Mardoqueu, porém, fiel à sua consciência religiosa, recusa-se a dobrar os joelhos, preferindo obedecer a Deus antes que aos homens (At 5,29). Ferido em seu orgulho, Amã não se contenta em perseguir Mardoqueu, mas obtém do rei um decreto para exterminar todos os judeus do império no dia 13 do mês de Adar, último mês do ano definido por sorteio (Pur). (Est 3,8-15). Diante dessa ameaça, os judeus se entregam ao jejum, ao pranto e à penitência.

A terceira parte apresenta a súplica dos judeus, a coragem de Ester e a queda de Amã (Est 4–7). Mardoqueu pede que Ester interceda junto ao rei, recordando-lhe que talvez ela tenha chegado à realeza justamente para aquele momento (Est 4,13-14). Embora soubesse que poderia morrer por apresentar-se ao rei sem ser chamada, Ester pede três dias de jejum e decide agir: *"Se for preciso morrer, morrerei"* (Est 4,16). Ao encontrar graça diante

de Assuero, convida o rei e Amã para banquetes sucessivos. Nesse intervalo, pela misteriosa Providência, o rei sofre insônia, manda ler os anais do reino e descobre que Mardoqueu nunca fora recompensado por ter salvado sua vida (Est 6). Amã, que preparara uma forca para Mardoqueu, é obrigado a honrá-lo publicamente, cumprindo-se a verdade ensinada por Cristo: *"quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado"* (Mt 23,12).

No segundo banquete, Ester revela ao rei que ela e seu povo foram condenados ao extermínio, apontando Amã como o inimigo responsável (Est 7,2-6). O rei, indignado, manda enforcar Amã na própria forca que ele havia preparado para Mardoqueu. Como os decretos persas eram irrevogáveis, não se podia simplesmente anular a sentença contra os judeus; por isso, um novo decreto permite que eles se defendam de seus inimigos (Est 8,11). No dia marcado, os judeus vencem seus

perseguidores e, em seguida, celebram a libertação com alegria. Assim nasce a Festa de Purim, celebrada anualmente nos dias 14 e 15 do mês de Adar, com banquetes e troca de presentes (Est 9).

Os acréscimos gregos ao Livro de Ester tornam explícita a ação de Deus, destacando as orações de Mardoqueu e de Ester, a confiança no Senhor, a penitência e a coragem diante do perigo (Est 10,4–16). Ester reconhece que não tem outro socorro senão Deus e clama por libertação em sua angústia (Est 14,3-19). O livro, portanto, ensina que a fidelidade a Deus exige coragem, prudência, oração e disposição para o sacrifício. Como Judite, Ester prefigura a Santíssima Virgem Maria: rainha intercessora, humilde e poderosa diante do Rei. Sua história proclama que Deus não abandona os seus, mas transforma a aparente fraqueza dos fiéis em vitória sobre os inimigos de seu povo.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

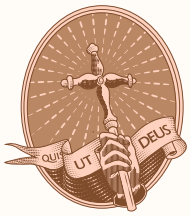
1. Como Ester, estou disposto a correr riscos para salvaguardar a verdade e o bem?

2. Confio no Senhor para que Ele me livre dos perigos que ameaçam minha vida, minha salvação e a de toda a minha família?

03 de Setembro

1 MACABEUS - RESISTÊNCIA POR AMOR E FIDELIDADE A DEUS

Quaresma de São MIGUEL



O Primeiro Livro dos Macabeus conclui, com o segundo livro, o conjunto dos livros históricos da Bíblia católica. Esses livros narram a história do povo judeu no período mais próximo à vinda de Cristo, depois do tempo tratado em Esdras e Neemias. A narrativa começa no contexto da dominação helenística, sobretudo sob Antíoco IV Epífanes, rei da Síria, que tentou destruir a identidade religiosa dos judeus, impondo costumes pagãos, proibindo práticas da Lei e profanando o Templo de Jerusalém. Os livros dos Macabeus são deuterocanônicos, conservados na Septuaginta e reconhecidos pela Igreja como divinamente inspirados.

A primeira parte apresenta a helenização de Jerusalém e a perseguição religiosa promovida por Antíoco (1 Mc 1,1-64). Depois das conquistas de Alexandre Magno, difundiu-se o helenismo, que procurava misturar povos, culturas e religiões. Em Jerusalém, muitos judeus se deixaram seduzir pelos costumes pagãos. Antíoco atacou os pilares da fé judaica: o Templo, a circuncisão, a guarda do sábado e os livros da Lei. Sua ação mais grave foi a profanação do Templo, quando mandou erguer a "Abominação da desolação" sobre o altar (1 Mc 1,54). Essa idolatria tornou-se sinal da apostasia e prefiguração das grandes tribulações que acompanharão a história do povo de Deus, especialmente a prova final anunciada pela fé da Igreja.

Diante dessa perseguição, levanta-se Matatias, sacerdote fiel, que inicia a resistência armada em defesa da Lei e da pátria (1 Mc 2,1-70). Com seus filhos João, Simão, Judas,

Eleazar e Jônatas, ele reúne os judeus piedosos que não aceitaram abandonar a Aliança. A rebelião não nasce da ambição política, mas do zelo religioso: tratava-se de defender a fé recebida dos patriarcas, o culto verdadeiro e a fidelidade ao Deus único. Antes de morrer, Matatias exorta seus filhos a permanecerem firmes na Lei, e Judas, chamado Macabeu, assume a liderança da luta.

A terceira parte concentra-se na etapa de Judas Macabeu (1 Mc 3,1–9,22). À frente de um pequeno exército, Judas enfrenta forças muito superiores, confiando que a vitória não depende do número dos soldados, mas da força que vem do céu (1 Mc 3,18-19). Suas vitórias permitem a purificação e nova dedicação do Templo, justamente no mesmo dia em que havia sido profanado pelos gentios (1 Mc 4,54-55). Esse acontecimento manifesta a restauração do culto e da liberdade religiosa. Judas também combate inimigos externos e

judeus infiéis que favoreciam a helenização, como Alcimo, considerado ainda mais nocivo que os pagãos por seduzir Israel à apostasia (1 Mc 7,23). Após novas batalhas, Judas busca aliança com Roma, mas acaba morrendo em combate (1 Mc 9,1-22).

Depois de Judas, Jônatas assume a liderança do povo (1 Mc 9,23–12,53). Sua etapa é marcada mais pela diplomacia que pelas armas. Em meio às disputas pelo trono da Síria, Jônatas consegue ampliar a liberdade dos judeus, sendo reconhecido como sumo sacerdote, chefe militar e governador. Nesse período, permanece a ameaça da perda da identidade religiosa, simbolizada pela tentativa de Alcimo de destruir o muro do pátio interior do santuário (1 Mc 9,54-55). O texto mostra que a verdadeira unidade entre judeus e gentios não viria pela infidelidade à Lei, mas somente, no tempo oportuno, pela obra de Cristo na Cruz, que faria dos dois povos uma só

humanidade renovada (Ef 2,14-16). Contudo, Jônatas termina traído por Trifão, que lhe prepara uma armadilha e o faz prisioneiro em Ptolemaida (1 Mc 12,39-53).

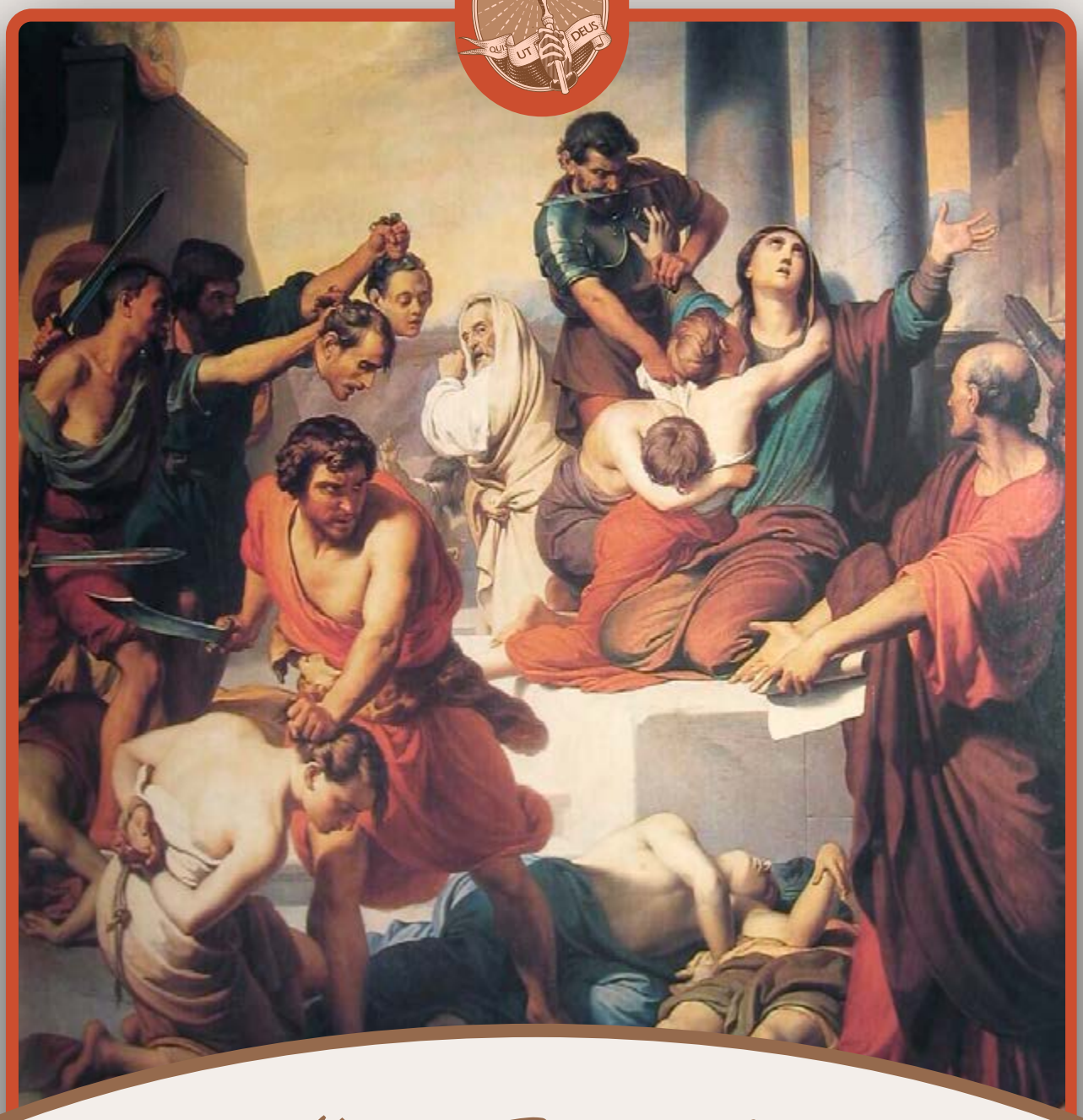
Por fim, Simão, último dos filhos de Matatias, conduz a Judéia à independência política (1 Mc 13,1–16,24). Ele é eleito pelo povo, enfrenta Trifão, reconquista Jerusalém e obtém de Demétrio II o reconhecimento da autonomia judaica. Sob seu governo, a Judéia alcança liberdade religiosa e soberania nacional, chegando até a cunhar sua própria moeda. Contudo, Simão não morre nas mãos dos inimigos estrangeiros, mas vítima da traição de seu genro Ptolomeu, que desejava usurpar o poder. Seu filho João Hircano assume o governo e fortalece Jerusalém. Assim, o Primeiro Livro dos Macabeus apresenta o testemunho de um povo que, mesmo pequeno e perseguido, prefere lutar e sofrer a abandonar a Lei do Senhor. É, portanto, um livro de zelo,

fidelidade e esperança, no qual Deus sustenta os seus fiéis contra a idolatria, a apostasia e a opressão dos poderosos.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Diante do mundo que tenta destruir a minha fé, permaneço firme e combato a mentalidade mundana?

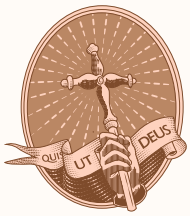
2. Por quais meios defendo minha alma dos inimigos que desejam profaná-la?



04 de Setembro

2 MACABEUS - ANTES MORRER DO QUE PECAR

Quaresma de São MIGUEL



O Segundo Livro dos Macabeus, embora trate do mesmo período histórico do primeiro, não é sua continuação direta. Ele concentra-se sobretudo nos acontecimentos ligados à atividade de Judas Macabeu, com atenção especial ao Templo de Jerusalém, que foi profanado, purificado e restaurado. Seu sentido religioso é mais profundo, pois mostra que o Templo simboliza a própria vida da nação: quando o povo é fiel, Deus o protege; quando se afasta da Lei, permite a provação como castigo e purificação. O livro também destaca o valor do martírio, ensinando que a fidelidade a Deus, à Lei e à verdadeira religião vale mais que a própria vida.

A primeira parte apresenta a perseguição movida por Seleuco IV e Antíoco IV Epífanes (2 Mc 3,1–7,42). No início, o Templo era respeitado até pelos reis estrangeiros, por causa da piedade do sumo sacerdote Onias e da observância da Lei (2 Mc 3,1-2). Quando Heliodoro tenta confiscar os tesouros sagrados, Deus manifesta seu poder e impede a profanação, mostrando que sua casa é inviolável quando o povo permanece fiel (2 Mc 3,25). Mais tarde, porém, com a corrupção de líderes como Jasão e Menelau, a helenização se espalha, os sacerdotes negligenciam o altar e o povo se deixa contaminar pelos costumes pagãos. Por isso, Deus permite que Antíoco invada Jerusalém, saqueie o Templo e profane a Cidade Santa (2 Mc 5,15-16; 6,1-2).

Em meio à perseguição, surgem testemunhos admiráveis de fidelidade. Eleazar, ancião venerável, prefere morrer a fingir que viola a Lei, para não escandalizar os jovens nem

manchar sua velhice com uma falsa aparência de apostasia (2 Mc 6,24-28). Em seguida, os sete irmãos Macabeus e sua mãe suportam terríveis suplícios, recusando-se a comer carne proibida. Suas palavras professam verdades fundamentais da fé: a recompensa dos justos, a ressurreição dos mortos, a restauração do corpo, o castigo dos ímpios, a criação a partir do nada e o valor expiatório do martírio (2 Mc 7,9.14.28-30.37-38). Esses testemunhos preparam a compreensão cristã do sacrifício redentor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A segunda parte narra a guerra de Judas Macabeu contra os sírios (2 Mc 8,1–15,37). Judas reúne os fiéis e os conduz à luta, não confiando primeiramente nas armas, mas no Deus Todo-poderoso, que pode vencer qualquer inimigo (2 Mc 8,18). Antíoco IV, que profanara o Templo e se exaltara em sua soberba, termina castigado por Deus com uma morte humilhante, sinal da queda daqueles que se

levantam contra o Senhor (2 Mc 9,9-11). Com a vitória de Judas, o Templo é purificado e novamente dedicado, indicando que o tempo da ira chegara ao fim e que Deus voltava a manifestar sua misericórdia ao povo fiel.

Depois da morte de Antíoco IV, seu filho Antíoco V Eupator e outros inimigos continuam atacando os judeus. Contudo, o livro mostra repetidamente a intervenção divina em favor dos que combatem pela Lei e pelo Templo. Em uma batalha, aparecem guerreiros celestes protegendo Judas e confundindo os inimigos (2 Mc 10,29-30); em outra, um cavaleiro vestido de branco surge como auxílio enviado pelo Senhor misericordioso (2 Mc 11,8.10-11). Também nesse contexto aparece uma das passagens mais importantes para a fé católica: após encontrar objetos idolátricos nos corpos de judeus mortos em combate, Judas manda oferecer sacrifícios por eles em Jerusalém, professando a esperança na res-

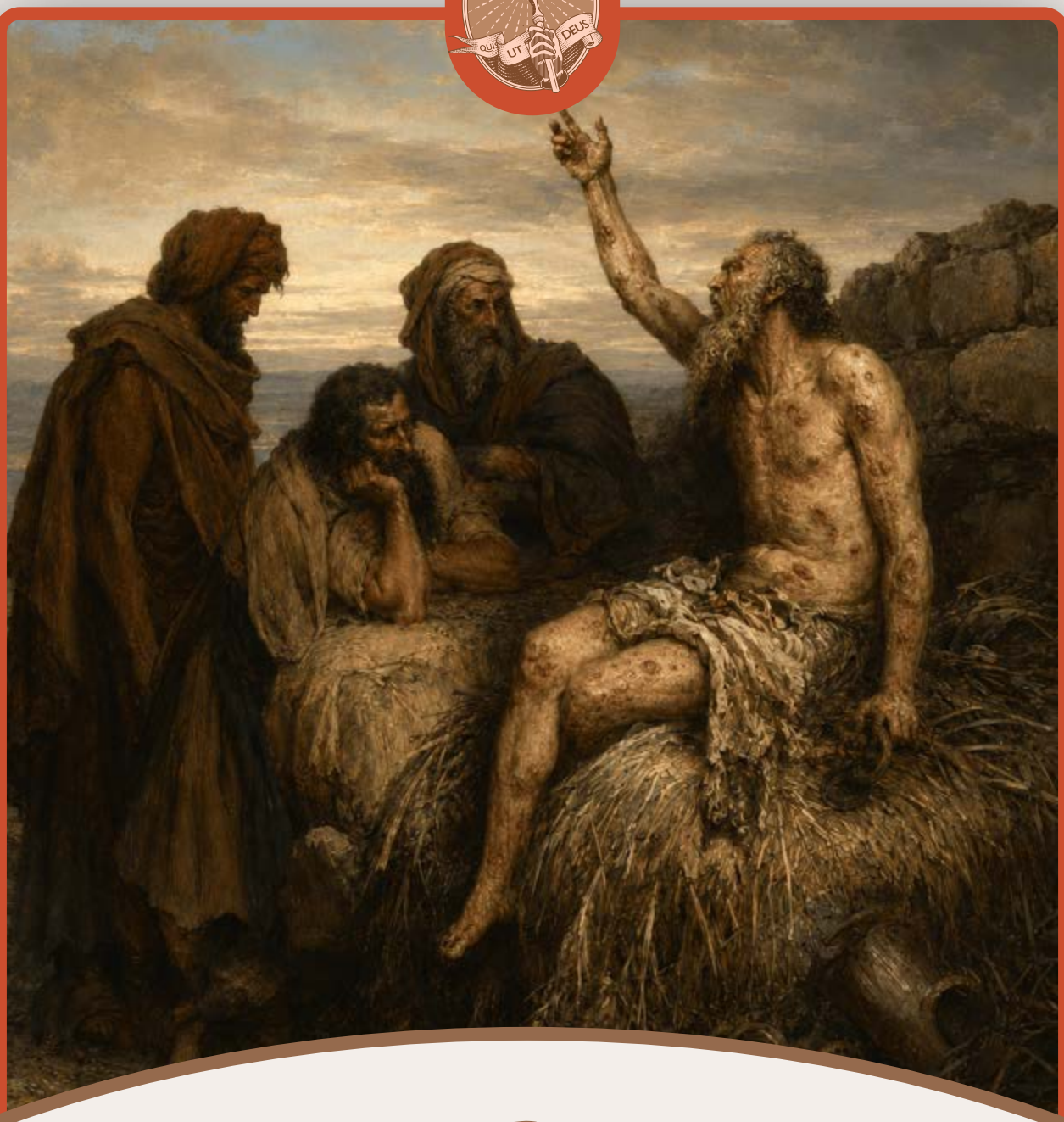
surreição e a eficácia da oração pelos defuntos (2 Mc 12,46). Essa passagem fundamenta a doutrina do Purgatório e o valor dos sufrágios pelos mortos.

O livro termina com a vitória de Judas sobre Nicanor, que ameaçava destruir o Templo e substituí-lo por um santuário pagão dedicado a Dioniso (2 Mc 14,33). Os sacerdotes suplicam a Deus que preserve sua casa recém-purificada (2 Mc 14,36), e Judas, fortalecido pelo Senhor, derrota Nicanor. O povo louva a Deus, reconhecendo que Ele preservou sua morada de toda impureza (2 Mc 15,34). Assim, o Segundo Livro dos Macabeus proclama que Deus jamais abandona o povo da Aliança: permite provações por causa do pecado, mas escuta os arrependidos, sustenta os mártires, protege o Templo e fortalece os fiéis na esperança da ressurreição e da vida eterna, plenamente consumada na nova e eterna Aliança de Cristo.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Estou disposto a lutar para defender a minha fé contra as investidas do mundo e do demônio?

2. A vivência da fé católica é o centro da minha vida ou apenas mais um elemento entre tantos outros?



05 de Setembro

JÓ - DE ONDE VEM OS SOFRIMENTOS DO JUSTO?

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Jó inaugura, no cânon do Antigo Testamento, o conjunto dos livros sapienciais, ao lado dos Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico. Trata-se de uma das obras mais profundas da Sagrada Escritura sobre o sofrimento humano, especialmente o sofrimento do justo. São Tiago apresenta Jó como modelo de paciência e perseverança (Tg 5,10-11), e São Tomás de Aquino o interpreta como uma grande lição sobre a Providência Divina. O livro aborda uma pergunta universal: por que sofrem os bons? Com isso, ultrapassa a visão antiga segundo a qual todo sofrimento seria

necessariamente castigo por pecados pessoais.

A narrativa apresenta Jó, homem de Hus, como *"íntegro, reto, que temia a Deus e fugia do mal"* (Jó 1,1). Ele possuía riquezas, família e honra, sinais da bênção divina. Contudo, Satanás, o acusador, afirma que Jó só é fiel porque recebeu muitos bens. Deus permite então que ele seja provado: Jó perde suas posses, seus filhos e, por fim, a saúde, sendo ferido por uma úlcera dolorosa. Mesmo assim, diante das primeiras tragédias, ele proclama: *"O Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor!"* (Jó 1,21). Começa, assim, a sua paixão, marcada por dor, silêncio, perguntas e profunda angústia.

Na parte central do livro, Jó dialoga com seus três amigos: Elifaz, Bildad e Sofar. Eles defendem a concepção tradicional de que o sofrimento é sempre consequência do pecado; por isso, insistem para que Jó reconheça alguma

culpa escondida. Jó, porém, afirma sua inocência e não aceita uma explicação simplista para sua dor (Jó 9,21; 10,7). Ele não compreende a razão de seu sofrimento, mas não deixa de buscar a Deus. Ao contrário, deseja falar diretamente com o Todo-Poderoso e apresenta diante dele sua causa (Jó 13,3; 31,35). Sua dor torna-se, assim, uma oração dramática, mas cheia de esperança.

Depois dos discursos dos amigos, aparece Eliú, que oferece uma nova interpretação: Deus pode permitir o sofrimento não apenas como castigo do ímpio, mas também como prova, correção e instrução do justo. Segundo ele, o sofrimento pode tornar-se caminho de purificação e aproximação de Deus (Jó 36,15.21). Essa intervenção prepara o leitor para compreender que a dor humana não cabe em esquemas rígidos de culpa e punição, pois os desígnios divinos são mais profundos do que o raciocínio imediato dos homens.

O ponto culminante do livro está no discurso do Senhor (Jó 38,1–42,6). Deus não oferece a Jó uma explicação direta e racional de cada sofrimento, mas o conduz à contemplação da criação: os astros, os fenômenos da natureza, as aves e os animais. O Senhor mostra que governa todas as coisas com sabedoria, poder e amor, mesmo aquilo que o homem não compreende nem controla. Jó é convidado a olhar sua dor dentro do mistério maior da Providência Divina. Assim, aprende que Deus não se submete à lógica humana; antes, o homem deve adorar, confiar e colocar-se humildemente em Suas mãos.

No epílogo, Deus declara que os amigos de Jó não falaram corretamente sobre Ele e pede que ofereçam holocausto, enquanto Jó intercede por eles (Jó 42,7-8). O justo sofredor torna-se, portanto, intercessor. Depois, Jó é restaurado: recebe novamente família, bens e longa vida. Essa restauração não apaga o

mistério do sofrimento, mas manifesta a misericórdia de Deus e confirma que a fidelidade do justo não é inútil. O sofrimento de Jó foi prova, purificação e ocasião para uma relação mais profunda com o Senhor.

À luz do Novo Testamento, o Livro de Jó encontra sua plena compreensão em Jesus Cristo. Jó anuncia, de algum modo, a Paixão do Senhor: o justo inocente que sofre, permanece fiel e se torna intercessor. Contudo, somente em Cristo se revela o sentido mais profundo da dor, pois na Cruz o sofrimento humano é assumido e redimido pelo amor de Deus (Jo 3,16; Jo 12,24). Por isso, Jó ensina que nem toda dor é castigo, que a fé deve permanecer mesmo na noite da provação, e que o sofrimento, unido a Deus, pode tornar-se caminho de purificação, esperança e salvação.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

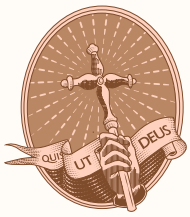
1. Quando passo por sofrimentos e tribulações, permaneço unido ao Senhor ou brota no meu coração a revolta?

2. Diante das acusações e das pessoas que tentam me desmotivar, continuo firme na fé confiando unicamente na bondade de Deus?

06 de Setembro

SALMOS - CANTEMOS LOUVORES A DEUS

Quaresma de São MIGUEL



O Livro dos Salmos é, essencialmente, um grande formulário de oração do povo de Deus. Em hebraico, recebe o nome de *Sepher Tehillim*, isto é, "Livro dos Hinos" ou "Louvores". Seus 150 salmos são elevações da alma a Deus em forma poética, compostos em épocas e situações diversas, muitos deles destinados ao culto sagrado. Antes de formarem o Saltério atual, os salmos provavelmente circularam separadamente e, depois, foram reunidos em coleções até constituírem o livro que a Igreja recebeu e continua a rezar em sua liturgia.

Embora alguns Padres tenham atribuído todo o Saltério a Davi, a tradição mais segura

reconhece a pluralidade de autores. Davi, chamado na Escritura de grande salmista de Israel, ocupa o lugar principal, pois introduziu e consolidou esse gênero de oração no culto do povo eleito. Também são mencionados Asaf, os filhos de Coré, Salomão, Moisés, Etan e Hemã, além de muitos salmos sem indicação de autoria, chamados pela tradição judaica de "órfãos". O livro, portanto, é fruto de uma longa história de oração inspirada, nascida da vida religiosa de Israel.

A finalidade dos Salmos é dupla. Em primeiro lugar, servem à edificação interior da alma, pois expressam louvor, confiança, súplica, arrependimento, ação de graças e meditação sobre Deus, sua Lei e sua Providência. Em segundo lugar, elevam o esplendor do culto público, especialmente no Templo, onde a música e a poesia eram oferecidas ao Senhor. Davi, reformador do culto, fez da oração cantada uma forma privilegiada de adoração,

e essa herança permanece viva na oração da Igreja.

Literariamente, os salmos são poesias religiosas de grande força espiritual e artística. Neles aparecem hinos, cânticos, orações, reflexões sapienciais e composições destinadas ao acompanhamento musical. O Saltério é tradicionalmente dividido em cinco livros, à semelhança de um "Pentateuco de oração": Salmos 1–40, 41–71, 72–88, 89–105 e 106–150. Cada parte termina com uma doxologia: *"Bendito seja o Senhor para sempre. Amém. Amém"*, indicando que toda a vida de oração deve culminar no louvor a Deus.

Quanto ao conteúdo, os salmos podem ser agrupados em diversas categorias. Há salmos laudatórios, que exaltam a onipotência, a misericórdia, a fidelidade, a sabedoria e a glória de Deus; salmos eucarísticos, que agradecem os benefícios divinos; salmos de súplica, que pedem socorro nas tribulações; salmos pe-

nitenciais, que imploram misericórdia pelos pecados; salmos didáticos e históricos, que recordam a Lei e a história de Israel; e também salmos imprecatórios, nos quais o salmista entrega a Deus, Juiz supremo, a causa contra os inimigos e contra o pecado.

Entre os salmos, ocupam lugar especial os profético-messiânicos, que anunciam Cristo e seu Reino. O Salmo 89 (88) exalta as promessas feitas a Davi e aponta para o Reino messiânico; o Salmo 45 (44) celebra o Rei-Messias e sua Esposa, imagem da Igreja; o Salmo 72 (71) canta a justiça, a paz e a universalidade do Reino; o Salmo 2 proclama o Ungido de Deus, Filho gerado pelo Pai, diante de quem as nações devem se submeter; o Salmo 110 (109) apresenta o Messias como Rei vitorioso e Sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedec; o Salmo 22 (21) descreve, de modo admirável, os sofrimentos da Paixão; e o Salmo 16 (15) é interpretado por São Pedro

e São Paulo como anúncio da Ressurreição de Cristo.

Assim, o Livro dos Salmos é uma escola de oração, doutrina e esperança. Nele, a alma aprende a falar com Deus em todas as circunstâncias: na alegria e na dor, na culpa e no perdão, na perseguição e na confiança. Para o povo de Israel, foi o coração orante da Aliança; para a Igreja, permanece como oração inspirada por excelência, pois nela Cristo mesmo reza, sofre, louva e conduz seus fiéis ao Pai.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Minha vida é um grande louvor a Deus, independente das circunstâncias que estou vivendo?

2. Rezo os Salmos com frequência, busco a intimidade com Deus através do louvor presente nas Escrituras?

Quaresma de São MIGUEL

FORTALEÇA A SUA FÉ E CRESÇA NO AMOR A DEUS.

Em breve, você conhecerá a nova formação do Padre Alex Nogueira que te ajudará a entender por completo a Bíblia.

Nos dias 28, 29 e 30 de setembro vamos fazer o retiro de encerramento da Quaresma de São Miguel. Essa vai ser uma ocasião para você agradecer a Deus pelas graças alcançadas e dar o próximo passo na sua jornada de crescimento espiritual.

Faça sua inscrição gratuita **clicando no botão abaixo** ou escaneando o **QR code ao lado do botão**.

FAZER INSCRIÇÃO GRATUITA

07 de Setembro

PROVÉRBIOS - A VIDA VIRTUOSA É VERDADEIRA SABEDORIA

Quaresma de São MIGUEL

O Livro dos Provérbios pertence aos livros sapienciais e reúne ensinamentos destinados a formar o homem segundo a Sabedoria de Deus. Na Vulgata, recebe o nome de *Liber Proverbiorum*; em hebraico, está ligado ao termo *mashal*, isto é, uma breve sentença de conteúdo moral. Os judeus também o chamavam de "Livro da Sabedoria", pois sua finalidade é transmitir prudência, discernimento, justiça, equidade e retidão para a vida prática (Pr 1,1-4).

A tradição judaica e cristã sempre vinculou o livro a Salomão, o grande rei sábio de Israel. Embora nem todas as partes sejam atribuídas diretamente a ele, o texto reconhece sua in-

fluência principal, especialmente nas grandes coleções de máximas salomônicas (Pr 10,1–22,16; 25,1–29,27). O próprio livro menciona também provérbios dos "Sábios", palavras de Agur e ensinamentos do rei Lamuel, mostrando que a obra foi reunida progressivamente, até chegar à forma atual.

A finalidade dos Provérbios não é oferecer uma reflexão abstrata, mas educar o homem para viver bem diante de Deus e dos outros. A Sabedoria bíblica é profundamente prática: ensina a ordenar os pensamentos, as palavras, os desejos, o trabalho, a família, as amizades, a vida social e o governo da própria alma. No centro de tudo está o temor do Senhor, princípio da verdadeira sabedoria, pois Deus é o começo e o fim de toda moral.

A primeira parte do livro apresenta advertências gerais da Sabedoria (Pr 1,8–9,18). Nela, o discípulo é chamado a evitar a companhia dos violentos, a fugir da mulher leviana, a

buscar a prudência e a guardar os mandamentos. A Sabedoria aparece como mestra que clama publicamente e convida todos à instrução (Pr 1,20-23). Em um dos trechos mais elevados, ela é apresentada junto de Deus, antes e durante a criação, realidade que os Santos Padres frequentemente contemplaram como figura do Verbo Divino, Jesus Cristo, Sabedoria eterna do Pai (Pr 8,1-36).

A segunda parte reúne máximas e normas de vida prática (Pr 10,1–31,31). São sentenças breves e variadas sobre quase todos os aspectos da existência humana: justiça e injustiça, humildade e orgulho, diligência e preguiça, prudência e insensatez, pobreza e riqueza, paciência e ira, veracidade e mentira, amizade e convivência familiar. Os Provérbios ensinam que a Lei de Deus deve governar até as realidades mais simples do cotidiano, pois a vida moral não se separa da fé.

O livro também insiste na educação dos filhos, na responsabilidade dos pais, na retidão das autoridades, na fidelidade conjugal, no perigo da sensualidade, na gravidade da avareza, da hipocrisia, da adulação e da violência. Ao mesmo tempo, exalta o amor ao próximo, a sinceridade, a temperança, a caridade, a justiça e a piedade. Desse modo, as virtudes cardeais encontram ali uma expressão clara e concreta, adequada à formação do verdadeiro servo de Deus.

O Livro dos Provérbios termina com o belo poema da mulher forte (Pr 31,10-31), retrato ideal de uma mulher fiel, trabalhadora, prudente, generosa e temente ao Senhor. Assim, a obra inteira se apresenta como uma escola de vida santa: ensina que a verdadeira sabedoria não consiste apenas em saber muito, mas em viver segundo Deus. Para o cristão, os Provérbios preparam o coração para Cristo, Sabedoria encarnada, em quem toda prudên-

cia, justiça e santidade encontram sua plenitude.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

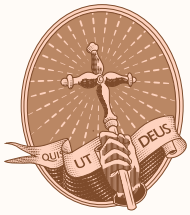
1. Busco ser iluminado pela sabedoria de Deus para tomar minhas decisões e realizar minhas ações?

2. Me esforço para viver as virtudes cristãs? Quais virtudes necessito mais em minha vida de fé?

08 de Setembro

ECLESIASTES - TUDO É VAIDADE, EXCETO SERVIR E AMAR A DEUS

Quaresma de São MIGUEL



O Livro do Eclesiastes pertence aos livros sapienciais e recebe seu nome do termo grego que significa “aquele que fala numa assembleia”, isto é, o Pregador. No texto hebraico, aparece como *Qohelet*, ligado à ideia de convocar ou reunir para instruir. Tradicionalmente, muitos Padres atribuíram o livro a Salomão, pois o próprio texto se apresenta como palavra do *“filho de Davi, rei em Jerusalém”* (Ecle 1,1). Contudo, também se reconhece que a obra pode ter assumido uma forma literária posterior, usando a figura de Salomão como modelo de sabedoria.

O tema central do livro é a busca da felicidade humana nesta vida terrena. Assim como Jó reflete sobre o sofrimento do justo, o Eclesiastes examina a instabilidade das coisas humanas e pergunta onde o homem pode encontrar verdadeira satisfação. Sua expressão mais conhecida — "vaidade das vaidades" — indica a fragilidade de tudo aquilo que passa: prazeres, riquezas, trabalhos, honras, poder e até a própria sabedoria humana, quando considerada apenas dentro dos limites deste mundo (Ecle 1,2).

Na primeira parte, o autor mostra que as realidades terrenas são passageiras e incapazes de saciar plenamente o coração humano (Ecle 1,2–4,15). Os prazeres, ainda que usados com prudência, não permanecem; a sabedoria, embora superior à insensatez, também é limitada; os bens acumulados com esforço serão deixados a outros; a indústria humana é falha; a vida social é cheia de disputas; e até

o governo dos reis não corresponde plenamente às esperanças dos homens. No fundo, a morte aparece como grande sinal da precariedade da existência terrena.

Contudo, o Eclesiastes não ensina o desespero nem o materialismo. Ele reconhece que Deus governa todas as coisas por sua Providência, ainda que o homem nem sempre compreenda seus desígnios. Por isso, diante da instabilidade da vida, o homem deve conservar o santo temor de Deus, acolher humildemente os dons recebidos e viver com prudência. A sabedoria humana é limitada, mas não inútil; os bens terrenos são passageiros, mas podem ser recebidos como dádivas divinas quando usados com moderação e gratidão.

Na segunda parte, o livro assume um tom mais prático e exorta à prudência na vida cotidiana (Ecle 4,17–12,8). O homem deve prestar a Deus o culto devido, evitar palavras levianas, usar bem os bens terrenos, regular os praze-

res, agir com paciência, humildade e moderação, e não se deixar dominar pela ansiedade diante do futuro. O Eclesiastes ensina que é lícito alegrar-se com os bens simples da vida, mas sempre lembrando que tudo deve ser vivido diante de Deus e sob o seu juízo (Ecl 11,9; 12,14).

O epílogo oferece a chave espiritual de toda a obra: *"Teme a Deus e observa os seus preceitos. Eis o que compete a todo o homem"* (Ecle 12,13). Assim, o Eclesiastes mostra que nenhuma criatura pode ocupar o lugar do Criador. A vida terrena, sem Deus, torna-se vaidade; mas, vivida no temor do Senhor, torna-se caminho de sabedoria. À luz da fé cristã, essa sede de sentido encontra sua resposta plena em Cristo, pois somente nele a existência humana, marcada pela passagem do tempo e pela morte, recebe esperança, direção e vida eterna.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

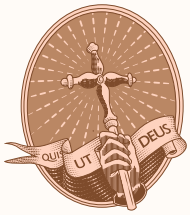
1. Minha vida é marcada pela busca sincera de Deus ou pelas vaidades do mundo?

2. Busco viver os mandamentos de Deus com fidelidade, amando o Senhor e entregando-me inteiramente a Ele?

9 de Setembro

CÂNTICO DOS CÂNTICOS - A UNIÃO ESPONSAL ENTRE DEUS E A ALMA

Quaresma de São MIGUEL



O Cântico dos Cânticos pertence aos livros sapienciais e recebe esse nome por traduzir a expressão hebraica *Shir hashirim*, isto é, "o mais belo dos cânticos". A tradição judaica e cristã frequentemente o atribuiu a Salomão, embora não haja decisão definitiva sobre sua autoria. O livro apresenta-se como um poema de intenso amor esponsal, escrito em linguagem delicada, simbólica e poética, sem desenvolver uma doutrina em forma discursiva, mas por meio de imagens, diálogos e expansões do coração.

À primeira vista, o texto parece cantar apenas o amor entre o esposo e a esposa. Contudo, a tradição da Igreja sempre rejeitou uma leitura puramente profana do livro e o recebeu em sentido espiritual, alegórico. Sob a imagem do amor conjugal, o Cântico revela o amor de Deus por Israel e, em sentido pleno, o amor de Cristo pela Igreja e por cada alma fiel. Essa linguagem nupcial já era comum nos profetas, que apresentavam a Aliança como um matrimônio entre Deus e seu povo; por isso, a infidelidade de Israel era muitas vezes descrita como adultério espiritual.

O Esposo, portanto, representa Deus que ama, busca e atrai sua criatura. No Antigo Testamento, é o Senhor, o Deus da Aliança; no Novo Testamento, é Cristo, o Esposo da Igreja (Mt 9,15; Jo 3,29; Ef 5,23; Ap 21,9). A Esposa representa Israel, a Igreja e também a alma cristã chamada à intimidade com Deus. Em sentido eminente, pode ser contemplada

ainda na Santíssima Virgem Maria, a criatura perfeitamente unida ao Verbo. Assim, o Cântico se torna uma escola de amor divino, onde a alma aprende a desejar, buscar e pertencer inteiramente ao Senhor.

Literariamente, o livro possui um caráter próprio, difícil de encaixar nos gêneros comuns. Pode ser entendido como um poema dialogado, composto de monólogos e respostas alternadas entre os personagens, com trechos líricos e imagens repetidas sob diversos aspectos. Não há uma sequência rígida de ideias, mas uma sucessão de movimentos interiores: desejo, busca, encontro, separação, arrependimento, reencontro e união. Essa forma poética corresponde bem à vida espiritual, marcada por consolações, provações, ausências e renovadas visitas da graça.

O conteúdo do Cântico pode ser resumido como o progresso do amor entre o Esposo e a Esposa. Primeiro aparece o desejo mútuo de

união (Ct 1,2–2,7); depois, a dor da separação e a procura do amado (Ct 2,8–3,5); em seguida, a alegria do reencontro e da intimidade (Ct 3,6–5,1); depois, novas vicissitudes, negligências e arrependimento (Ct 5,2–6,10); por fim, o amor exclusivo e vitorioso, cuja força é invencível (Ct 6,11–8,14). Em todas essas cenas, o amor humano é elevado a símbolo do amor divino, fiel, exigente e transformador.

O Cântico dos Cânticos ensina, portanto, que Deus não deseja apenas obediência exterior, mas comunhão íntima com seu povo. A alma, embora frágil, limitada e sujeita a quedas, é chamada a pertencer totalmente ao Esposo divino. As flores, jardins, fontes, montanhas e perfumes do livro são imagens da beleza, da fecundidade e da alegria dessa união. Assim, o Cântico proclama que a história da salvação é, no fundo, uma história de amor: Deus busca sua Esposa, Cristo santifica sua Igreja, e a alma fiel encontra sua verdadei-

ra alegria quando pode dizer, em espírito, que pertence ao seu Amado.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

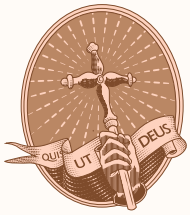
1. Busco viver a intimidade com Deus como reflexo de um amor profundo que busca união?

2. Quais situações da minha vida revelam o grande amor que o Senhor tem por mim?

10 de Setembro

SABEDORIA - DOM DO ALTO PARA NOSSA SALVAÇÃO

Quaresma de São MIGUEL



O Livro da Sabedoria pertence aos livros sapienciais e, na tradição da Vulgata, recebe o nome de *Liber Sapientiae*. Embora o texto grego o apresente como "Sabedoria de Salomão", a obra não foi escrita pelo próprio Salomão, mas por um judeu culto, provavelmente residente no Egito, talvez em Alexandria, que escreveu em grego e conhecia tanto a Sagrada Escritura quanto a cultura helênica. A figura de Salomão é usada como recurso literário, pois ele era visto como o sábio por excelência.

Trata-se de um livro deuterocanônico: não pertence ao cânon hebraico, mas foi sempre recebido pela Igreja como Escritura inspira-

da. Sua finalidade é fortalecer os judeus que viviam em meio ao paganismo, encorajando-os a conservar a fé, a Lei e a esperança nos bens eternos. Ao mesmo tempo, o livro possui caráter apologético, pois exorta também os gentios a abandonarem a idolatria e reconhecerem o único Deus, Criador do céu e da terra.

A primeira parte apresenta a Sabedoria como fonte de felicidade para esta vida e para a eternidade (Sb 1,1–9,18). O autor começa exortando os governantes a amar a justiça e buscar a Sabedoria com coração sincero (Sb 1,1). Ensina que Deus não criou a morte, mas deseja a vida de suas criaturas; são os ímpios que atraem sobre si a morte por sua injustiça e desprezo de Deus (Sb 1,13-16). Em seguida, descreve o pensamento dos maus, que consideram a vida breve e se entregam aos prazeres, perseguindo o justo por sua fidelidade e moderação (Sb 2,1-24).

O livro apresenta com grande clareza a re-

tribuição após a morte. Os justos, mesmo parecendo vencidos aos olhos do mundo, estão nas mãos de Deus e receberão recompensa gloriosa, enquanto os ímpios serão confundidos no juízo (Sb 3,1-12; 4,20–5,23). Assim, a verdadeira felicidade não está na vida longa, na fecundidade exterior ou na prosperidade terrena, mas na virtude, na fidelidade e na comunhão com Deus. Uma vida breve, se vivida na justiça, vale mais do que uma longa existência marcada pela impiedade.

Depois, o autor exalta a origem, a beleza e os frutos da Sabedoria (Sb 6,1–9,18). Dirige-se especialmente aos reis, lembrando-lhes que o poder vem de Deus e que deverão prestar contas severas de seu governo (Sb 6,1-11). A Sabedoria é apresentada como acessível aos que a amam e a procuram sinceramente. Na figura de Salomão, o livro ensina que ela não é conquista humana, mas dom recebido pela oração. Por isso, o sábio pede a Deus a Sabe-

doria para governar retamente e cumprir sua missão (Sb 7,1-14; 9,1-18).

A Sabedoria é descrita com termos sublimes: ela procede de Deus, é reflexo de sua luz, espelho de sua atividade e imagem de sua bondade (Sb 7,22-30). Por isso, os cristãos viram nesse elogio uma preparação para a revelação do Verbo Eterno, Jesus Cristo, Sabedoria encarnada do Pai. A segunda parte mostra a ação da Sabedoria na história de Israel (Sb 10,1–19,22): ela guiou Adão, protegeu Noé, fortaleceu Abraão, salvou Ló, conduziu Jacó e José, libertou o povo do Egito e o acompanhou no deserto.

Por fim, o livro denuncia a loucura da idolatria, especialmente o culto aos elementos da natureza e aos ídolos fabricados por mãos humanas (Sb 13–15). Das criaturas, o homem deveria elevar-se ao Criador; quando, porém, adora a obra de suas mãos, cai na cegueira espiritual e na corrupção moral. Em contras-

te, Deus protegeu Israel e castigou os egípcios por meio de sinais e prodígios, manifestando justiça e misericórdia. Assim, o Livro da Sabedoria ensina que a verdadeira vida está em buscar a Deus, amar a justiça, fugir do pecado e acolher a Sabedoria divina, que conduz os justos à imortalidade e prepara o coração para Cristo, Sabedoria eterna do Pai.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Peço a Deus sabedoria para viver neste mundo, para realizar minhas tarefas e para conduzir minha família?

2. Me submeto a Deus, Sabedoria Eterna e cumpro em tudo Sua santa vontade?

11 de Setembro

ECLESIÁSTICO (SIRÁCIDA) - O LIVRO DE TODAS AS VIRTUDES

Quaresma de São MIGUEL

O Livro do Eclesiástico, também chamado Sirácida ou Ben-Sirac, ou ainda, Sabedoria de Jesus, filho de Sirac, pertence aos livros sapienciais e é deuterocanônico, isto é, recebido pela Igreja Católica como inspirado, embora não faça parte do cânon hebraico. O nome "Eclesiástico" provavelmente surgiu porque era um livro muito lido nas assembleias da Igreja, especialmente para instrução dos fiéis. Diferentemente de outros livros sapienciais, seu autor é conhecido: Jesus, filho de Sirac, homem piedoso, culto e profundamente ligado à tradição de Israel.

Ben-Sirac viveu aproximadamente no início do século II a.C., antes da grande perseguição de Antíoco IV Epífanes. Seu tempo foi marcado pelo avanço da cultura helenística, que ameaçava a fidelidade dos judeus à Lei e à fé dos seus pais. Por isso, o livro tem uma finalidade clara: ensinar as regras de uma vida justa, prudente e agradável a Deus, fortalecendo Israel contra o racionalismo, o ceticismo e os costumes pagãos. O próprio autor compara sua doutrina a um canal que se torna rio e depois mar, desejando deixar a Sabedoria como herança às gerações futuras (Eclo 24,18-32).

A obra é uma verdadeira fonte de sabedoria natural e sobrenatural. Os Padres gregos a chamavam de "livro de todas as virtudes", pois trata tanto dos temas mais elevados da vida espiritual quanto das realidades concretas do cotidiano. Ben-Sirac fala do temor de Deus, da oração, da confiança, da honra devida aos

pais, da esmola, da amizade, da prudência nas relações sociais, do uso das riquezas, da honestidade nos negócios, da educação dos filhos, do respeito ao médico, da veneração aos mortos e da importância do culto divino.

No centro do livro está a Sabedoria, identificada com o temor do Senhor e com a fidelidade à Lei. Ela forma o homem justo, torna-o prudente, preserva-o dos vícios e conduz sua vida segundo Deus. Ben-Sirac ensina que Deus não é autor do pecado, pois o homem permanece livre e responderá por suas escolhas. Ao mesmo tempo, insiste que toda a criação manifesta a grandeza divina: os céus, os astros, as tempestades, o mar, o frio e o calor proclamam a glória do Criador, diante de quem o homem deve viver com humildade e gratidão.

O Eclesiástico também apresenta muitos conselhos sobre a vida moral e social. Recomenda discernimento na escolha dos amigos, prudência diante das riquezas, moderação

nos banquetes, domínio da língua, respeito às autoridades, cuidado com a falsa vergonha e atenção aos perigos da mulher leviana. Sua sabedoria é profundamente prática: ensina que a santidade não se vive apenas nos grandes momentos, mas também nas pequenas decisões, nas palavras, nos negócios, na família e na convivência diária.

Uma das partes mais belas do livro é o elogio dos "homens ilustres" de Israel (Eclo 44–50). Ben-Sirac recorda Henoc, Noé, Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Aarão, Josué, Samuel, Davi, Salomão, Elias, Eliseu, Ezequias, Isaías, Josias, Jeremias, Ezequiel, os Doze Profetas, Zorobabel, Neemias e, por fim, o sumo sacerdote Simão, filho de Onias. Essa memória sagrada mostra que a Sabedoria de Deus se manifesta na história por meio dos justos que permaneceram fiéis à Aliança.

O livro termina com uma oração de ação de graças e um poema sobre a busca da Sa-

bedoria (Eclo 51). Assim, o Eclesiástico ensina que a verdadeira sabedoria não é mera erudição, mas vida ordenada segundo Deus. Em um tempo de confusão cultural e ameaça à fé, Ben-Sirac chama o povo a permanecer fiel à Lei, ao culto, à tradição dos pais e ao temor do Senhor. Para o cristão, sua mensagem prepara o coração para Cristo, Sabedoria encarnada, em quem toda virtude, toda justiça e toda fidelidade encontram sua plenitude.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

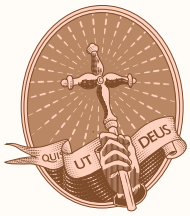
1. Minha vida é ordenada para Deus? Busco viver com fidelidade as virtudes cristãs?

2. Leio a Escritura com frequência e busco a sabedoria que não passa?

12 de Setembro

ISAÍAS - O EVANGELISTA DO ANTIGO TESTAMENTO

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Isaías inaugura, na Bíblia, o conjunto dos grandes profetas. Isaías viveu entre 740 e 690 a.C., no Reino de Judá, e exerceu seu ministério durante os reinados de Ozias, Joatão, Acaz, Ezequias e Manassés (Is 1,1). Foi chamado por Deus a denunciar a infidelidade do povo, a hipocrisia religiosa, as injustiças sociais e a confiança humana em alianças políticas. No centro de sua profecia está Deus, o "Santo de Israel", diante de quem toda soberba humana deve se humilhar.

A primeira parte do livro apresenta o chamado "Proto-Isaías" (Is 1–39), situado no

tempo do próprio profeta. Isaías começa censurando Jerusalém por seus pecados: o povo oferece culto exterior, mas seu coração está longe de Deus (Is 1,2-4.11-17). Por isso, o profeta exige conversão, justiça e defesa dos pobres. Ao mesmo tempo, anuncia que, apesar do castigo, Deus conservará um "resto" fiel, do qual nascerá a esperança messiânica (Is 1,18-20; 4,2-6).

A vocação de Isaías acontece numa grandiosa visão no Templo, onde ele contempla a santidade de Deus e ouve os serafins proclamarem: *"Santo, Santo, Santo"* (Is 6,1-7). Purificado por Deus, o profeta aceita sua missão, mesmo sabendo que muitos não acolheriam sua palavra (Is 6,8-10). Em meio às ameaças políticas contra Judá, especialmente no tempo do rei Acaz, Isaías insiste para que o povo confie no Senhor e não em pactos humanos. Nesse contexto, anuncia o sinal do Emanuel: uma virgem conceberá e dará à luz um filho

chamado “Deus Conosco” (Is 7,14), profecia que a tradição cristã reconhece plenamente realizada em Jesus Cristo.

Isaías é chamado de “Evangelista do Antigo Testamento” porque suas profecias messiânicas são numerosas e luminosas. Ele anuncia o Menino que trará luz ao povo que caminhava nas trevas, será chamado *“Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz”* e reinará no trono de Davi para sempre (Is 9,1-6). Também profetiza o rebento que sairá do tronco de Jessé, sobre o qual repousará o Espírito do Senhor com seus dons (Is 11,1-2). Seu reinado será marcado pela justiça, pela paz e pela restauração da harmonia da criação (Is 11,6-9).

A partir do capítulo 40, inicia-se o chamado “Livro da Consolação de Israel” ou “Deutero-Isaías” (Is 40–55), dirigido ao povo exilado na Babilônia. Deus consola Jerusalém e anuncia o retorno dos deportados, mostrando que não

abandonou seu povo (Is 40,1-5). Nessa seção aparecem os cânticos do Servo do Senhor, que revelam de modo profundo a missão redentora do Messias. Esse Servo é escolhido por Deus, luz das nações, manso e fiel (Is 42,1-7); reconduz Israel e leva a salvação aos povos (Is 49,1-6); sofre com obediência e não resiste aos ultrajes (Is 50,4-7); e, sobretudo, entrega-se como vítima inocente pelos pecados de muitos (Is 52,13–53,12). À luz do Novo Testamento, a Igreja reconhece nesse Servo a figura de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que sofre, intercede pelos pecadores e realiza a redenção.

A última parte, chamada "Trito-Isaías" (Is 56–66), dirige-se aos repatriados que voltaram do Exílio e precisam reconstruir não apenas a cidade, mas a fidelidade a Deus. O profeta denuncia a hipocrisia do jejum sem caridade, a injustiça, a idolatria e os maus pastores (Is 58,3-7; 59,1-3). Também anuncia a missão do

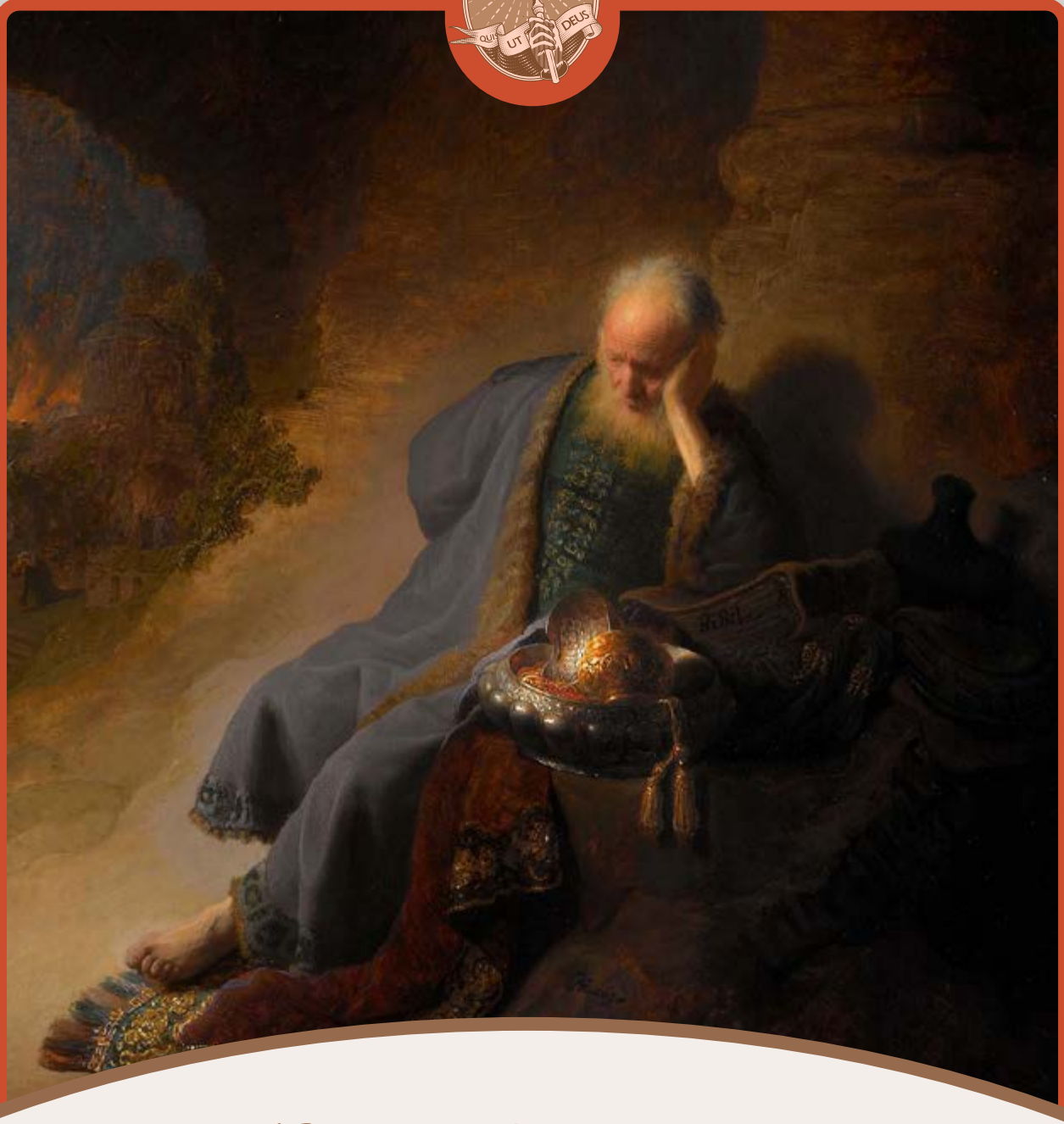
Ungido do Senhor, enviado para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração e proclamar a liberdade aos cativos (Is 61,1-2), texto que Jesus aplica a si mesmo em Nazaré (Lc 4,21). O livro termina com a esperança de uma nova criação, novos céus e nova terra, onde Deus restaurará plenamente seu povo e manifestará sua glória às nações (Is 65,17-25; 66,18-19).

Assim, o Livro de Isaías une denúncia, conversão, castigo, consolação e esperança. Ele mostra que Deus é santo e justo, mas também misericordioso e fiel às suas promessas. Diante da infidelidade de Israel, o Senhor preserva um resto, anuncia o Messias, revela o Servo sofredor e prepara a salvação universal. Em Isaías, a esperança de Israel se abre para Cristo: o Emanuel, o Filho de Davi, o Servo que sofre pelos pecadores e o Salvador que fará novas todas as coisas.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Diante do chamado que Deus me faz, ouço sua voz e atendo seu apelo, ou tenho medo das opiniões e resistências do mundo?

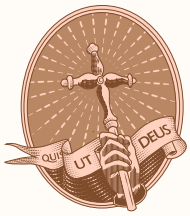
2. Procuro viver na justiça e santidade e pratico a caridade com o próximo?



13 de Setembro

JEREMIAS - O PROFETA DAS DORES

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Jeremias apresenta a missão de um dos profetas mais sofridos de Judá. Jeremias viveu entre cerca de 650 e 586 a.C., foi chamado ainda jovem por Deus e exerceu seu ministério durante mais de quarenta anos, num período de grave decadência espiritual e política. Sua missão foi anunciar a ruína de Jerusalém por causa da idolatria, das injustiças, da corrupção moral e da falsa segurança religiosa do povo. Mesmo tímido e sensível, Jeremias obedeceu ao Senhor e se tornou o "profeta das desgraças", não por dureza de coração, mas por fidelidade à Palavra divina (Jr 1,4-10).

Desde o início, Jeremias denuncia que Judá abandonou o Senhor, "fonte de água viva", para cavar cisternas rachadas que não retêm água (Jr 2,12-13). O povo confiava no Templo como se sua presença garantisse automaticamente proteção, mas vivia na idolatria, na injustiça e na imoralidade. Por isso, Jeremias proclama que o culto exterior, sem conversão, não salvaria Jerusalém. O profeta condena os sacrifícios oferecidos a Baal, a opressão social, a luxúria e os falsos profetas que prometiam paz quando o castigo já se aproximava (Jr 5,7-8; 6,13-15; 7,1-12).

A vida de Jeremias torna-se sinal vivo da mensagem que anuncia. Ele sofre perseguições, calúnias, prisão, rejeição e solidão. Não se casa, pois sua própria existência deve manifestar a dor e a esterilidade espiritual de Judá (Jr 16,1-4). Em suas "confissões", revela a angústia de quem carrega uma missão pesada, mas não consegue deixar de anun-

ciar a Palavra, pois ela arde em seu coração como fogo (Jr 20,7-9). Assim, Jeremias prefigura Cristo sofredor: o homem das dores, rejeitado pelos seus, perseguido injustamente e fiel até o fim.

O profeta também se opõe aos reis e falsos pastores de Judá. Anuncia o castigo contra Joaquim, Jeconias e Sedecias, denunciando a infidelidade dos governantes e sua falsa esperança em alianças humanas (Jr 21–25). Contudo, no meio da ameaça do exílio, Jeremias proclama uma promessa messiânica: Deus suscitará para Davi um "renovo justo", um rei que governará com sabedoria e será chamado *"Senhor, nossa justiça"* (Jr 23,5-6). Esta esperança se cumprirá em Jesus Cristo, Filho de Davi, verdadeiro Pastor do povo de Deus.

Nos capítulos centrais, Jeremias anuncia que o exílio durará setenta anos, mas não será a palavra final de Deus (Jr 25,8-11). Contra

os falsos profetas que prometiam libertação imediata, ele ensina que o povo deve aceitar a purificação permitida pelo Senhor. Depois, surge uma das maiores promessas do Antigo Testamento: a Nova Aliança. Deus escreverá sua Lei no coração do povo, perdoará seus pecados e estabelecerá uma comunhão mais profunda e definitiva com Israel (Jr 31,31-34). Essa Nova Aliança será inaugurada por Cristo na Última Ceia, em seu Sangue (Lc 22,20; 1Cor 11,25).

A parte final do livro narra a queda de Jerusalém, o incêndio do Templo, a deportação para a Babilônia e o sofrimento do povo que recusou escutar a voz de Deus (Jr 39; 52). Mesmo após a destruição, Jeremias continua aconselhando o resto que ficou na terra, mas muitos desobedecem e fogem para o Egito, arrastando o profeta consigo (Jr 42–44). O livro também contém oráculos contra as nações pagãs, mostrando que o Senhor não

é apenas Deus de Israel, mas soberano de todos os povos (Jr 46–51). Em tudo, Jeremias ensina que Deus pune o pecado, mas jamais abandona suas promessas.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Percebo que alguns sofrimentos de minha vida são fruto das minhas más escolhas e pecados? Quais?

2. Tenho esperança de que Deus pode transformar profundamente minha vida, apesar da grandiosidade dos meus pecados?

A quem recorrer quando temos alguma dúvida de Fé?

DEUS CARITAS EST

Devemos sempre recorrer a fontes confiáveis e que seguem o magistério da Santa Igreja Católica. Mas, sabemos que muitas vezes, é difícil confirmar se o conteúdo realmente é fiel à Santa Igreja.

Por isso, decidimos colocar dentro do site padrealexnogueira.com uma aba de blog com artigos sobre a Fé Católica!

Temos uma equipe produzindo artigos semanais e checando tudo para garantir um conteúdo que vai de encontro com a Fé Católica e que te ajudará a crescer na vida espiritual.

Acesse o nosso site e confira os artigos na íntegra!

APERTE AQUI **PARA ACESSAR O SITE**

Quaresma de São MIGUEL

PERSEVERE NA ORAÇÃO!

Ao final dos 40 dias com São Miguel vamos fazer um retiro espiritual. Juntos vamos comemorar as vitórias e graças alcançadas nesta jornada de oração.

Além disso, você é convidado para comemorar o 3° ano da Escola Bíblica conosco!

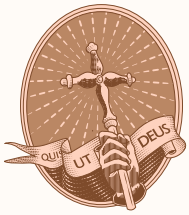
Em breve vamos disponibilizar mais informações.

CONTINUE PERSEVERANDO *na oração.*

14 de Setembro

LAMENTAÇÕES - AS RUÍNAS DA CIDADE SANTA

Quaresma de São MIGUEL



O Livro das Lamentações, tradicionalmente atribuído a Jeremias, é uma coleção de cinco cânticos que choram a destruição de Jerusalém em 587 a.C. Seu tom é profundamente doloroso: a Cidade Santa aparece como uma viúva abandonada, humilhada e entregue ao sofrimento (Lm 1,1). O livro reconhece que a ruína veio por causa dos pecados do povo e convida à penitência, à oração e à confiança na misericórdia divina. Embora pareça um livro sombrio, nele resplandece a convicção de que Deus permanece fiel à sua Aliança, mesmo quando permite o castigo para purificar seu povo.

Os cinco cantos aprofundam a dor da cidade destruída. O primeiro mostra Jerusalém chorando sua desolação (Lm 1,1-22); o segundo contempla a desgraça de Sião como consequência da necessidade de purificação (Lm 2,1-22); o terceiro apresenta a dor do profeta e do povo em primeira pessoa, mas também conduz à paciência e à esperança no Senhor (Lm 3,1-39); o quarto recorda a responsabilidade dos sacerdotes e profetas infiéis (Lm 4,13-14); e o quinto é uma súplica humilde diante da desolação, pedindo que Deus reconduza seu povo a Ele (Lm 5,1-22).

Assim, Jeremias e Lamentações formam uma só grande catequese sobre o pecado, o juízo, a dor e a esperança. Jeremias anuncia a queda; Lamentações chora a queda consumada. Mas ambos ensinam que o sofrimento do povo não é abandono definitivo, e sim chamado à conversão. A infidelidade destrói Jerusalém, mas a misericórdia divina abre

caminho para uma Nova Aliança. No centro dessa esperança está Cristo: o Justo sofredor, o Pastor prometido, o Mediador da Nova e Eterna Aliança, no qual Deus transforma as lágrimas da penitência em promessa de salvação.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

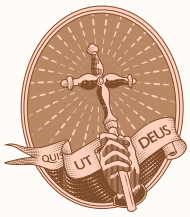
1. Percebo que alguns sofrimentos de minha vida são fruto das minhas más escolhas e pecados? Quais?

2. Tenho esperança de que Deus pode transformar profundamente minha vida, apesar da grandiosidade dos meus pecados?

15 de Setembro

BARUC - PENITÊNCIA E CONVERSÃO, UM CAMINHO PARA A SABEDORIA

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Baruc é deuterocanônico e, portanto, pertence ao cânon da Bíblia Católica, embora não esteja na Bíblia hebraica. Baruc, cujo nome significa “abençoado”, foi secretário e conselheiro de Jeremias, tendo escrito as palavras que o Senhor comunicava ao profeta (Jr 36). O livro está intimamente ligado ao ambiente do Exílio da Babilônia e, entre os antigos intérpretes cristãos, era muitas vezes considerado um apêndice de Jeremias, ao lado das Lamentações.

A mensagem central do livro é dirigida ao povo exilado, chamado a não se deixar contaminar pela idolatria dos babilônios, a perma-

necer fiel à Lei de Moisés e a confiar novamente no Senhor. Baruc une elementos proféticos e sapienciais: por um lado, convida à penitência e à conversão; por outro, apresenta a Sabedoria como o caminho seguro para chegar a Deus. Por isso, o livro se torna uma ponte entre os escritos proféticos e os livros sapienciais.

A primeira parte apresenta Baruc lendo suas palavras a um grupo de exilados que choravam, jejuavam e rezavam. Eles enviam dinheiro a Jerusalém, junto com alguns vasos sagrados que haviam sido levados do Templo, pedindo que fossem oferecidas orações e sacrifícios (Br 1,1-14). Em seguida, o povo reconhece que sua desgraça não veio por acaso, mas por causa da infidelidade à Aliança: pecaram contra o Senhor, seguiram as inclinações do próprio coração e serviram a deuses estranhos (Br 1,15–3,8).

Essa confissão dos pecados assume a forma de uma liturgia penitencial comunitária. Israel reconhece que Deus é justo e que o Exílio foi consequência de sua desobediência. No entanto, a oração não termina no desespero: há confiança na misericórdia divina, que não se extingue (Br 2,19-35). O povo compreende que precisa voltar-se ao Senhor com humildade, pois somente Ele pode restaurar a nação e devolver-lhe a verdadeira vida.

A segunda parte do livro é sapiencial e apresenta um belo elogio à Sabedoria (Br 3,9–4,4). Israel é exortado a buscar novamente o caminho que abandonou, pois a Sabedoria não vem dos poderes da terra, mas do próprio Deus. Ela se manifesta na Lei e nos mandamentos entregues ao povo eleito. Por isso, obedecer à Lei não é um peso, mas o caminho da felicidade, da paz e da comunhão com o Senhor.

Depois, o livro se transforma em um convite à coragem e à esperança (Br 4,5–5,9). Jerusalém é chamada a consolar seus filhos e a esperar a volta dos exilados. O povo sofreu porque abandonou o Criador, mas Deus promete reuni-lo novamente com alegria. O canto final anuncia que os filhos dispersos voltarão do oriente e do ocidente, conduzidos pela glória de Deus (Br 4,36-37). A última parte, conhecida como Carta de Jeremias, adverte os deportados contra a idolatria da Babilônia, mostrando que os ídolos não são deuses e não merecem adoração (Br 6,1-72). Assim, Baruc ensina que o pecado leva ao exílio, mas a penitência, a fidelidade à Lei e a confiança na misericórdia de Deus abrem o caminho da restauração.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Quando cometo algum pecado, reconheço minha falta e busco o perdão de Deus através do Sacramento da Confissão?

2. Meu tempo tem sido empregado em buscar a Deus e sua sabedoria para restaurar o meu interior?

16 de Setembro

EZEQUIEL - UM NOVO ESPÍRITO E UM NOVO CORAÇÃO

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Ezequiel apresenta a missão de um profeta sacerdote, chamado por Deus durante o Exílio da Babilônia. Ezequiel exerceu seu ministério aproximadamente entre 593 e 571 a.C., junto aos judeus deportados, tornando-se para eles uma sentinela da casa de Israel (Ez 3,16-21; 33,7-9). Sua missão foi exigente: denunciar a infidelidade do povo, mostrar que Jerusalém cairia por causa dos pecados de Judá e, ao mesmo tempo, anunciar que Deus não abandonaria definitivamente os seus, mas prepararia uma restauração futura.

O livro começa com a grandiosa visão da glória de Deus às margens do rio Cobar (Ez 1–3). Ezequiel contempla o carro do Senhor, sinal da presença divina que acompanha o povo mesmo no Exílio. Essa visão ensina que Deus não está limitado ao Templo de Jerusalém: Ele permanece com seu povo, ainda que este esteja longe da Terra Santa. O profeta recebe então sua vocação: deve falar em nome do Senhor, como sentinela responsável por advertir os ímpios e chamar Israel à conversão. A expressão "filho do homem", repetida muitas vezes no livro, recorda a fragilidade humana diante da majestade de Deus.

Na primeira grande parte, Ezequiel anuncia, por palavras e ações simbólicas, o cerco e a destruição de Jerusalém (Ez 4–24). Ele mostra que a cidade será castigada por sua idolatria, impureza, injustiça e infidelidade à Aliança. O profeta denuncia a abominação praticada no Templo, a idolatria que contaminou Judá e a

falsa segurança do povo. Em uma visão dolorosa, contempla a glória de Deus abandonando o Templo e a cidade (Ez 10–11), sinal de que Jerusalém perdeu a proteção divina por causa de seus pecados. Contudo, mesmo nesse contexto, Deus promete reunir os exilados e dar-lhes novamente a terra de Israel (Ez 11,17).

Ezequiel insiste também na responsabilidade pessoal diante de Deus. Nem a culpa dos pais condena automaticamente os filhos, nem a justiça dos pais salva os filhos infiéis (Ez 18,1-32). Cada um responderá por sua conduta, e Deus não deseja a morte do pecador, mas que ele se converta e viva (Ez 33,11). Essa doutrina aprofunda a compreensão moral do povo e mostra que a conversão sincera sempre permanece possível, mesmo depois de grandes quedas.

Depois de anunciar o juízo contra Judá, o profeta proclama oráculos contra as nações pagãs, como amonitas, moabitas, edomitas,

filisteus, Tiro, Sidônia e Egito (Ez 25–32). Essas profecias mostram que o Senhor é soberano sobre todos os povos e que nenhuma nação escapará de seu juízo. Em seguida, começa a mensagem de esperança: Deus promete libertar Israel dos maus pastores, assumir Ele mesmo o cuidado de suas ovelhas e suscitar um pastor segundo seu coração (Ez 34,1-31), promessa que recorda as palavras de Cristo: *"Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco"* (Jo 10,16).

Na parte da restauração, Ezequiel anuncia que Deus purificará seu povo, dará um coração novo e infundirá um espírito novo dentro dele (Ez 36,25-28). A célebre visão dos ossos ressequidos mostra Israel como um povo morto pela desesperança do Exílio, mas que será revivificado pelo Espírito de Deus (Ez 37,1-14). O Senhor promete reunir Judá e Israel em um só povo, sob um descendente de Davi, e estabelecer com eles uma aliança de paz (Ez 37,15-

28). As profecias contra Gog indicam, em linguagem apocalíptica, que Deus protegerá seu povo das forças inimigas e manifestará sua vitória no tempo oportuno (Ez 38–39).

A última parte apresenta a visão do novo Templo e da restauração do culto e da terra (Ez 40–48). Um guia celeste mostra ao profeta as medidas do santuário, do altar, dos átrios e das dependências sagradas. A glória de Deus retorna pela porta oriental e passa a habitar novamente no meio de Israel (Ez 43,1-5). Do Templo brota uma água maravilhosa que cresce e transforma o deserto em vida, tornando saudáveis as águas do Mar Morto (Ez 47,1-12). O livro termina com a nova divisão da terra e com o nome da cidade restaurada: *"O Senhor está aí"* (Ez 48,35). Assim, Ezequiel ensina que o pecado leva à ruína, mas a misericórdia de Deus purifica, restaura e faz renascer seu povo pela força do seu Espírito.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Quais áreas da minha vida precisam ser restauradas por Deus, tal como os ossos secos da profecia de Ezequiel?

2. Minha conduta merece castigos da parte de Deus ou tenho vivido em completa fidelidade aos mandamentos?

17 de Setembro

DANIEL - O REINO DE DEUS É INABALÁVEL

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Daniel pertence ao gênero apocalíptico e tem como finalidade fortalecer a fé do povo de Deus em tempos de perseguição. Embora apresente episódios situados no Exílio da Babilônia, sua mensagem servia especialmente aos judeus oprimidos por Antíoco IV Epífanes, no período dos Macabeus. O livro mostra que, mesmo quando os impérios pagãos parecem dominar a história, Deus permanece soberano e prepara um Reino que jamais será destruído (Dn 2,44).

A primeira parte do livro apresenta Daniel e seus companheiros na corte babilônica (Dn 1–6). Deportados para a Babilônia, Daniel, Ananias, Misael e Azarias permanecem fiéis à Lei, recusando-se a contaminar-se com os costumes pagãos (Dn 1,1-21). Deus recompen-

sa essa fidelidade com sabedoria e fortaleza. Daniel interpreta o sonho da grande estátua de Nabucodonosor, composta de diversos metais, que simboliza a sucessão dos grandes impérios. A pedra que destrói a estátua representa o Reino indestrutível que Deus estabelecerá no tempo oportuno (Dn 2,31-45).

A fidelidade dos jovens hebreus aparece de modo admirável no episódio da fornalha ardente. Sidrac, Misac e Abdênago recusam-se a adorar a imagem de ouro erguida por Nabucodonosor e são lançados ao fogo, mas Deus os preserva, enviando um anjo para protegê-los (Dn 3). O rei, maravilhado, reconhece a grandeza do Deus verdadeiro. Também aqui se destaca a bela oração dos três jovens, acolhida pela liturgia da Igreja como cântico de louvor, confiança e adoração ao Senhor (Dn 3,52-90).

Daniel também interpreta o sonho da árvore, pelo qual Nabucodonosor é advertido

contra sua soberba. O rei, por não reconhecer que o Altíssimo governa os reinos humanos, é humilhado até aprender que todo poder vem de Deus (Dn 4,22-34). Mais tarde, no banquete de Baltazar, uma mão misteriosa escreve na parede a sentença divina contra o rei, que havia profanado os vasos sagrados do Templo. Daniel interpreta a inscrição e anuncia o fim do império babilônico (Dn 5,24-30). No reinado de Dario, por permanecer fiel à oração, Daniel é lançado na cova dos leões, mas Deus fecha a boca das feras e novamente manifesta sua soberania (Dn 6,1-29).

A segunda parte do livro apresenta as visões apocalípticas de Daniel (Dn 7–12). Nelas aparecem quatro grandes impérios, simbolizados por feras, que serão vencidos pelo poder de Deus (Dn 7,2-28). Em seguida, Daniel contempla o Ancião de dias e o Filho do Homem, a quem são dados domínio, glória e realeza eterna (Dn 7,13-14). A tradição judaica

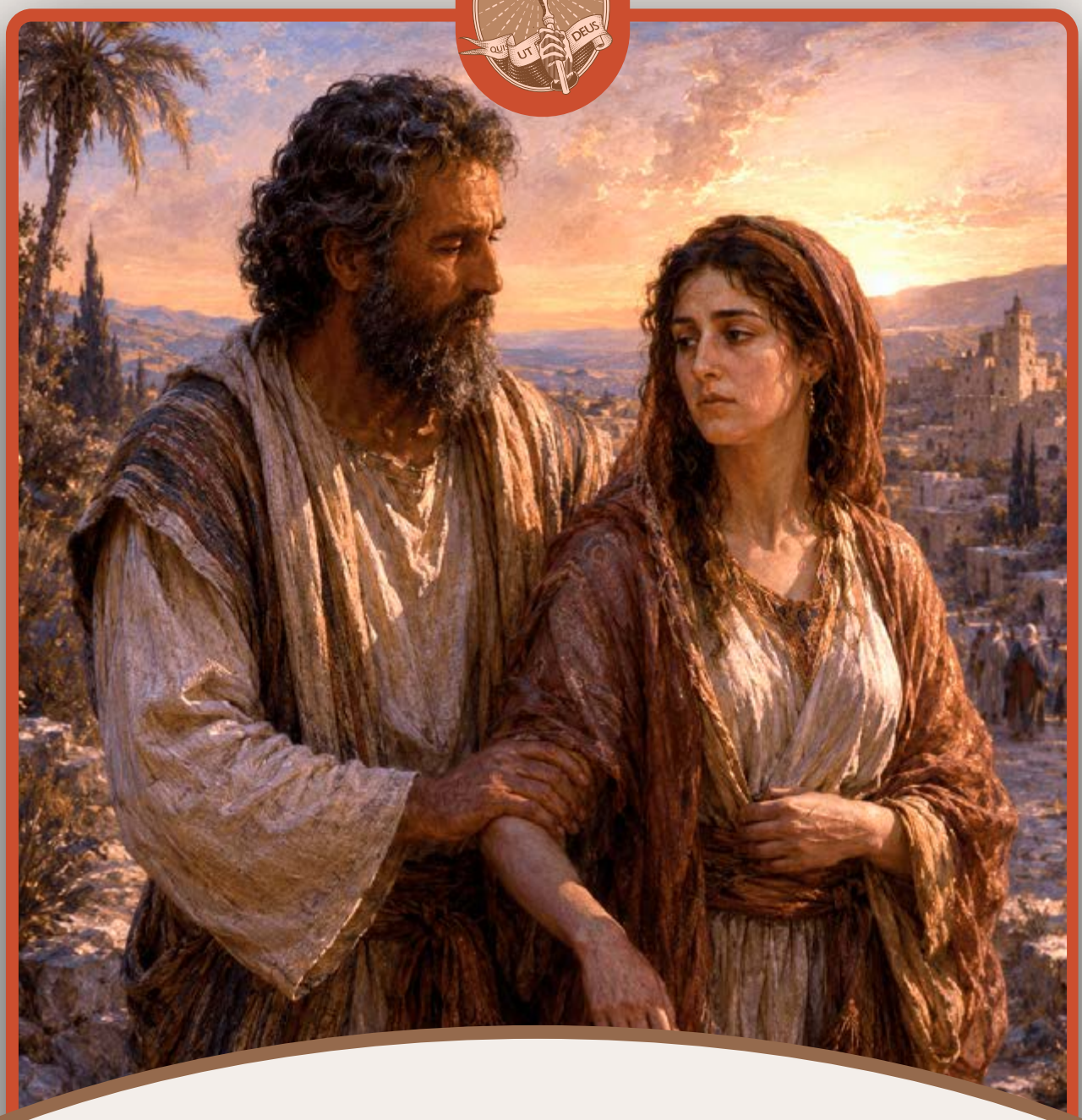
viu nessa figura uma referência messiânica, e Jesus aplicou a si mesmo o título de Filho do Homem (Mt 26,64). Assim, Daniel anuncia que os reinos deste mundo passarão, mas o Reino de Deus permanecerá para sempre.

As visões seguintes tratam das perseguições sofridas pelo povo fiel, especialmente sob Antíoco IV, que profanou o Templo e instaurou a "abominação da desolação" (Dn 9,27; 11–12). Essa expressão será retomada no Primeiro Livro dos Macabeus e pelo próprio Cristo ao falar da ruína de Jerusalém (1Mc 1,54; Mt 24,15). O capítulo 12 abre a esperança para os tempos finais: São Miguel aparece como protetor do povo, e há uma das primeiras afirmações claras da ressurreição dos mortos e da vida eterna (Dn 12,1-3). O livro termina com os apêndices de Susana, Bel e o Dragão, nos quais Daniel manifesta que Deus faz justiça aos inocentes e desmascara a falsidade da idolatria.

Assim, o Livro de Daniel ensina que a fidelidade a Deus deve permanecer firme mesmo no exílio, na perseguição e diante dos poderes do mundo. Os impérios passam, os soberbos são humilhados, os ídolos são desmascarados, mas o Senhor reina para sempre. Daniel fortalece a esperança do povo, apontando para o Reino definitivo realizado por Jesus Cristo, o Filho do Homem, vencedor dos poderes terrenos e Senhor da história.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Nas dores, nos cansaços e nas perseguições e tribulações mantenho minha confiança no Senhor?
2. Confio plenamente no poder dos santos anjos, especialmente de São Miguel para me proteger e guiar?



18 de Setembro

OSEIAS - O MATRIMÔNIO ENTRE DEUS E A HUMANIDADE

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Oseias abre o conjunto dos Profetas Menores, chamados assim não por serem menos importantes, mas por terem deixado escritos mais breves. Oseias, cujo nome significa “ato de salvar”, era oriundo do Reino do Norte, a Samaria, e exerceu seu ministério durante o reinado de Jeroboão II, num período de prosperidade material, mas também de profunda corrupção moral, política e religiosa. Foi contemporâneo de Amós, Isaías e Miqueias, e profetizou antes da queda da Samaria, ocorrida em 721 a.C.

Oseias é conhecido como o profeta do amor divino, pois apresenta a relação entre

Deus e Israel sob a imagem do matrimônio. Sua própria vida torna-se sinal profético: por ordem do Senhor, ele toma como esposa uma mulher infiel, imagem de Israel que abandonou seu Deus para seguir os ídolos (Os 1,2). A dor do profeta diante da traição conjugal manifesta, de modo vivo e dramático, a dor de Deus diante da infidelidade de seu povo. Israel comportou-se como esposa adúltera, buscando nos falsos deuses, especialmente em Baal, a prosperidade e a fecundidade que somente o Senhor poderia conceder.

A primeira parte do livro mostra essa infidelidade por meio da história de Oseias com sua esposa, Gomer (Os 1–3). Mesmo traído, o profeta continua amando-a e a resgata, revelando que Deus não deixa de amar Israel apesar de sua idolatria. O castigo anunciado não tem como finalidade destruir definitivamente o povo, mas corrigi-lo e reconduzi-lo ao primeiro amor. Por isso, Deus promete atraí-

-lo ao deserto e falar-lhe ao coração (Os 2,16), sinal de que a purificação pode abrir caminho para uma nova fidelidade.

Na segunda parte, Oseias denuncia os pecados de Israel, especialmente das classes dirigentes, dos reis e dos sacerdotes (Os 4–13). O povo se perde por falta de conhecimento de Deus (Os 4,6), entrega-se à idolatria, à sensualidade, à injustiça e à confiança em alianças políticas com povos estrangeiros. O culto tornou-se vazio, pois faltavam fidelidade, amor e verdadeira conversão. Por isso, o Senhor declara que deseja o amor mais que os sacrifícios, e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos (Os 6,6).

O profeta anuncia que Israel colherá as consequências de seus pecados: por semear ventos, colherá tempestades (Os 8,7). A Samaria será castigada, o povo será deportado e a falsa segurança política cairá por terra. Contudo, mesmo quando anuncia a destrui-

ção, Oseias deixa transparecer o coração misericordioso de Deus. No capítulo 11, Israel já não aparece apenas como esposa infiel, mas como filho amado. O Senhor se comove e pergunta como poderia abandonar Efraim, pois seu coração se revolve dentro dele e sua compaixão se acende (Os 11,8-9).

As últimas palavras de Oseias não são de ameaça, mas de esperança. O livro termina como uma liturgia de penitência, chamando Israel a voltar ao Senhor e a pedir perdão (Os 14,2-5). Deus promete curar a infidelidade do povo, amá-lo gratuitamente e fazê-lo florescer novamente como o lírio, lançando raízes como o Líbano (Os 14,5-8). Assim, Oseias ensina que o pecado rompe a Aliança, mas não vence o amor misericordioso de Deus. O Senhor castiga para salvar, corrige para reconduzir e permanece fiel mesmo quando seu povo se torna infiel. Por isso, o livro conclui com uma advertência sempre atual: os caminhos do

Senhor são retos; os justos andam por eles, mas os pecadores neles tropeçam (Os 14,9).

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Sou fiel a Deus em todas as coisas, ou minha vida reflete um profundo abandono de Deus?

2. Quais são os sinais do amor e da fidelidade de Deus em sua vida?

19 de Setembro

JOEL - RASGAI OS VOSSOS CORAÇÕES

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Joel, cujo nome significa “o Senhor é Deus”, pertence ao conjunto dos Profetas Menores e nos é conhecido apenas por seu escrito profético. Joel profetizou no reino de Judá, sobretudo em Jerusalém, provavelmente após o exílio, por volta do ano 400 a.C. O livro tem como ponto de partida uma grande calamidade: uma invasão de gafanhotos acompanhada de seca, flagelos comuns no Oriente, mas interpretados pelo profeta como sinais enviados por Deus para chamar o povo à conversão.

A primeira parte do livro descreve esse tempo de desgraça e convoca o povo à pe-

nitência (Jl 1,2–2,17). A destruição das lavouras provoca fome e impede as ofertas no Templo, o que era uma verdadeira tragédia para Israel, pois significava a interrupção do culto, fonte de alegria e comunhão com Deus (Jl 1,9.16). Diante disso, Joel chama os sacerdotes e o povo ao jejum, à oração e à assembleia sagrada, pois o desastre não deve ser visto apenas como uma crise material, mas como apelo espiritual ao retorno sincero ao Senhor (Jl 1,13-14).

A invasão dos gafanhotos também anuncia a proximidade do "Dia do Senhor" (Jl 2,1-11). Esse dia é apresentado como manifestação do juízo divino, acompanhado por imagens de catástrofes, guerras e sinais cósmicos. O toque da trombeta em Sião expressa o perigo iminente e convoca o povo a despertar. Contudo, a resposta desejada por Deus não é apenas exterior: o profeta insiste que é preciso rasgar o coração, e não somente as vestes, voltando-

-se ao Senhor, que é bom, compassivo, longânimo e misericordioso (Jl 2,13-15).

A segunda parte do livro abre uma perspectiva de esperança e restauração. Depois da provação, se o povo voltar ao Senhor, receberá novamente a bênção divina. Joel anuncia a efusão universal do Espírito Santo: filhos e filhas profetizarão, anciãos terão sonhos e jovens terão visões (Jl 3,1-5). Essa promessa, segundo o próprio São Pedro, cumpre-se na manhã de Pentecostes, quando o Espírito Santo é derramado sobre a Igreja nascente (At 2,16-21). Assim, Joel aponta para os tempos messiânicos, nos quais o dom de Deus será concedido a todos, sem distinção de classe ou condição.

Em seguida, Joel anuncia o julgamento das nações e a vitória definitiva do Senhor (Jl 4,1-8). Deus reunirá os povos no vale de Josafá para julgá-los por sua violência contra Israel e por terem dispersado sua herança. Esse juízo ma-

nifesta que a história não está abandonada às forças humanas: o Senhor reina soberano, julga as injustiças e defende o seu povo. À luz da fé cristã, essa expectativa se abre para o Juízo Final, quando Cristo virá em glória e revelará plenamente a justiça de Deus.

O livro termina com a promessa da restauração escatológica de Israel (Jl 4,18-21). As montanhas destilarão vinho, as colinas manarão leite e uma fonte sairá do Templo do Senhor para irrigar a terra. Judá será habitado perpetuamente, Jerusalém permanecerá de geração em geração, e o Senhor habitará em Sião. Essa visão encontra eco na Jerusalém celeste do Apocalipse, onde Deus habita com seu povo, o Cordeiro é a luz da cidade e nela nada profano poderá entrar (Ap 21,10-27). Desse modo, Joel ensina que as provações devem conduzir à conversão, que o Espírito de Deus renova o seu povo e que a história caminha para o triunfo definitivo do Senhor.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Busco fazer atos de penitência interiores além dos exteriores? Meu coração está se convertendo?

2. Busco a salvação com seriedade? Desejo ardentemente a Jerusalém celeste?

20 de Setembro

AMÓS - A RELIGIÃO QUE AGRADA A DEUS

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Amós pertence ao conjunto dos Profetas Menores e apresenta a pregação vigorosa de um homem simples, chamado por Deus fora dos círculos oficiais do profetismo. Amós era natural de Técua, em Judá, pastor e cultivador de sicômoros (Am 7,14). Exerceu sua missão no Reino do Norte, em Samaria, durante o reinado de Jeroboão II, tempo de prosperidade política e econômica, mas também de grave corrupção moral, injustiça social, exploração dos pobres, culto vazio e idolatria.

Embora não fosse "profeta de profissão", Amós recebeu de Deus a missão de anunciar sua Palavra a Israel. O povo da Samaria acreditava que as vitórias militares e a abundância

eram sinais de aprovação divina; contudo, o profeta revela que essa prosperidade estava corrompida pela opressão dos fracos e pela falsa segurança religiosa. Por isso, Amós anuncia a queda do Reino do Norte, que se cumpriria em 721 a.C., quando a Samaria foi dominada pelos assírios.

O livro começa com oráculos contra as nações e contra Judá e Israel (Am 1–2). Deus é justo em seus juízos e condena os crimes contra a humanidade, a violência e a infidelidade à sua Lei. Israel, porém, recebe uma acusação ainda mais grave, pois foi escolhido por Deus e, mesmo assim, vende o justo por dinheiro, oprime o pobre, profana o nome santo do Senhor e transforma o culto em ocasião de pecado (Am 2,6-8). A eleição divina não é privilégio sem responsabilidade, mas exige fidelidade maior.

Nos capítulos seguintes, Amós pronuncia discursos de julgamento contra Israel (Am

3–6). O povo se recusa a ouvir a voz profética, e essa rejeição torna-se pecado grave, pois ninguém pode calar a Palavra quando o Senhor manda profetizar (Am 3,8). O profeta denuncia as mulheres ricas da Samaria, a impiedade dos poderosos, a falsa tranquilidade dos que vivem no luxo e a falta de compaixão diante da ruína de José (Am 4,1-3; 6,1-6). Diante disso, Amós chama o povo à conversão: buscar o Senhor, detestar o mal, amar o bem e fazer reinar a justiça (Am 5,4-6.15).

Um dos pontos centrais da pregação de Amós é a condenação do culto falso. Deus rejeita festas, cânticos, holocaustos e sacrifícios quando não há justiça e retidão de vida (Am 5,21-24). O profeta ensina que não basta praticar ritos exteriores para agradar ao Senhor; é preciso que a religião produza conversão, misericórdia e justiça. Por isso, o "Dia do Senhor", que o povo esperava como dia de luz e triunfo, será para Israel um dia de

trevas e castigo, pois virá como manifestação da justiça divina contra sua infidelidade (Am 5,18-20).

Nos capítulos finais, Amós apresenta visões do juízo que se aproxima (Am 7–9). Ele vê gafanhotos, fogo, o prumo de Deus, uma cesta de frutos maduros e a destruição do santuário de Betel. Em alguns momentos, intercede pelo povo e pede misericórdia, mas a persistência no pecado torna inevitável o castigo. O sacerdote Amasias, ligado ao santuário de Betel, hostiliza o profeta e tenta expulsá-lo, mas Amós responde que foi o próprio Senhor quem o tirou de detrás do rebanho para profetizar contra Israel (Am 7,10-17).

Apesar da severidade de sua mensagem, o livro termina com esperança. No meio da ruína, Deus preservará um resto e restaurará seu povo (Am 9,8-15). O Senhor promete levantar a tenda caída de Davi, reparar suas brechas e conceder uma prosperidade messi-

ânica. Essa passagem será retomada por São Tiago no Concílio de Jerusalém para mostrar que a salvação se abre também aos pagãos (At 15,16-17). Assim, Amós ensina que Deus não aceita uma religião separada da justiça, mas também revela que, depois do juízo, a misericórdia divina prepara a restauração e a salvação.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

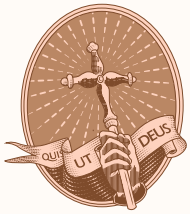
1. Vivo esbanjando bens materiais enquanto o próximo passa necessidade? Pratico a caridade cristã?

2. Meu culto a Deus se faz não apenas por palavras, mas também com uma vida justa e honrada?

21 de Setembro

ABDIAS - DEUS NÃO SUPORTA A INJUSTIÇA

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Abdias é o menor dos livros proféticos, com apenas vinte e um versículos, mas possui uma mensagem forte sobre a justiça de Deus na história. Abdias significa “servo do Senhor”. Embora existam tradições diversas sobre sua identidade, o texto apresentado situa a composição do oráculo provavelmente no tempo do Exílio, após a destruição de Jerusalém. Sua profecia dirige-se principalmente contra Edom, povo descendente de Esaú e, portanto, irmão de sangue de Israel, descendente de Jacó.

O pecado de Edom foi especialmente grave porque, em vez de socorrer Judá no dia

de sua calamidade, colaborou com seus inimigos. Quando Jerusalém foi invadida, Edom alegrou-se com a ruína de seu irmão, aproveitou a queda da cidade, participou da pilhagem, bloqueou os fugitivos e entregou os sobreviventes aos invasores (Ab 10-14). Por isso, o profeta denuncia não apenas uma hostilidade política, mas uma traição fraterna, nascida do orgulho, da violência e da falta de misericórdia.

Abdias recorda que o orgulho conduz à ruína. Edom confiava em sua posição geográfica e em sua capital, Petra, construída entre as rochas, julgando-se seguro e inexpugnável. Contudo, diante do Senhor, nenhuma fortaleza humana permanece de pé quando se levanta contra a justiça divina. O profeta anuncia que Deus derrubará Edom e fará cair sobre ele o mesmo mal que praticou contra os outros. A sentença é clara: como fizeste, assim se fará contigo (Ab 15).

A profecia se amplia então para o "Dia do Senhor", isto é, o juízo divino sobre todas as nações (Ab 15-16). Edom torna-se exemplo de todos os povos que, movidos pela soberba, pela violência e pela injustiça, se levantam contra o povo de Deus. Abdias ensina que a história não é governada pela força dos impérios nem pela astúcia dos homens, mas pela justiça do Senhor, que pesa os atos de cada povo e retribui segundo a verdade.

Depois do juízo, o livro anuncia a esperança para Israel. Sobre o monte Sião haverá sobreviventes, e ele será um lugar santo (Ab 17-18). A casa de Jacó recuperará suas possessões, os exilados voltarão, e o povo eleito será restaurado. Assim, a profecia não termina apenas com a condenação de Edom, mas com a certeza de que Deus preservará um resto fiel e conduzirá seu povo à restauração.

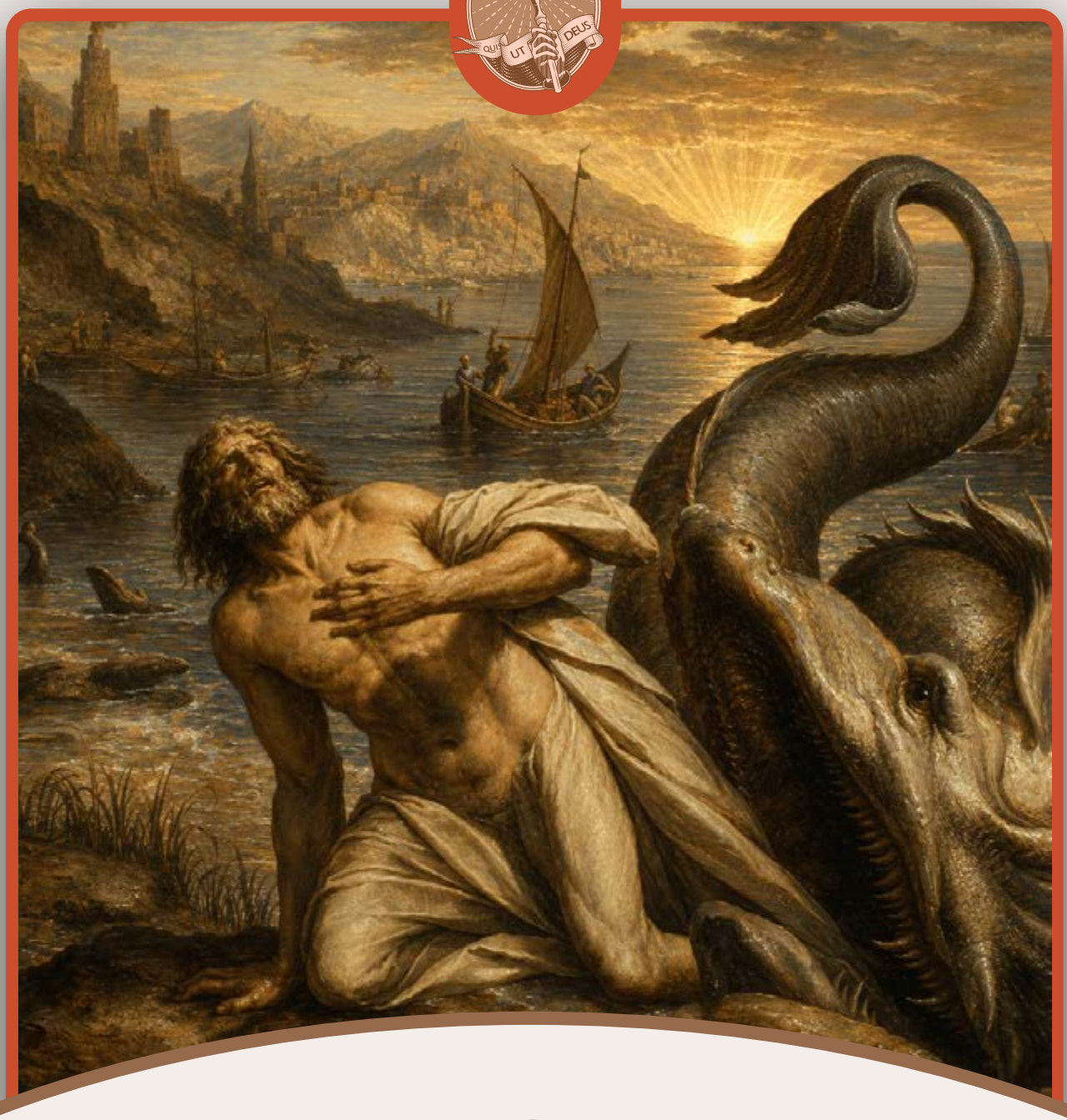
O livro termina proclamando o triunfo do Reino de Deus: *"o reino será do Senhor"* (Ab

21). Abdias, portanto, exorta o povo a não colocar sua esperança nas forças humanas, mas no poder e na justiça divina. Sua mensagem ecoa na esperança cristã do Apocalipse, quando o reino do mundo se torna o Reino de Nosso Senhor e de seu Cristo (Ap 11,15). Assim, mesmo em meio à humilhação e ao exílio, Abdias ensina que Deus vê a injustiça, julga os soberbos, defende os seus e conduz a história para o triunfo definitivo do seu Reino.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Colaboro com as injustiças contra o próximo ou defendo aqueles que sofrem injustamente?

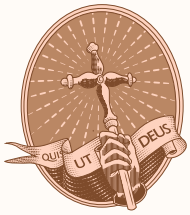
2. Já sofri injustiça da parte dos outros? Como reagi a essas situações?



22 de Setembro

JONAS - A FUGA DE DEUS E O CHAMADO À CONVERSÃO

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Jonas é diferente dos demais livros proféticos: não é formado principalmente por oráculos, mas por uma narração didática e parabólica. Embora o profeta Jonas seja citado em 2 Reis como alguém do tempo de Jeroboão II (2 Rs 14,25), o livro teria sido escrito depois do Exílio, no século V a.C., para ensinar aos judeus que a salvação não era privilégio exclusivo de Israel, mas dom oferecido por Deus a todos os povos.

O contexto do livro é importante: após o retorno do Exílio, muitos judeus viviam cercados por povos estrangeiros e tendiam a fechar-se rigidamente, evitando contato com

os pagãos. Jonas representa essa mentalidade estreita. Deus, porém, manda-o pregar em Nínive, capital da Assíria, povo inimigo e odiado pelos judeus. O profeta não compreende nem aceita que a misericórdia divina possa alcançar uma nação cruel e pagã; por isso, tenta fugir da missão e embarca em Jope rumo a Társis, na direção oposta à vontade do Senhor (Jn 1,1-3).

Deus então envia uma grande tempestade. Os marinheiros, temendo pela própria vida, reconhecem que Jonas foge do Senhor e o lançam ao mar, depois de rezarem para não serem culpados por sua morte (Jn 1,14). Jonas é engolido por um grande peixe e permanece em seu ventre durante três dias, até ser vomitado na praia (Jn 2). Ali, no fundo da aflição, ele eleva a Deus uma oração de arrependimento. Esse episódio será retomado por Cristo como sinal de sua sepultura e ressurreição: assim como Jonas esteve três dias

no ventre do peixe, o Filho do Homem estaria três dias no seio da terra (Mt 12,40).

Depois disso, Jonas obedece e vai a Nínive. Sua pregação é breve, mas eficaz: anuncia que a cidade será destruída em quarenta dias (Jn 3,4). Surpreendentemente, os ninivitas creem na mensagem, fazem penitência, vestem-se de saco e jejuam, desde o povo até o rei (Jn 3,5-6). Deus, vendo sua conversão, suspende o castigo. A ameaça profética, portanto, não era simples expressão de cólera, mas pedagogia divina: Deus anuncia o juízo para despertar o arrependimento e poder perdoar.

A reação de Jonas revela o centro espiritual do livro. Em vez de alegrar-se com a conversão de Nínive, ele se indigna, pois preferia ver a cidade destruída a contemplar sua salvação (Jn 4,1-2). Deus então lhe dá uma lição por meio de uma planta que cresce para lhe dar sombra e depois seca. Jonas se entristece pela perda da planta, mas não se compadece

da possível destruição de uma grande cidade. O Senhor mostra, assim, a incoerência do profeta e revela que sua misericórdia alcança todos os povos (Jn 4,10-11).

O Livro de Jonas ensina que Deus domina todas as criaturas e nações, e sua misericórdia não se limita às fronteiras de Israel. A salvação é oferecida à humanidade inteira; os pecadores não devem ser abandonados ao desespero, pois Deus espera a manifestação do arrependimento para perdoar. Jonas também mostra que o Senhor tem paciência com seus próprios servos: educa o profeta teimoso, corrige sua dureza e o ensina a ouvir sua voz nos acontecimentos permitidos pela Providência.

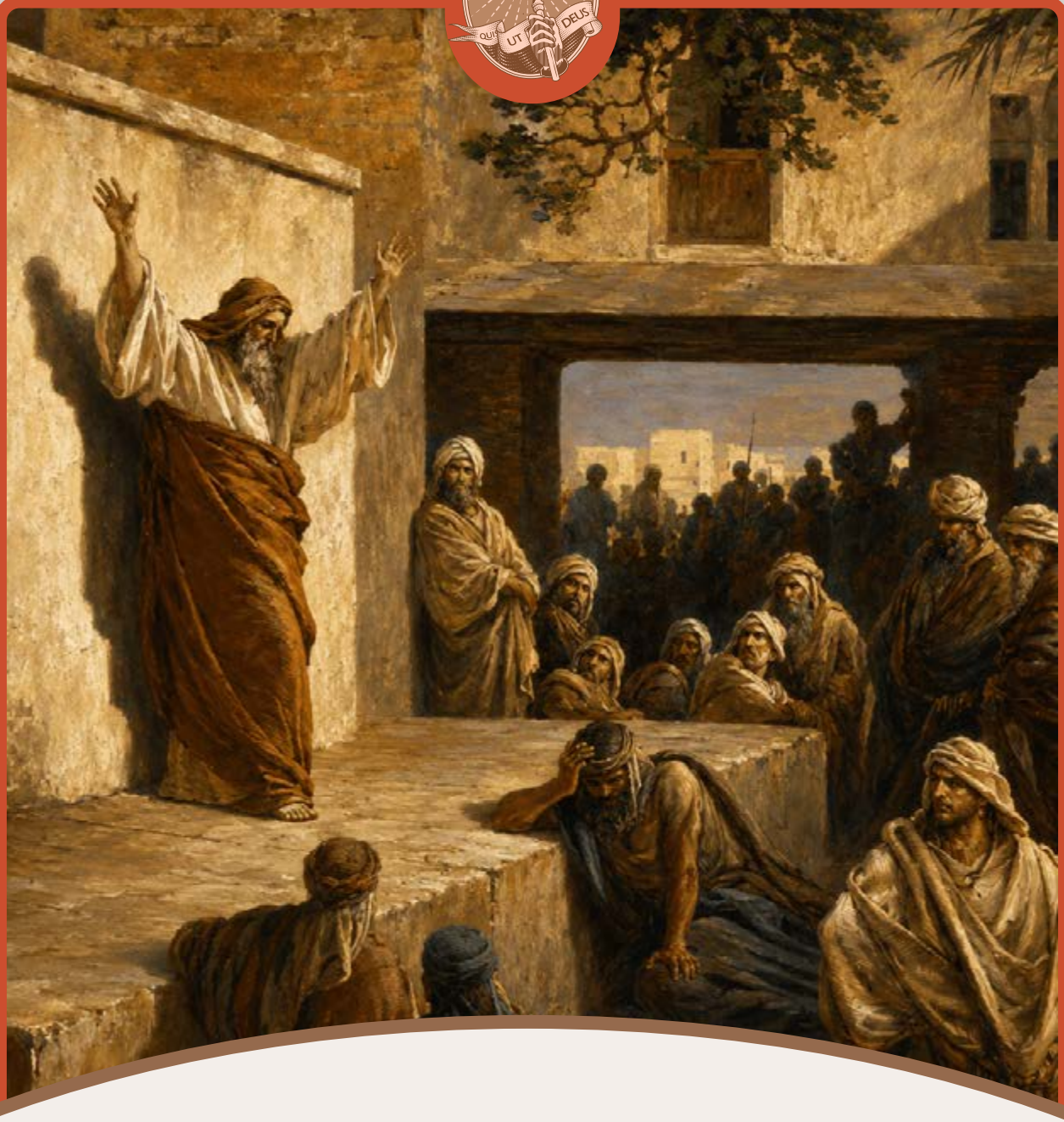
Assim, Jonas é uma ponte entre o Antigo e o Novo Testamento. Sua história anuncia a universalidade da salvação e prefigura o mistério pascal de Cristo. O Deus de Jonas é o Deus clemente e misericordioso, lento para a cólera

e rico em compaixão, que não deseja a morte do pecador, mas sua conversão e vida. Por isso, o livro permanece como uma catequese viva contra a dureza do coração religioso e como apelo para que o povo de Deus deseje a salvação até mesmo daqueles que considera distantes ou inimigos.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Como Jonas, vivo a fugir do chamado de Deus e de sua vontade?

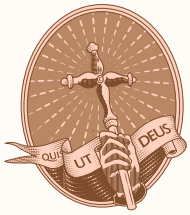
2. Me entristeço com a mudança de vida do próximo ao invés de me alegrar por sua conversão?



23 de Setembro

MIQUÉIAS - DE BELÉM VIRÁ A ESPERANÇA

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Miquéias pertence ao conjunto dos Profetas Menores e apresenta a pregação de um profeta rústico, de linguagem dura e profundamente sensível ao sofrimento dos pobres. Miquéias era natural de Moreset, aldeia próxima de Hebron, e profetizou em Judá nos reinados de Joatã, Acaz e Ezequias. Foi contemporâneo de Isaías, mas, enquanto Isaías estava ligado a Jerusalém e ao Templo, Miquéias aparece como profeta dos pobres, denunciando com vigor a injustiça social e a falsa segurança religiosa.

O livro tem sete capítulos e alterna ameaças e promessas. Miquéias anunciou a queda do Reino do Norte, Samaria, nas mãos dos assírios em 722 a.C., e também advertiu Judá de

que sofreria castigo semelhante por causa de seus pecados. Sua pregação deixou forte impressão em Jerusalém, tanto que o profeta Jeremias recorda um de seus oráculos contra a Cidade Santa, no qual Miquéias anunciava que Sião seria lavrada como um campo e Jerusalém se tornaria um montão de ruínas (Mq 3,12; Jr 26,18-19).

A primeira parte do livro traz oráculos de ameaça contra Samaria e Jerusalém (Mq 1–3). O profeta denuncia a idolatria, a prostituição sagrada e a infidelidade do povo escolhido. A Samaria é descrita como profundamente corrompida, e seu pecado atinge também Judá. Miquéias condena especialmente os poderosos que cobiçam terras, roubam casas, oprimem famílias e exploram os pobres (Mq 2,1-2). Também censura os chefes que deveriam praticar a justiça, mas devoram o povo como quem despedaça carne para a panela (Mq 3,1-3).

Miquéias também se levanta contra os falsos profetas e líderes religiosos corrompidos. Eles anunciam paz quando recebem vantagens, mas declaram guerra contra quem nada lhes oferece (Mq 3,5-7). Sacerdotes, chefes e profetas agem por interesse, dinheiro e gratificação, ao mesmo tempo que se apoiam falsamente no Senhor, dizendo que nenhuma desgraça os atingirá (Mq 3,11). Assim, o profeta denuncia a religião transformada em aparência vazia, usada para encobrir injustiças e manter privilégios.

Contudo, Miquéias não é apenas profeta de castigo. Ele anuncia também a esperança messiânica e a restauração futura. No fim dos tempos, a montanha da casa do Senhor será elevada, e as nações acorrerão a ela para aprender os caminhos de Deus (Mq 4,1-5). A fé do povo eleito se abrirá aos povos, e da Palavra do Senhor nascerá uma paz verdadeira: as espadas serão transformadas em

arados, e as lanças em foices. Essa paz, no sentido pleno, é fruto de Cristo, o Príncipe da Paz.

Entre as profecias mais luminosas do livro está o anúncio do Messias que nascerá em Belém: *"Mas tu, Belém de Éfrata, tão pequena entre os clãs de Judá, é de ti que sairá para mim aquele que é chamado a governar Israel. Suas origens remontam aos tempos antigos, aos dias do longínquo passado."* (Mq 5,1). A tradição cristã reconhece nessa profecia o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Davi, Pastor de seu povo e Rei cujo domínio se estenderá até os confins da terra. Miquéias também fala da salvação do "resto de Jacó", pequeno grupo fiel que Deus preservará e fortalecerá entre as nações (Mq 5,6-8).

Na parte final, o profeta resume a verdadeira religião com palavras de grande força espiritual: Deus não deseja apenas sacrifícios exteriores, mas que o homem pratique

a justiça, ame a bondade e caminhe humildemente diante dele (Mq 6,6-8). O livro termina reconhecendo a depravação do povo, mas também proclamando a esperança no perdão e na restauração. Mesmo depois do castigo, o Senhor tomará a causa de seu povo, reconduzi-lo-á à luz e manifestará novamente sua misericórdia (Mq 7,9-20). Assim, Miquéias ensina que a fé verdadeira exige justiça, caridade e humildade; e que a esperança de Israel repousa na Aliança e na Promessa, cumpridas plenamente em Cristo, nascido em Belém para apascentar o povo de Deus.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Procuro ser caridoso e compassivo com aqueles que mais sofrem?
2. Minha religiosidade é apenas exterior ou é expressão viva de um amor a Deus enraizado no coração?

Quaresma de São MIGUEL

NÃO FIQUE PELO CAMINHO!

A **Quaresma de São Miguel** é uma grande benção em nossas vidas e se você chegou até aqui, com certeza teve um crescimento espiritual, superou grandes desafios e provações.

E eu quero te dar meus sinceros parabéns por isso! Você com certeza está no caminho certo e progredindo muito.

Mas, devemos seguir firmes e **não podemos parar por aqui.**

Para finalizar com chave de ouro a Quaresma de São Miguel, vamos fazer um retiro de encerramento, onde vamos juntos rezar, meditar e aprender mais sobre a Palavra de Deus, para que daqui em diante, as Sagradas Escrituras sejam uma fonte de sabedoria inesgotável para sua vida.

O retiro de encerramento da **Quaresma de São Miguel** vai acontecer nos dias 28, 29 e 30 de outubro.

APERTE AQUI

E faça sua inscrição gratuita para participar!

Quaresma de São MIGUEL

FALTAM 5 DIAS

O RETIRO DE ENCERRAMENTO DA QUARESMA DE SÃO MIGUEL

Não perca essa chance única de aprender sobre a Bíblia - **O "livro" que é essencial para viver a Fé e alcançar o Céu.**

APERTE AQUI

e faça sua inscrição gratuita

TE ESPERAMOS NO RETIRO!

24 de Setembro

NAUM - DEUS DERRUBA OS PODEROSOS

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Naum pertence ao conjunto dos Profetas Menores e anuncia a queda de Nínive, capital do império assírio. Naum, cujo nome significa “o consolado”, era natural de Elcós, no Norte de Israel, e sua vida é pouco conhecida. Seu ministério é geralmente situado no tempo do rei Manassés, depois de mais de um século de domínio assírio sobre Israel. O livro foi escrito pouco antes da destruição de Nínive, ocorrida em 612 a.C., pelas mãos dos babilônios.

A mensagem de Naum é muito diferente da de Jonas. Em Jonas, Nínive é chamada à conversão e alcança misericórdia; em Naum,

a cidade aparece endurecida no mal, madura para o juízo. A Assíria havia dominado o Oriente Próximo por meio do terror, com pesados impostos, deportações, violência e devastação. Foi esse império que levou ao cativeiro as dez tribos do Reino do Norte, após a queda da Samaria em 722 a.C. Por isso, o povo clamava a Deus por libertação.

O livro é um canto profético e patriótico que celebra a ruína do opressor de Israel. Nínive, símbolo de esplendor e poder, é também apresentada como cidade de graves delitos: idolatria, magia, crimes, tirania, exploração e devassidão. Naum mostra que nenhuma potência permanece impune diante de Deus. O Senhor concede o domínio aos povos, mas também os julga quando se entregam à injustiça e à crueldade.

A profecia começa com uma espécie de salmo que proclama a soberania de Deus (Na 1,1-8). O Senhor é paciente e grande em poder,

mas não deixa o culpado impune. Ele domina a tempestade, o mar, os rios e as forças da natureza. Assim, a queda de Nínive não é explicada apenas como acontecimento político, mas como intervenção divina. Deus é Senhor da história: abate os impérios soberbos e salva os seus fiéis.

Para Judá, a destruição de Nínive é motivo de consolação e esperança. O sofrimento de Israel não durará para sempre, pois Deus quebrará o jugo que pesava sobre o seu povo e romperá suas cadeias (Na 1,12-13). A ruína do inimigo abre caminho para a paz, e o mensageiro que anuncia a boa nova convida Judá a celebrar suas festas e cumprir seus votos (Na 2,1). Os impérios passam, mas o povo de Deus permanece sob o cuidado do Senhor.

Naum descreve de modo vivo e antecipado a queda da cidade, como se fosse testemunha de sua destruição. Nínive, antes instrumento de castigo, torna-se objeto do juízo divino.

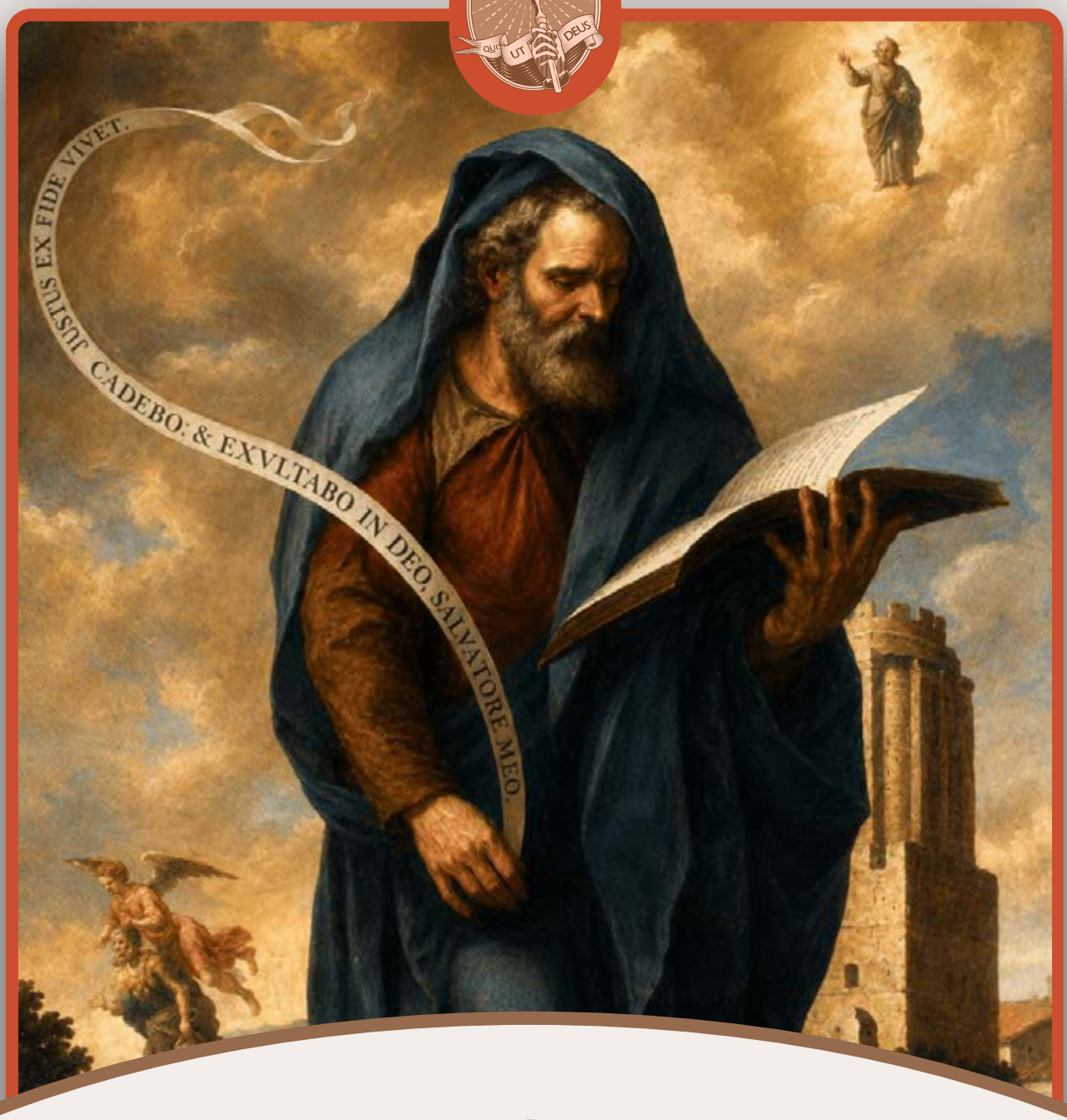
Suas muralhas, carros, guerreiros e riquezas não poderão salvá-la. O profeta emprega a linguagem do "Dia do Senhor", mostrando que a derrota da cidade manifesta a justiça de Deus contra a impiedade e a violência (Na 3,1-7).

O livro termina com uma sentença severa: a ferida de Nínive é incurável, e todos os que ouvirem a notícia de sua queda aplaudirão, pois sua maldade atingiu muitos povos (Na 3,19). Assim, Naum ensina que Deus não tolera a injustiça para sempre. A paciência divina não significa indiferença diante do mal. Para os fiéis, sua mensagem é consolo e esperança: o Senhor vê a opressão, julga os soberbos, liberta seu povo e mostra que nenhum império terreno pode resistir ao seu Reino.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Qual é o pior inimigo espiritual que enfrento hoje? Busco o auxílio de Deus para vencê-lo?

2. Com confiança, rezo, faço sacrifícios e espero confiante em Deus a libertação dos males que me afligem?



25 de Setembro

HABACUC - O JUSTO VIVERÁ PELA FÉ

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Habacuc pertence ao conjunto dos Profetas Menores e apresenta um tom singular entre os profetas: mais do que anunciar diretamente ao povo, o profeta interroga a Deus sobre o mistério do mal. Habacuc viveu por volta do ano 600 a.C., no início da expansão do império babilônico, provavelmente no tempo do rei Joaquim. Sua profecia nasce da angústia diante da violência, da injustiça e da aparente demora de Deus em intervir.

O livro começa com as perguntas do profeta e as respostas do Senhor (Hab 1,1–2,6). Habacuc vê opressão, violência, discórdia

e injustiça, e pergunta até quando Deus permanecerá silencioso diante do mal (Hab 1,2-4). O Senhor responde anunciando que suscitará os caldeus, povo feroz e impetuoso, como instrumento de castigo contra os pecados do povo (Hab 1,5-6). Assim, Deus mostra que não está ausente da história, ainda que seus caminhos pareçam obscuros ao olhar humano.

Contudo, a resposta divina provoca nova pergunta no coração do profeta. Como Deus poderia usar um povo ainda mais ímpio para castigar Israel? Habacuc não compreende plenamente a justiça divina, mas permanece como sentinela à espera da Palavra do Senhor (Hab 2,1). Então Deus lhe revela o princípio central do livro: o ímpio perecerá, mas *"o justo viverá por sua fé"* (Hab 2,4). Essa frase será retomada por São Paulo para falar da justificação pela fé, mostrando sua profunda importância para a vida cristã (Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10,38).

Em seguida, o livro apresenta cinco lamentos contra o opressor (Hab 2,5-20). São condenadas a cobiça arrogante, a presunção, a violência, a construção de cidades sobre o sangue, a corrupção da dignidade humana e a idolatria. O povo que parece invencível também será julgado, pois Deus não permite que a soberba e a crueldade triunfem para sempre. O instrumento do castigo não fica isento de responsabilidade diante do Senhor.

A segunda parte do livro é o Salmo de Habacuc (Hab 3,1-19), um hino que contempla a manifestação poderosa de Deus em favor de seu povo. O profeta recorda as intervenções divinas na história de Israel e celebra o Senhor como guerreiro contra a impiedade. Diante da majestade de Deus, Habacuc aprende a esperar em silêncio o dia da aflição, certo de que o Senhor agirá no tempo oportuno.

O livro termina com uma das mais belas profissões de confiança do Antigo Testamen-

to. Ainda que faltem os frutos da terra, as colheitas, os rebanhos e todos os sinais exteriores de prosperidade, o profeta se alegrará no Senhor e exultará no Deus de sua salvação (Hab 3,16-19). Assim, Habacuc ensina que há um tempo para esperar, crer e permanecer fiel, mesmo quando não se compreendem os caminhos de Deus.

Desse modo, o Livro de Habacuc oferece uma profunda catequese sobre a fé em meio à crise. Ele mostra nossa incapacidade de compreender plenamente os desígnios divinos, mas também proclama que Deus conduz a história, julga os soberbos e prepara a vitória dos justos. A resposta para o mistério do mal não é a revolta nem o desespero, mas a fidelidade confiante: o justo viverá pela fé, sustentado pelo Deus que não abandona os seus filhos.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Como é a minha reação diante das demoras de Deus para acabar com as injustiças que sofro ou percebo na vida dos que amo?

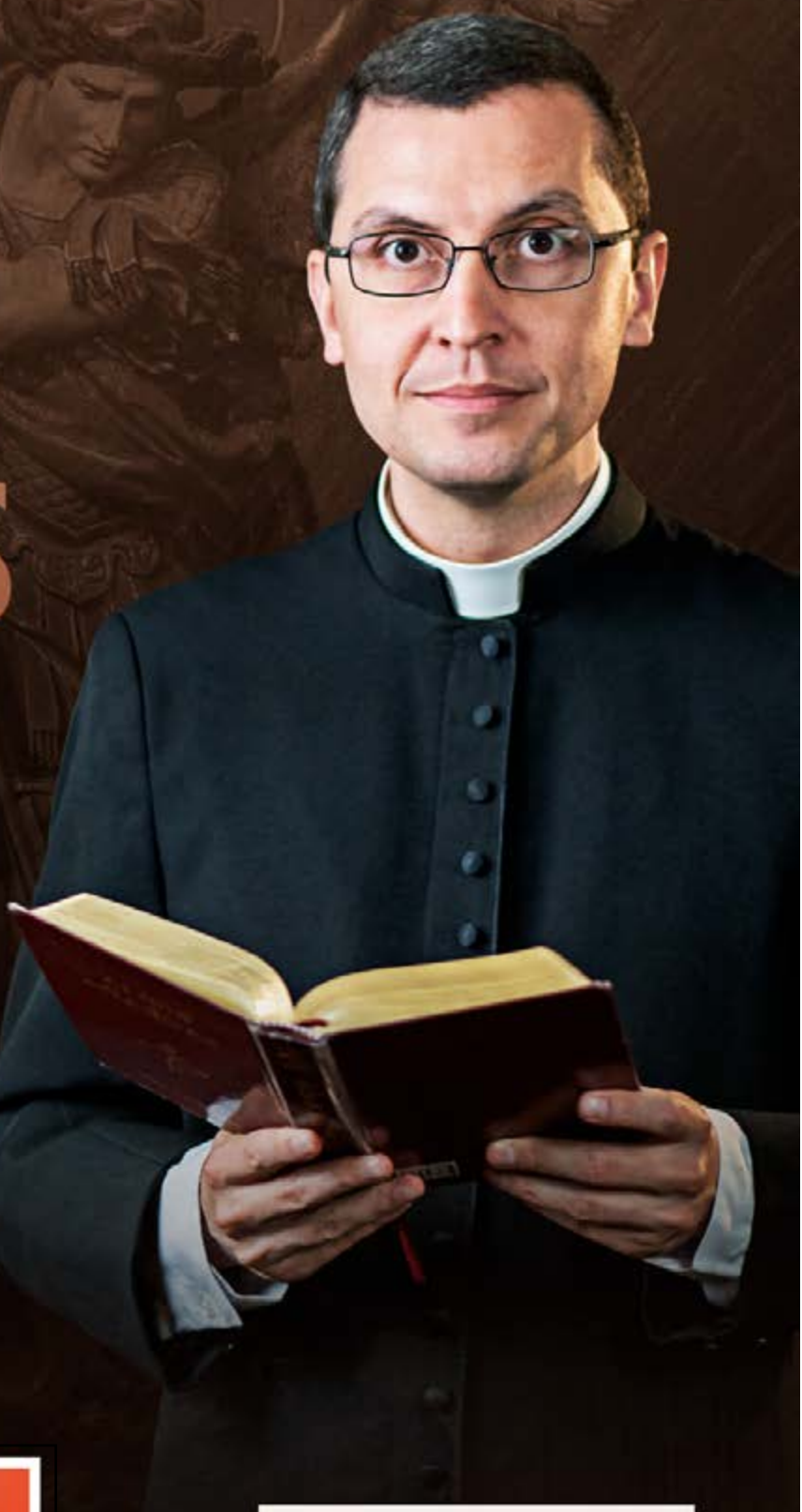
2. Confio que Deus cuida da minha vida e jamais me abandonará, mesmo diante dos maiores sofrimentos?

Quaresma de São MIGUEL

FALTAM 3 DIAS

O RETIRO DE ENCERRAMENTO DA QUARESMA DE SÃO MIGUEL

Não perca essa chance única de aprender sobre a Bíblia - **O "livro" que é essencial para viver a Fé e alcançar o Céu.**



APERTE AQUI

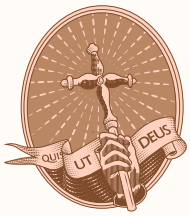
e faça sua inscrição gratuita

TE ESPERAMOS NO RETIRO!

26 de Setembro

SOFONIAS - O "PEQUENO RESTO" DOS HUMILDES

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Sofonias pertence ao conjunto dos Profetas Menores e apresenta a pregação de um profeta cujo nome significa “aquele que Deus protege”. Sofonias exerceu seu ministério em Jerusalém, no início do reinado do piedoso rei Josias, antes da grande reforma religiosa de 622 a.C. O livro reflete um tempo de crise espiritual em Judá, marcado pela idolatria, por superstições pagãs, injustiças e exploração do povo, heranças do reinado ímpio de Manassés (2 Rs 21,6-7).

A mensagem principal de Sofonias é o anúncio do “Dia do Senhor” (Sf 1,7-18). Esse dia

aparece como intervenção decisiva de Deus na história, quando todos serão julgados: Judá, Jerusalém e também as nações pagãs. Não será um dia de simples triunfo exterior, mas de castigo contra a idolatria, a violência, a indiferença religiosa e a falsa segurança dos homens. O Senhor mostrará que tem em suas mãos o destino de todos os povos.

O livro começa com um juízo em tom escatológico contra Judá e contra as nações (Sf 1,1–2,3). Sofonias denuncia os que adoram Baal, os que se prostram diante dos astros, os que misturam o culto ao Senhor com práticas pagãs e aqueles que se afastam de Deus, sem buscá-lo nem se preocupar com Ele (Sf 1,4-6). Também anuncia castigo contra chefes, príncipes e todos os que enriquecem suas casas com fraude e violência (Sf 1,7-9).

Mesmo diante da severidade do juízo, Sofonias faz um chamado à conversão. O povo deve curvar-se diante de Deus, buscar o

Senhor, procurar a justiça e a humildade, para talvez encontrar abrigo no dia da cólera divina (Sf 2,1-3). Como os outros profetas, ele ensina que as ameaças de Deus não são desespero, mas apelo pedagógico à penitência. O castigo se aproxima, mas ainda há tempo para voltar ao Senhor.

Sofonias também anuncia o juízo contra os povos que oprimiram Israel, como filisteus, Moab, Amon, Etiópia e Assíria (Sf 2,4-15). Em seguida, volta-se contra Jerusalém, chamada de cidade rebelde e tirânica, porque não ouviu a voz de Deus nem aceitou a correção (Sf 3,1-6). Seus chefes são injustos, seus profetas são impostores, e seus sacerdotes profanam as coisas santas e violam a Lei. Ainda assim, o Senhor permanece justo no meio dela.

Como acontece frequentemente nos profetas, a última palavra não é de destruição, mas de restauração. Deus promete purificar os povos, dar-lhes lábios puros e reunir ado-

radores que invoquem seu nome (Sf 3,9-10). Também fará subsistir no meio de Israel um resto humilde e pobre, que confiará no nome do Senhor e viverá sem mentira, medo ou perturbação (Sf 3,11-13). Esse "resto" será o povo renovado pela justiça, pela humildade e pela fidelidade.

O livro termina com uma perspectiva messiânica de júbilo e consolação. Jerusalém é convidada a alegrar-se, porque o Senhor afastou sua sentença, removeu seus inimigos e está no meio dela como Rei e Salvador (Sf 3,14-18). Esse texto é usado no Advento e foi aplicado à Virgem Maria, excelsa filha de Sião, que sobressai entre os humildes e pobres do Senhor. Assim, Sofonias ensina que Deus julga o pecado, purifica o seu povo e prepara uma alegria definitiva para os que permanecem humildes, fiéis e confiantes em sua misericórdia.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Quais são as situações da minha vida que ainda necessitam de conversão?

2. Avaliando minha caminhada nesta Quaresma de São Miguel, posso me alegrar com as mudanças que procurei fazer?

Quaresma de São MIGUEL

COMEÇA AMANHÃ

O RETIRO DE ENCERRAMENTO DA QUARESMA DE SÃO MIGUEL

Não perca essa chance única de aprender sobre a Bíblia - **O "livro" que é essencial para viver a Fé e alcançar o Céu.**

APERTE AQUI

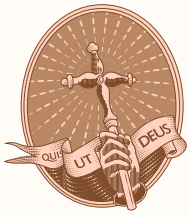
e faça sua inscrição gratuita

TE ESPERAMOS NO RETIRO!

27 de Setembro

AGEU - O TEMPO DE RECONSTRUIR

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Ageu pertence ao conjunto dos Profetas Menores e situa-se no período do retorno do Exílio da Babilônia. Ageu, cujo nome significa “festa”, exerceu seu ministério em Jerusalém por volta de 520 a.C., quando o povo judeu, conduzido por Zorobabel e pelo sumo sacerdote Josué, devia retomar a reconstrução do Templo destruído por Nabucodonosor em 586 a.C. O profeta é mencionado em Esdras, ao lado de Zacarias, como aquele que sustentou espiritualmente os anciãos e o povo na obra da reconstrução (Esd 5,1; 6,14).

A mensagem de Ageu é direta, concreta e profundamente religiosa. Ele não apresenta longas visões simbólicas, mas chama o povo a

reconhecer que a reconstrução do Templo era prioridade espiritual. Os repatriados haviam se preocupado mais com suas próprias casas do que com a casa de Deus, deixando o Templo em ruínas (Ag 1,4). Por isso, o profeta mostra que a esterilidade do trabalho, a escassez das colheitas e a insatisfação do povo eram consequência de sua negligência para com a glória do Senhor (Ag 1,5-11).

Ao ouvir a palavra de Ageu, Zorobabel, Josué e todo o povo temeram o Senhor e acolheram a exortação profética (Ag 1,12). A partir dessa conversão, Deus muda sua atitude para com eles e promete estar no meio do povo. A reconstrução do Templo, portanto, não era apenas uma obra arquitetônica, mas sinal de fé, obediência e restauração da presença divina em Jerusalém. O Templo significava a comunhão do povo com Deus e a soberania do Senhor sobre a história.

Ageu também consola os que se entristeciam ao comparar o novo Templo com a glória do antigo. O profeta anuncia que o esplendor futuro dessa casa será maior que o primeiro, pois Deus sacudirá as nações, fará afluir suas riquezas e encherá o Templo de glória (Ag 2,6-9). Nesse lugar, o Senhor dará a paz. Assim, a restauração do Templo aponta para uma esperança mais alta, ligada à presença de Deus e à renovação espiritual do povo.

O profeta denuncia ainda a impureza do povo por sua falta de fé e generosidade. Suas ofertas e atividades estavam manchadas porque o coração não estava plenamente voltado para Deus (Ag 2,14). Contudo, depois que as pedras do fundamento da casa do Senhor são lançadas, Ageu anuncia um novo tempo de bênção: a partir daquele dia, Deus promete derramar sua graça sobre o povo e fazer frutificar novamente a terra (Ag 2,18-19).

O livro termina com um oráculo messiânico dirigido a Zorobabel, descendente da casa de Davi. Deus promete abalar o céu e a terra, derrubar tronos e reinos, destruir o poder das nações e tomar Zorobabel como um sinete precioso, sinal de eleição e autoridade (Ag 2,20-23). Desse modo, Ageu não trata apenas da reconstrução material do Templo, mas da restauração da esperança davídica. Sua mensagem ensina que a vida do povo de Deus só se reorganiza verdadeiramente quando o Senhor ocupa o primeiro lugar; e que a fidelidade ao culto, à obediência e à missão confiada por Deus abre caminho para bênçãos, paz e esperança messiânica.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

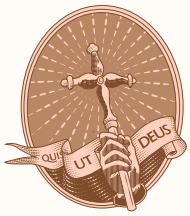
1. Deus ocupa o centro da minha vida? Me preocupo mais em buscá-lo do que em buscar o conforto material?

2. Me dedico em primeiro lugar à oração e só depois às outras tarefas?

28 de Setembro

ZACARIAS - O PROFETA DA ESPERANÇA MESSIÂNICA

Quaresma de São MIGUEL



O Livro de Zacarias pertence ao conjunto dos Profetas Menores e está situado no período do retorno do Exílio da Babilônia. Zacarias era sacerdote e contemporâneo do profeta Ageu; exerceu seu ministério por volta de 520 a.C., em Jerusalém, enquanto o povo reconstruía o Templo. Sua pregação une zelo pelo culto divino, apelo à conversão moral e esperança messiânica. Sua linguagem é fortemente simbólica e apocalíptica, com visões transmitidas por meio de anjos.

A primeira parte do livro trata da restauração de Israel e da reconstrução do Templo (Zc 1–8). Zacarias começa chamando o povo

à conversão: *"voltai a mim, e eu voltarei a vós"* (Zc 1,3). Em seguida, apresenta oito visões que comunicam esperança aos repatriados, convidando-os a trabalhar na restauração de Jerusalém e do Templo destruído por Nabucodonosor. Deus manifesta que se compadece de Sião, vencerá os inimigos e habitará novamente no meio do seu povo.

Entre essas visões, destacam-se os cavaleiros, sinal da vigilância divina sobre a terra; os quatro chifres e os quatro ferreiros, que indicam a derrota dos poderes que dispersaram Judá; a corda de medir Jerusalém, anunciando uma cidade renovada, protegida pelo próprio Deus como muro de fogo; e a purificação do sumo sacerdote Josué, cujas vestes sujas são trocadas por vestes limpas, sinal da restauração do sacerdócio (Zc 1–3). São Jerônimo viu na Jerusalém sem muros uma prefiguração da Igreja, aberta à multidão dos povos.

A visão do candelabro com sete lâmpadas e das duas oliveiras destaca a ação de Deus na reconstrução do Templo. As lâmpadas representam os olhos do Senhor que velam sobre o mundo, e as duas oliveiras indicam os dois consagrados, Zorobabel e Josué, instrumentos da restauração (Zc 4). Depois, o livro apresenta a maldição contra o ladrão e o perjuro, a expulsão da impiedade simbolizada pela mulher dentro do efá, e os quatro carros, sinais do comando divino sobre a terra. Tudo mostra que a restauração exterior precisa vir acompanhada de purificação moral.

Zacarias também corrige o falso jejum e ensina o verdadeiro culto: não basta jejuar exteriormente; é preciso praticar a justiça, agir com misericórdia, não oprimir a viúva, o órfão, o estrangeiro e o pobre, nem tramar o mal contra o próximo (Zc 7,5-10). Em seguida, anuncia a salvação messiânica: Deus voltará a Sião, Jerusalém será chamada cidade fiel, e

velhos, crianças e famílias viverão em paz (Zc 8,1-8). Os jejuns se tornarão dias de alegria, e muitos povos virão buscar o Senhor em Jerusalém (Zc 8,19-23).

A segunda parte do livro contém oráculos messiânicos sobre o futuro de Jerusalém, das nações e do Reino de Deus (Zc 9–14). Zacarias anuncia que o Messias virá a Jerusalém como rei manso, humilde e vitorioso, montado num jumento, profecia cumprida por Jesus no Domingo de Ramos (Zc 9,9-10; Mt 21,5; Jo 12,15). O profeta também condena os ídolos domésticos e os maus pastores que desviaram o povo (Zc 10–11), mostrando que Deus mesmo intervirá para fortalecer Israel e libertar Jerusalém.

Nos capítulos finais, Zacarias fala da conversão e purificação do povo. Deus derramará sobre a casa de Davi e sobre Jerusalém um espírito de graça e súplica; eles olharão para aquele que traspassaram e chorarão por ele

como por um filho único (Zc 12,10). Também haverá uma fonte aberta para purificar Jerusalém do pecado e da impureza (Zc 13,1). O livro termina com a batalha final e o reinado universal do Senhor: Deus reinará sobre toda a terra, Jerusalém estará segura, as nações adorarão o Rei, e até os objetos comuns serão consagrados ao Senhor (Zc 14,8-20). Assim, Zacarias ensina que Deus restaura seu povo, purifica o culto, promete o Messias humilde e vitorioso, e conduz a história para o triunfo definitivo do seu Reino.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Busco jejuar e com este jejum praticar também a caridade?

2. O meu coração é puro? Quais são os principais pensamentos que tenho ao longo do dia?

29 de Setembro

MALAQUIAS - O ANÚNCIO DO PRECURSOR E DO MESSIAS

Quaresma de São MIGUEL

O Livro de Malaquias encerra o conjunto dos Profetas Menores e, na disposição cristã da Bíblia, conclui o Antigo Testamento. Seu nome significa “meu mensageiro”. Pouco se sabe sobre o profeta, mas sua pregação situa-se após a reconstrução do Templo de Jerusalém, concluída em 515 a.C., e antes das reformas de Esdras e Neemias. O povo havia retornado do Exílio, mas a comunidade encontrava-se espiritualmente desanimada, com o culto enfraquecido e a fidelidade à Aliança comprometida.

Malaquias dirige sua mensagem aos repatriados de Israel para reacender neles a

fé em Deus e a obediência à Aliança. O livro é construído em forma de breves diálogos entre o Senhor, o profeta e o povo. Sua mensagem central pode ser resumida na exortação: *"Voltai para mim e eu voltarei para vós"* (Ml 3,7). O profeta denuncia uma religião desligada das exigências morais da Aliança e recorda que Deus não se deixa enganar por um culto exterior sem reverência, justiça e conversão.

O livro começa afirmando o amor de Deus por Israel (Ml 1,2-5). Mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelos repatriados, o Senhor mostra que seu amor permanece fiel. Em seguida, Malaquias repreende severamente os sacerdotes, porque ofereciam vítimas defeituosas e tratavam o altar do Senhor com desprezo (Ml 1,6-14). Deus prefere que não haja culto algum a receber um culto falso, indigno e contaminado. Ao mesmo tempo, o profeta anuncia que, um dia, o nome do Senhor será grande entre as nações e lhe será oferecida

uma oblação pura em todo lugar (Ml 1,11), passagem que muitos Padres da Igreja viram como anúncio da Eucaristia.

Malaquias também condena os pecados contra a família e a Aliança. Reprova os matrimônios mistos com mulheres estrangeiras, considerados infidelidade religiosa ao Senhor e ao povo eleito (Ml 2,11-12). Depois, denuncia a infidelidade conjugal e o divórcio, defendendo a união do homem e da mulher como uma só carne (Ml 2,15-16). Desse modo, sua pregação prepara a condenação mais plena do divórcio feita por Nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho (Mt 5,32; 19,6).

O profeta anuncia ainda a vinda do mensageiro que preparará o caminho do Senhor e do Anjo da Aliança, que virá ao seu Templo para purificar os filhos de Levi e restaurar o culto verdadeiro (Ml 3,1-5). Esse mensageiro será identificado no Novo Testamento com São João Batista, o precursor de Cristo (Mt 11,10;

Lc 7,27; Mc 1,2). Malaquias também censura o povo por não pagar o dízimo do Templo, chamando-o a sustentar o culto e prometendo bênçãos aos que forem fiéis (Ml 3,10-12).

A parte final do livro fala do Dia do Senhor, que será alegria para os justos e destruição para os ímpios (Ml 3,13-21). Muitos se escandalizavam ao ver os arrogantes prosperarem, mas Deus promete distinguir entre o justo e o ímpio, entre quem serve a Deus e quem não o serve. Para os que temem o nome do Senhor, nascerá o sol da justiça, trazendo salvação em seus raios (Ml 3,20).

O epílogo conclui com um chamado à fidelidade à Lei de Moisés e com a promessa da vinda de Elias antes do grande e temível Dia do Senhor (Ml 3,22-24). Jesus explicará que João Batista veio no espírito e no poder de Elias, preparando para o Senhor um povo bem disposto (Lc 1,17; Mt 11,14-15). Assim, Malaquias encerra o Antigo Testamento com uma pro-

funda expectativa: a restauração do culto, a purificação do povo, a vinda do Precursor e a chegada do Messias. Sua mensagem ensina que Deus ama seu povo, mas exige dele uma fé sincera, um culto digno, fidelidade familiar e conversão verdadeira.

PERGUNTAS PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. Durante esta Quaresma de São Miguel, vivi um verdadeiro aprofundamento em minha vida espiritual?

2. Como o conhecimento das Escrituras transformaram o meu coração nesta Quaresma de São Miguel?

ORAÇÕES DIÁRIAS

I. Pequeno exorcismo de Leão XIII.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate. Sede o nosso refúgio contra a maldade e as ciladas do demônio. Ordene-lhe Deus, instantemente o pedimos; e vós, Príncipe da milícia celeste, pela virtude divina, precipitai no inferno a Satanás e a todos os espíritos malignos, que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.

II. Ladainha de São Miguel Arcanjo

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, ouvi-nos.

Cristo, atendei-nos.

Pai celeste, que sois Deus, tende piedade de nós.

Filho redentor do mundo, que sois Deus, tende piedade de nós.

Espírito Santo, que sois Deus, tende piedade de nós.

Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.

Santa Maria, Rainha dos Anjos, rogai por nós.

São Miguel, rogai por nós.

São Miguel, cheio da graça de Deus, rogai...

São Miguel, perfeito adorador do Verbo Divino,

São Miguel, coroado de honra e de glória,

São Miguel, poderosíssimo príncipe dos exércitos do Senhor,

São Miguel, porta-estandarte da Santíssima Trindade,

São Miguel, guardião do Paraíso,

São Miguel, guia e consolador do povo israelita,

São Miguel, esplendor e fortaleza da Igreja militante,

São Miguel, honra e alegria da Igreja triunfante,

São Miguel, luz dos anjos,

São Miguel, baluarte dos cristãos,

São Miguel, força daqueles que combatem pelo estandarte da cruz,

São Miguel, luz e confiança das almas no último momento da vida,

São Miguel, socorro muito certo,

São Miguel, nosso auxílio em todas as adversidades,

São Miguel, arauto da sentença eterna,

São Miguel, consolador das almas que estão no Purgatório,

São Miguel, a quem o Senhor incumbiu de receber as almas depois da morte,

São Miguel, nosso príncipe,
São Miguel, nosso advogado, rogai por nós.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, perdoai-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, ouvi-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.

Rogai por nós, ó glorioso São Miguel, príncipe da Igreja de Cristo,
para que sejamos dignos de suas promessas.

Oremos: Senhor Jesus, santificai-nos por uma bênção sempre nova e concedei-nos, pela intercessão de São Miguel, essa sabedoria que nos ensina a ajuntar riquezas do céu e a trocar os bens do tempo presente pelos da eternidade. Vós que viveis e reinais em todos os séculos dos séculos. Amém.

III. Consagração a São Miguel Arcanjo.

Ó Príncipe nobilíssimo dos Anjos, valoroso guerreiro do Altíssimo, zeloso defensor da glória do Senhor, terror dos espíritos rebeldes, amor e delícia de todos os Anjos justos, meu diletíssimo Arcanjo São Miguel, desejando eu fazer parte do número dos vossos devotos e servos, a vós hoje me consagro, me dou e me ofereço e ponho-me a mim próprio, a minha família e tudo o que me pertence, debaixo da vossa poderosíssima proteção.

É pequena a oferta do meu serviço, sendo como sou um miserável pecador, mas vós engrandecereis o afeto do meu coração; recordai-vos que de hoje em diante estou debaixo do vosso sustento e deveis assistir-me em toda a minha vida e obter-me o perdão dos meus muitos e graves pecados, a graça de amar a Deus de todo coração, ao meu querido Salva-

dor Jesus Cristo e a minha Mãe Maria Santíssima.

Obtende-me aqueles auxílios que me são necessários para obter a coroa da eterna glória. Defendei-me dos inimigos da alma, especialmente na hora da morte. Vinde, ó príncipe gloriosíssimo, assistir-me na última luta e com a vossa arma poderosa lançai para longe, precipitando nos abismos do inferno, aquele anjo quebrador de promessas e soberbo que um dia prostrastes no combate no Céu.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate para que não pereçamos no supremo juízo.

IV. Oração final.

Levanta-se Deus, pela intercessão da bem-aventurada Virgem Maria, São Miguel Arcanjo e todas as milícias celestes; sejam dispersos

os seus inimigos e fujam de sua face todos os que o odeiam. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Rezar o Pai Nosso

Nesta quaresma e todos os dias de nossa vida, livrai-nos do mal. **Livrai-nos do mal** *(10x)*